

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

**MARIA DOS ANJOS PEREIRA RODRIGUES**

**LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: COMO OS PROFESSORES RECONHECEM  
SUAS POTENCIALIDADES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS PRÁTICAS DE  
ENSINO**

**Uberaba  
2016**

**MARIA DOS ANJOS PEREIRA RODRIGUES**

**LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: COMO OS PROFESSORES RECONHECEM  
SUAS POTENCIALIDADES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS PRÁTICAS DE  
ENSINO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de professores e cultura digital.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Bossler

**Uberaba  
2016**

**MARIA DOS ANJOS PEREIRA RODRIGUES**

**Linguagem cinematográfica: como os professores reconhecem suas potencialidades  
como recurso pedagógico nas práticas de ensino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: Fundamentos Educacionais e Formação de Professores

Uberaba, 21 de março de 2016.

Banca Examinadora

---

Profª Drª Ana Paula Bossler – Orientadora  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

---

Profª Drª Lucia de Fátima Estevinho Guido  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

---

Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Dedico à minha família, fonte de inspiração que sempre me apoiou e incentivou nesta caminhada. Em especial, aos meus pais Pedro (em memória) e Ana pelos exemplos, amor e carinho. À minha orientadora, que acreditou no projeto de pesquisa e deu todo o apoio para sua realização.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me agraciar, com a dádiva da vida e as condições de lutar pelos meus sonhos na realização desse valioso trabalho de pesquisa.

Aos professores do mestrado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), por construirmos de forma conjunta esta caminhada e, de forma especial, à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Bossler pela confiança, apoio e parceria.

Aos companheiros da 2.<sup>a</sup> turma de mestrado, que me incentivaram e diretamente têm sua parcela no resultado final desta pesquisa.

Aos professores que participaram dos cursos de formação “Cinema e Educação” num processo constante de ensino e aprendizado na construção de novas perspectivas para utilização do cinema na sala de aula.

Aos profissionais da Casa do Educador Prof<sup>a</sup> Dedê Prais, que me incentivaram nesta jornada, de forma especial à diretora querida Jane Luce Araújo (em memória), que desde do início me apoiou para participar de todas as aulas e atividades do Programa de Mestrado. Com carinho também às profissionais Patrícia de Oliveira Prata Mendes, Fátima Garcia Chaves e Simone Maria Castellano, que acreditaram e me incentivaram perante percalços e momentos em que desanimei junto à instituição. Agradeço a toda equipe do Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que caminharam junto aos discentes neste momento decisivo para nos tornarmos pesquisadores.

Um agradecimento especial e carinhoso à turma de Espanhol da Central de Idiomas Modernos, a Prof<sup>a</sup> Daniela Elisabete e a amigas de turma, Ana Luiza, Claudia Gomes e Joline Costa Keles.

Às minhas irmãs, Maria do Carmo e Eliete e à minha mãe Ana Rodrigues que sempre me apoiaram com carinho e compreensão. Sempre tiveram uma palavra de força para eu persistir nesta pequena e grande caminhada para uma formação pessoal e profissional, a fim de que eu pudesse ajudar minha família e todas as pessoas que vêm ao meu encontro e partilham desta trajetória comigo.

Mas o cinema é também uma utopia: aquela escrita do movimento que foi celebrada na década de 1920 como a grande sinfonia universal, a manifestação exemplar de uma energia que anima ao mesmo tempo a arte, o trabalho e a coletividade. O cinema pode, enfim, ser um conceito filosófico, uma teoria do próprio movimento das coisas e do pensamento... (RANCIÈRE, 2012-a, p.14-15)

## RESUMO

Esta dissertação registra os resultados sobre como os professores reconhecem as potencialidades da linguagem cinematográfica como recurso pedagógico em sua prática de ensino. O contexto da pesquisa se constitui em um curso de formação continuada de professores como espaço de construção e verificação dos saberes do corpo docente, relacionando o cinema às potencialidades que podem se configurar com esse recurso. O curso ocorreu na Casa do Educador Professora Dedê Prais, inaugurada em 2014, *lócus* formativo para professores da educação básica da Rede Municipal de Ensino de Uberaba/MG. Para atingir os objetivos propostos de compreender como os professores de educação básica reconhecem as potencialidades da linguagem cinematográfica na sala de aula, a pesquisa está estruturada em cinco seções. Na primeira seção apresentamos *Narrativas por meio da imagem*, na qual é realizado um panorama histórico do surgimento do cinema, sua influência cultural na sociedade contemporânea dos séculos XX e XXI e como se desenvolveu a história do cinema no Brasil e em Uberaba. Na segunda seção foram analisadas as temáticas sobre a *Formação de Professores* e a importância de pensar em uma formação continuada que contemple os anseios do corpo docente e sua prática no cotidiano escolar. Na terceira seção, apresentamos o desenho da pesquisa, tratando dos *Percursos Metodológicos* desenvolvidos nesse trabalho na perspectiva da pesquisa qualitativa e a exposição dos objetivos, o instrumento de pesquisa que foi empregado (grupo focal), bem como do desenvolvimento desses procedimentos e de como foi construída a proposta de trabalho. Na quarta seção, apresentamos os resultados da pesquisa, em que analisamos os dados em duas frentes referentes às suas impressões e utilização do cinema na sala de aula, por meio de campos semânticos e das vozes do discurso dos professores. Destacamos dez campos semânticos que abrangem os seguintes aspectos: pedagógicos, referências do universo escolar, a importância da mídia para educação na sociedade contemporânea; a construção do saber, como ele ocorre e como deve ser considerado pelo profissional docente. Deles destacamos que a educação do olhar pode ser empreendida por diversos caminhos, entre eles a vivência de experiências culturais que podem ser o diferencial no processo ensino aprendizagem do aluno. Nas vozes do discurso foram evidenciados os enunciados das participantes do Grupo Focal, elencando as referências que limitam o avançar metodológico da utilização do cinema na sala de aula. São elas: ter acesso e trabalhar com filmes que sejam adequados à faixa etária dos alunos; estabelecer relações entre a mensagem fílmica e os conteúdos trabalhados em sala de aula evidenciando que essas duas frentes são imprescindíveis para utilização desse recurso midiático. Destacamos também outros fatores a partir dos enunciados, como a dificuldade das docentes ao trabalharem fora do padrão tradicional de quadro, giz e aula expositiva além, inclusive, das limitações ao utilizarem recursos tecnológicos. Com o desenvolvimento de nossa pesquisa, foi possível entender como as professoras veem e têm a percepção sobre a linguagem audiovisual como um elemento para dinamizar suas práticas pedagógicas, além da compreensão semântica da linguagem audiovisual como um novo indicativo para formação dos professores locais.

**Palavras-chave:** Linguagem cinematográfica, formação de professores, recurso pedagógico, ensino e aprendizagem.

## RESUMEN

La disertación registra los resultados de cómo los profesores reconocen el potencial del lenguaje cinematográfico como herramienta pedagógica en su práctica cotidiana. El contexto de la investigación está relacionado con la prestación de un curso de formación continua de profesores como espacio de construcción y verificación de los conocimientos de los profesores sobre el cine y el potencial que se puede configurar con este recurso. El curso ocurrió en la “Casa do Educador Profesora Dede Prais”, locus formativo para docentes de educación básica de la Red Municipal de Enseñanza de Uberaba, que abrió sus puertas en el año 2014. Para lograr los objetivos fijados para entender cómo los maestros de educación básica reconocen el potencial del lenguaje cinematográfico en el aula, la encuesta se divide en cinco secciones: en la primera sección presentamos *Narrativas por medio de imagen*, en la que se realiza un repaso histórico de la aparición del cine, su influencia cultural en la sociedad contemporánea de los siglos XX y XXI y cómo se desarrolló la historia del cine en Brasil y en Uberaba. En la segunda sección, fue analizado el tema de la *Formación de Profesores* y la importancia de pensarse en la educación continua que tenga relación con las preocupaciones de los profesores y su enseñanza cotidiana. En la tercera sección, se presenta el diseño de la investigación de *Rutas Metodológicas* desarrolladas en este trabajo con perspectivas de investigación cualitativa y la presentación de los objetivos, el instrumento que se utilizó en la encuesta fue el grupo focal, cómo se han desarrollado estos procedimientos y cómo se construyó la propuesta de trabajo. En la cuarta sección, se presentan los resultados de la investigación, en la que analizamos los datos en dos frentes a través del campo semántico y de las voces del discurso de los profesores con respecto a sus impresiones y uso del cine en el aula. Destacamos diez campos semánticos que cubren los siguientes aspectos: pedagógicos, referencias al universo escolar, la importancia de educarse para los medios de comunicación en la sociedad contemporánea; la construcción del conocimiento, como se la produce y cómo debe de ser considerada por el profesional, la educación de la mirada puede darse de distintas maneras entre las cuales se encuentran las experiencias culturales que pueden hacer la diferencia a lo largo de la enseñanza y aprendizaje del alumno. En las voces del discurso se destacaron las declaraciones de los participantes del Grupo Focal, enumeramos las referencias que limitan el avance metodológico del uso del cine en el aula. Estos son: el acceso y el trabajo con películas que sean apropiadas para la edad de los estudiantes; establecer relaciones entre el mensaje fílmico y los contenidos trabajados en clase. Este binomio es indispensable para el uso de los medios de comunicación. Detectamos también otros tópicos establecidos como la dificultad de las profesionales de enseñanza en trabajar fuera del patrón tradicional compuesto por pizarra, tiza y habla, además de limitaciones con el uso de recursos tecnológicos. Con el desarrollo de nuestra investigación fue posible entender cómo las profesoras miran y tienen la percepción del lenguaje audiovisual como un elemento para dinamizar su enseñanza con la comprensión semántica del lenguaje audiovisual, así como un nuevo objetivo para la formación de los profesores locales.

**PALABRAS CLAVE:** lenguaje cinematográfico; formación de profesores; recursos pedagógicos; enseñanza; aprendizaje.



**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>QUADRO 1</b> - Programação realizada no curso de formação	75
<b>FIGURA 1</b> - Frequência de palavras por campo semântico	88
<b>QUADRO 2</b> - O que é destacado como importante pelas participantes	101
<b>QUADRO 3</b> - O que é destacado como importância pelas participantes	101
<b>QUADRO 4</b> - O que os professores precisa para realizar a atividade	101
<b>QUADRO 5</b> - As vozes presentes no discurso	105

## SUMÁRIO

	Apresentação	12
	Introdução	15
1	Narrativas por meio da imagem	18
1.1	No Brasil	20
1.2	O cinema na cidade de Uberaba	26
1.3	Uberabenses: de espectadores a produtores da cena	31
2	A formação dos professores no século XXI	38
2.1	Formação continuada do profissional docente	42
2.2	A importância de formar o professor culturalmente	46
2.3	Cinema na sala de aula	52
2.4	Um espaço para formação de Professores: Casa do Educador Professora Dedê Prais	57
2.5	Cinema e educação: a utilização da imagem no processo ensino- aprendizagem	62
2.6	A formação de professores e a linguagem cinematográfica	65
2.7	Proposições para formação de professores e linguagem cinematográfica na atualidade	69
3	O percurso metodológico	74
3.1	A Estrutura do Curso de formação da Semec	74
3.2	O Grupo focal	80
3.3	O roteiro do grupo focal	83
3.4	O discurso docente como fonte interpretativa	83
4	Resultados	86
4.1	Questionário	86
4.2	Grupo focal e Campos Semânticos	87
4.3	As vozes	104
4.3.1	Os obstáculos para o uso de filmes em sala de aula	106
4.3.2	As aprendizagens esperadas por meio do cinema como recurso pedagógico	110
4.3.3	Como é utilizado o cinema na sala de aula	112
4.3.4	Quais os critérios que os professores utilizam na escolha de filmes na sala de aula	117

4.3.5	Outros Apontamentos	121
5	Considerações Finais	125
	Referências	136
	Apêndice A- Questionário aplicado às cursistas para ter um perfil do grupo	143
	Apêndice B- Roteiro do grupo focal	145
	Apêndice C- Transcrição do grupo focal	147
	Anexos	

## APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento deste trabalho de pesquisa vem ao encontro de nossa caminhada com a apreciação dos filmes e a programação televisiva, que sempre nos atraiu para algo mágico.

Neste cenário, gostaríamos de destacar que o nosso olhar no encontro com a imagem estabelece um diálogo e uma construção de sentido que leva este universo mágico a outros ambientes e contextos em que estamos inseridos, por isso percebemos uma similitude entre o pessoal e o profissional em uma mesma caminhada.

Na minha formação inicial, Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia em parceria com a Faculdade de Educação de Uberaba-UFU/FEU, não tivemos uma prática que fizesse ligação entre os conhecimentos acadêmicos e a linguagem cinematográfica. No entanto, sempre reuníamos um grupo de pessoas para irmos ao cinema e discutíamos o filme posteriormente.

Na organização desta atividade que, inicialmente, intitulamos de Cine-PU, tínhamos como foco atrair universitários para a Pastoral Universitária, já que a maioria do grupo já tinha se formado e desejava que a Pastoral continuasse com outros universitários. Essa experiência ilustra a importância do envolvimento pessoal/do graduando com o cinema, ressaltando o valor de um projeto cultural direcionado ao público universitário.

Foi na realização de um evento, inicialmente de forma casual, que nosso olhar ficou mais atento à relação entre informação, construção do conhecimento e educação do olhar por meio de obras fílmicas. O Cine-PU foi organizado em 2001, junto com o coordenador da Ordem dos Advogados do Brasil – (OAB-Jovem), que gostou da proposta e permitiu que a organizássemos todo mês. Num primeiro momento, tínhamos o apoio dos integrantes da Pastoral Universitária que davam suporte à organização do evento, com a intenção de ampliar a proposta mudamos o nome do projeto para Cine Cultura, voltado para toda a sociedade.

Dessa maneira, há 14 anos são exibidos filmes uma vez ao mês, seguido de debate com um moderador-convidado. De forma ininterrupta, os presidentes que passaram, e o atual presidente da 14ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil-(OAB) de Uberaba, vêm apoiando e oferecendo a estrutura para realização do evento.

Como professora de educação básica (faixa etária de 11 a 14 anos), construímos uma proposta didática por meio da análise de filmes, documentários e curtas para o universo escolar, dialogando com a visão que dos próprios alunos e desenvolvendo, conseqüentemente, uma nova visão sobre a linguagem cinematográfica.

Já na atuação profissional com cursos de formação e na atuação como formadora no desenvolvimento do projeto Cine Cultura atingimos públicos mais amplos, com interesses diferentes.

Em outro momento, a realização do curso de Pós-Graduação Lato Sensu *Leitura e Crítica como Prática Social*, oferecido no período de 2007 e 2008 pelo SENAC/MG para os professores da rede, em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberaba e a Secretaria de Educação e Cultura, foi outra oportunidade de desenvolver o tema da linguagem cinematográfica.

Nesse curso, após o módulo *Gêneros Textuais*, elaboramos uma proposta de artigo final em que sugerimos o tema referente à utilização do cinema na sala de aula, aliando nossa caminhada em projetos de educação não formal para a educação formal, tendo o cinema como recurso lúdico pedagógico.

Essa caminhada resultou na elaboração e na execução de projetos relacionados à linguagem cinematográfica em nossa atuação como professora e analista de gestão educacional, papel exercido junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba, desde o ano de 2011, no Departamento de Formação Continuada.

As atribuições do cargo de Analista de Gestão Educacional incluem: realizar pesquisas, estudos, análises, planejamento, implantar, supervisionar, coordenar, controlar trabalhos educacionais, elaborar projetos/planos implementando sua execução e avaliar atividades educacionais. Para além dessas atribuições descritas temos promovido cursos de formação continuada de professores da rede municipal relacionados à linguagem cinematográfica e também utilizado este recurso como apoio em eventos realizados pelo Departamento de Formação Continuada.

Dessa forma, procuramos apresentar uma proposta de formação que dialoga com esta trajetória de participação dos professores na perspectiva de conhecimento e de informação sobre a linguagem cinematográfica, em parceria com a Rede Municipal de Ensino de Uberaba.

Essa nova visão da linguagem cinematográfica relaciona-se ao conhecimento de mundo e de seu entorno por meio de obras fílmicas, pois o cinema nos interpela com sua mensagem que entra em contato com a vivência pessoal e, neste encontro, passamos a ter uma visão mais apurada sobre vários temas. Assim, o ano de 2014, propusemos um curso de formação continuada de professores intitulado “*Aprendizagens possíveis por meio da linguagem cinematográfica: cinema e educação*”, como uma maneira de oferecer uma

proposta formativa ao corpo docente e conhecer, de fato, a aproximação destes profissionais com a linguagem fílmica.

O curso almejava atingir um público de 25 professores da educação básica, composto por professores da educação infantil, ensino fundamental I e fundamental II, que atuam na Rede Municipal de Ensino de Uberaba. A partir desse curso, procuramos compreender como os professores reconhecem as potencialidades da linguagem cinematográfica como recursos didáticos em sua prática de ensino.

Seguindo a proposta dos cursos oferecidos pelo Departamento de Formação Continuada, estruturamos em módulos para atingir um número maior de pessoas. Assim, o curso ocorreria em três módulos de 20 horas, realizados todas as segundas-feiras à noite, na Casa do Educador Professora Dedê Prais.

Com a oportunidade de participar do processo de seleção do programa de pós-graduação em Educação da UFTM, na linha de pesquisa *Formação de Professores e Cultura Digital*, apresentei um projeto de pesquisa que pudesse inter-relacionar esse tema com a formação de professores. Apesar de derivar de uma mesma caminhada, percebemos que o projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Programa de Mestrado da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) possui contextos diferentes, mas que convergem nessa proposta.

Portanto, essa pesquisa é o reflexo de uma trajetória construída em âmbito local envolvendo diversos contextos, destacando a importância deste tema na formação continuada de professores.

## INTRODUÇÃO

Uma das grandes conquistas do século XIX é o registro da imagem do homem em movimento a partir da criação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière. Na trajetória histórica da humanidade, o homem sempre procurou deixar registrado o seu cotidiano e a sua história.

Com a prática cinematográfica, surgem várias possibilidades de captar a imagem no momento do acontecimento e de gravar histórias e exibi-las para um público amplo e diverso, que se expande de forma rápida caracterizando e determinando um novo aspecto de acesso cultural.

Além disso, a sociedade contemporânea é cercada por apelos visuais, utiliza a imagem para compor a paisagem urbana e o cotidiano do homem moderno. Por este motivo, a linguagem do audiovisual e tudo que a compõe merece uma atenção especial no contexto escolar, cultural, familiar e em outros ambientes de formação do cidadão e da cidadã.

Para irmos além do simples fato de ver uma imagem ou um filme, mas também compreender aquilo que vemos, devemos ter um olhar mais crítico ao que nos é apresentado a todo o momento pela mídia e pelos meios de comunicação. Ao analisar é preciso interpretar a imagem que invade o nosso cotidiano por meio das obras fílmicas. Que tipos de formação de fato devemos empreender para proceder esta análise?

Uma proposta que desenvolve este tema é o trabalho que vem sendo organizado pela Unesco, iniciado em 2008, direcionado para a formação de professores desenvolvendo a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI).

Esse trabalho foi preparado por um grupo internacional de especialistas que pensou e preparou estratégias formativas visando que professores tenha instrumentos para conhecer, analisar e avaliar as informações da mídia e sua utilização como prática de ensino e como cidadão consciente do seu papel de formador de opinião.

Um dos organizadores deste material é Wilson Carilyn, que define a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) como “um conjunto de competências individuais necessárias para identificação, avaliação e uso das informações de maneira mais ética, eficiente e eficaz possível ao longo de todas as áreas, ocupações e profissões.” (UNESCO, 2013, p.139).

Pensando de maneira mais específica, uma formação que inclui a linguagem cinematográfica poderia contribuir na construção de um olhar crítico pelo fato de alcançar todas as idades, disponibilizar obras de diversos gêneros, desenvolvendo um olhar mais atento para compreender as semânticas que o autor (diretor ou roteirista do filme) quis expressar em

sua obra. Educar o olhar do indivíduo para esta apreciação mais significativa da obra é um trabalho que o educador pode desenvolver em suas aulas. Segundo Carmo (2004, p.3), “educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético”.

A cidade de Uberaba (MG) possui um histórico na apreciação da sétima arte, que teve tempos áureos, chegando a funcionar várias salas de cinema na cidade. Atualmente, em espaços diferenciados do município, há projetos com exibições gratuitas de filmes como o Projeto Cine Cultura da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e do Centro Cultural da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sendo os mais divulgados.

Sabemos que na prática pedagógica dos professores, de uma forma geral, são utilizadas obras cinematográficas como recurso para o ensino e a aprendizagem dos alunos, numa interlocução entre conteúdo, contexto da obra fílmica e visão do aluno sobre o tema.

Com essas questões de fundo, nesse trabalho de pesquisa procuramos conhecer o ponto de vista dos professores participantes, quais seriam as potencialidades de aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica para o docente e, conseqüentemente, na formação continuada de professores da Rede Municipal de Ensino de Uberaba.

Nesse contexto, oferecemos um curso de formação que aconteceu na Casa do Educador Professora Dedê Prais. Somente no exercício de 2015, a Casa do Educador Professora Dedê Prais ofereceu 28 cursos de formação continuada para os professores da rede municipal. Os cursos estruturaram-se em módulos de 20 horas realizados em dias e horários pré-definidos.

Além disso, foi oferecido mais um curso em caráter obrigatório, denominado Núcleo Comum *Escola do Caminho: Sujeito, Saberes e Pesquisa*, abordando a filosofia da Rede Municipal de Ensino. Organizado pelos formadores, tinha como objetivo tratar da filosofia e propostas de gestão municipal para o desenvolvimento da educação local, mas nesse curso não foi trabalhado o tema relativo à linguagem cinematográfica.

O curso *Aprendizagens possíveis por meio da linguagem cinematográfica: cinema e educação* foi oferecido em três módulos de 20 horas, perfazendo um total de 60 horas de curso. Nele apresentamos e desenvolvemos a nossa proposta de formação por meio da linguagem cinematográfica e, conseqüentemente estabelecemos contato com os potenciais sujeitos da nossa pesquisa.

O texto aqui apresentado encontra-se estruturado em quatro seções. Na Seção 1, *A História do Cinema*, será apresentado um panorama histórico do surgimento do cinema, sua



influência cultural na sociedade dos séculos XX e XXI e seu desenvolvimento na história do Brasil e de Uberaba.

Na Seção 2, foram analisadas as temáticas sobre a *Formação de Professores* e a importância de pensar em uma formação continuada que contemple os anseios do corpo docente e sua prática no cotidiano escolar. Fizemos também uma análise para conhecer a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba e sua política educacional de formação de professores. Dedicamos um item para tratar do espaço formativo em que foi realizado o curso e as atividades de pesquisa, a Casa do Educador Professora Dedê Prais, inaugurada em 2014, como um espaço de referência para a formação dos professores da rede municipal de ensino. Nesta seção, ainda, expomos sobre o tema central deste trabalho de pesquisa, *Cinema e Educação*, as relações que foram sendo desenhadas neste contexto e a importância da leitura audiovisual para os profissionais que atuam na escola do século XXI.

Na Seção 3, delineamos o desenho da pesquisa tratando dos *Percurso Metodológicos* desenvolvidos neste trabalho, a exposição dos objetivos, o instrumento de pesquisa que foi empregado (grupo focal), como esses procedimentos foram desenvolvidos e como foi construída a proposta de trabalho.

Na Seção 4, apresentamos os resultados preliminares da pesquisa, com a análise do perfil do grupo e como foi desenvolvido o grupo focal: este possibilita uma visão do professor, no caso, os participantes do curso, de como veem e utilizam a linguagem cinematográfica em sala de aula.

Finalizamos com a Seção 5, na qual as conclusões do trabalho e as proposições finais apresentam duas frentes de análises: os campos semânticos e as vozes do discurso referentes aos enunciados das participantes que se posicionaram sobre o tema cinema e educação.

Este trabalho de pesquisa procura ser um instrumento para auxiliar, despertar e desenvolver, com os docentes, elementos de apreciação da linguagem cinematográfica favorecendo o desenvolvimento e a formação do senso crítico por meio da compreensão da linguagem do cinema.

## SEÇÃO 1 A NARRATIVA POR MEIO DA IMAGEM

A invenção do cinema chega ao seu ápice depois de uma longa trajetória de buscas, tentativas e experimentos durante séculos para deixar registrada a imagem no momento do acontecimento, “a imagem em movimento”. Com a invenção do cinematográfico pelos irmãos Lumière tem-se, ao final do século XIX, a realização deste grande sonho da humanidade.

Muitos inventores já tinham apresentado sucesso nessa busca, conforme aponta Costa (2009, p.19):

Sabe-se que os irmãos Lumière não foram os primeiros a fazer uma exibição de filmes pública e paga. Em 1º de novembro de 1895, dois meses antes da famosa apresentação do cinematógrafo Lumière no Grand Café, os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos do bioscópio, seu sistema de projeção de filmes, num grande teatro de vaudeville em Berlim. Auguste e Louis Lumière, apesar de não terem sido os primeiros na corrida, são os que ficaram mais famosos. Eram negociantes experientes, que souberam tornar seu invento conhecido no mundo todo e fazer do cinema uma atividade lucrativa, vendendo câmeras e filmes. A família Lumière era, então, a maior produtora europeia de placas fotográficas, e o *marketing* fazia parte de suas práticas. Parte do sucesso do cinematógrafo deve-se ao seu *design*, muito mais leve e funcional. Em 1894, os Lumière construíram o aparelho, que usava filme de 35 mm. (COSTA, 2006, p.19)

Os irmãos Lumière se destacam nesse cenário com o cinematógrafo por trabalharem e produzirem uma máquina mais leve e por possuírem estratégias de divulgação e venda de equipamentos para outros países. (COSTA, 2006).

As primeiras exibições públicas de filmes produzidos e realizados pelos irmãos Lumière eram um acontecimento, as pessoas ficavam fascinadas com o que viam na tela. Bilharinho (1996) destaca em sua obra *Cem anos de Cinema*, sobre este período de descoberta e as primeiras exibições públicas:

No ano mais marcante da história do cinema, 1895, patenteiam seu invento, a 13 de fevereiro. Promovem, a 22 de março, sua primeira sessão cinematográfica, na Société d'Encouragement à l'Industrie Nationale, dando à luz nessa ocasião, ao filme *La Sortie des Usines Lumière*. Realizam, nos meses seguintes, diversas exibições desse e de outros filmes, em associações e congressos científicos. Finalmente, no dia 28 de dezembro, promovem sua primeira e histórica sessão pública paga, no subsolo do Grand Café, sito no Boulevard des Capucines, 14, Paris, data e lugar oficiais do nascimento do cinema. Entre os presentes, Georges Méliès. (BILHARINHO 1996, p.59).

Essa descoberta traçou novas perspectivas no século XX em relação ao registro da imagem e também como um novo recurso para contar histórias, desbravado inicialmente por George Méliès que viu, no cinematógrafo, outras possibilidades além da simples captação da imagem.

Méliès reconhecia na nova técnica uma forma de ampliar os truques que já conhecia como mágico, agora alicerçado com um novo instrumento que poderia atingir um número maior de pessoas, com as exhibições de filmes produzidos por ele e pela produtora que ele criou, a *Star Film*. Foi enaltecido por Bilharinho como:

o inventor da arte cinematográfica e responsável pela fundamental alteração de rumos no sentido da criação pura: GEORGES MÉLIÈS (1861-1938), que, só ele, independentemente da produção de seu estúdio, realiza mais de 500 (quinhentos) filmes na curtíssima metragem de então, os primeiros ainda perfilhando o realismo de Lumière. O entusiasmo e a confiança na nova arte de Méliès então proprietário e diretor de um teatro de prestidigitação e variedades, o levam a organizar a Star Film, em outubro de 1896, primeiro estúdio cinematográfico do mundo. Centenas e centenas de filmes surgem ano após ano. A trucagem, descoberta casualmente por Méliès, amplia consideravelmente as possibilidades do cinema e permite ao diretor concretizar, em filmes, as fantasias de sua imaginação. (BILHARINHO, 1996, p. 62-63.)

As três primeiras décadas, até década de 1930 correspondem à era do cinema mudo. Nesse período, os técnicos e inventores não conseguiram sincronizar imagem e som na mesma película. Mesmo assim, o cinema mudo universaliza o cinema, pois, as encenações e o enredo do filme eram entendidos por todos sem precisar de intermediários, mesmo com a inserção de frases escritas explicativas das cenas, isso não impedia o entendimento da história. (Bilharinho, 1996).

Nesse período, o cinema se expande na Europa e chega aos Estados Unidos, onde começa a se estruturar de forma mais industrial e com um relativo aperfeiçoamento técnico os filmes passam a ser mais longos Costa (2006, p.37) destaca que “os cineastas experimentam várias técnicas narrativas. Os primeiros longas-metragens, com mais de uma hora, serão exceção nesse período e só se generalizarão após a Primeira Guerra Mundial”.

O cinema sonoro surge num cenário de crise econômica e reestruturação das economias nos Estados Unidos com a crise de 1929 e na Europa após o término do conflito da Primeira Guerra Mundial.

Com a sincronia de som e imagem em uma única película tem-se uma mudança no panorama de produção, distribuição e regionalização de filmes, pois tiveram que incluir legendas e dublagens nas produções sonoras, mudando o padrão de apreciação das obras fílmicas. Uma indústria nascente e vários artistas e produtores não conseguiram se manter com a chegada do cinema sonoro, entre eles George Méliès, que enfrentou a resistência de algumas produtoras e artistas em produzir nesse novo contexto (COSTA 2006).

As duas grandes Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) que avassalaram a economia, a infraestrutura, a cultura e as relações sociais da Europa, berço nascente do

cinema, abriram caminho para novos mercados se estruturarem. Foi o caso dos Estados Unidos, que conseguiu se firmar e expandir o cinema nesse período. Tornaram-se um novo polo de influência cultural para o ocidente, com o surgimento dos grandes produtores e dos novos gêneros de filmes como o *Western*<sup>1</sup>.

A partir do pós-guerra, tem-se também a reestruturação do cinema na Europa. Surgem novos estilos e alternativas para fazer cinema, como o *Neorealismo Italiano*, que passou a influenciar vários cineastas, inclusive brasileiros, a fazerem um cinema mais crítico, que abordava aspectos sociais de uma sociedade desigual, em constante configuração social e econômica, principalmente tratando do impacto da estruturação econômica e da desigualdade social. (CARVALHO, 2006).

As mudanças ocorridas neste cenário também refletiam nas obras cinematográficas. Segundo Carvalho (2006, p. 290), “o cinema que pretendiam fazer deveria ser “novo” no conteúdo e na forma, pois seus novos temas exigiriam também um novo modo de filme.” A repercussão dessas novas formas de fazer o cinema influenciaram vários cineastas e movimentos ao redor do mundo, inclusive no Brasil.

### **1.1 No Brasil**

No final do século XIX, o Brasil já tinha tido contato com o cinema, sendo as primeiras exhibições realizadas no Rio de Janeiro. Duarte (2009, p. 28) destaca sobre esse período que “o Brasil conheceu o cinematógrafo em 1896 e em 1898 já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia. Entre 1908 e 1911, um grande número de curtas-metragens de ficção foi realizado no país”.

Outra referência apontada sobre a origem do cinema brasileiro destaca que a primeira filmagem realizada em 19 de junho de 1898 foi por Alfonso Segreto, que tinha ido à Europa comprar equipamentos de filmagens para gravar curtas no território brasileiro. Ao chegar à baía de Guanabara, gravou as fortalezas e os navios ancorados, conforme consta no registro de (Bernardet, 2008, p.19-20) : “Alfonso Segreto, cujo irmão, exibidor bem-sucedido do Rio de Janeiro do salão “Paris no Rio”, o tinha mandado à Europa comprar equipamentos e material virgem para tomar “vistas” no Brasil”.

---

<sup>1</sup> Segundo Martín-Barbero (2009, p. 205), “com *western* os Estados Unidos se concediam uma história e uma mitologia, a luta dos pioneiros configura uma “epopeia visual”. Cinema e *pura ação*, o *western* se tornou ao mesmo tempo o gênero com mais alto grau de convencionalismo, o de maior rigor em sua codificação, e aquele em que Hollywood produziu algumas de suas obras mais originais”.

Isso foi possível devido à facilidade de transporte dos equipamentos como o cinematógrafo e à proposta de marketing dos irmãos Lumière que passavam a enviar operadores e cinegrafistas para captar imagens urbanas e costumes de outras localidades fora da França. O equipamento inventado por Thomas Edison, o vitascópio precisava de eletricidade e limitava sua expansão para outros lugares do mundo, como explica Costa (2006):

(...) parte do sucesso do cinematógrafo Lumière deve-se a suas características técnicas. O vitascópio pesava cerca de 500 quilos e precisava de eletricidade para funcionar, já a máquina dos Lumière podia funcionar como câmera ou projetor, e ainda fazer cópias a partir dos negativos. Além disso, seu mecanismo não utilizava luz elétrica e era acionado por manivela. Por seu pouco peso, o cinematógrafo podia ser transportado facilmente e assim filmar assuntos mais interessantes que os de estúdio, encontrados nas paisagens urbanas e rurais, ao ar livre ou em locais de acesso complicado. Além disso, os operadores do cinematógrafo Lumière atuavam também como cinegrafistas e multiplicavam as imagens de vários lugares do mundo para fazê-las figurar em seus catálogos. (COSTA, 2006, p. 20)

Com essas estratégias e aprimoramento técnico dos equipamentos, como o cinematógrafo e, principalmente, com a transição do cinema mudo para o cinema sonoro na década de 1930, o cinema tornou-se a expressão cultural da sociedade moderna nas primeiras décadas do século XX.

No Brasil houve uma grande influência na configuração dos espaços artísticos, estudos, artistas que atuavam no rádio e passaram a fazer aparições de grande estilo nos cinemas. Apesar das dificuldades e limitações, tem-se a formação do empreendimento industrial cinematográfico do país, segundo Oliveira (2006):

Como em várias outras partes do mundo, o cinema se tornou uma das formas culturais mais significativas da sociedade brasileira do início do século XX, sobretudo no segundo terço (1930-1970). Enquanto nas primeiras décadas do século o filme cinematográfico era considerado “como uma atração de feira” (Kornis, 1992), ele logo transformou-se numa instância formativa poderosa, criando novas práticas e ritos urbanos. O cinema se tornou um amplo empreendimento industrial, que envolvia revistas, moda, produtos de beleza e discos, e infundia estilos de vida. (OLIVEIRA, 2006, p. 135).

Nesse cenário, um novo estilo de vida baseada no modelo americano de produção surge, contudo ainda não apresenta uma forma que mostre as diversas expressões da cultura brasileira.

Para incentivar a produção nacional é promulgado por Getúlio Vargas um decreto de incentivo para exibição de produções nacionais, desta forma garantia-se mercado para produções nacionais e uma via de divulgação dos programas de governo, conforme evidencia Estevinho (2015, p. 03):

O marco inicial do apoio do Estado ao cinema no Brasil é um decreto promulgado por Getúlio Vargas de 1932, que assegurava a exibição de um curta brasileiro a cada oito filmes estrangeiros exibidos, entre outras medidas, e desenhava os contornos de uma política que iria se firmar.

As produções realizadas nas primeiras décadas do século XX, principalmente os documentários apresentam as exuberâncias das paisagens do território nacional e a configuração das cidades, registrando o início da transição de espaços rurais para industrializados.

No Brasil os primeiros filmes classificados como documentários correspondiam na verdade a produções feitas sob encomenda para atender interesses variados, como propaganda de fábricas e lojas ou registro de pequenos acontecimentos locais, constituindo o denominado cinema de 'cavação'. Foram realizados muitos filmes retratando as cidades do interior, as paisagens bucólicas e, também, o progresso urbano e industrializado. (GUIDO, 2011, p. 59)

Na busca de um estilo que responda à realidade local há uma identificação dos cineastas brasileiro com o *Neorealismo Italiano*, de onde deriva o surgimento do Cinema Novo. Referente a este movimento, Gregio (2014) destaca que:

No projeto dos cinemanovistas, autoria significativa não só anti-indústria, mas, uma postura crítica, engajamento político, contra a inautenticidade e universalismo tecnicista. A construção do Cinema Novo como movimento político, social e cultural, não está dissociada das transformações que estavam ocorrendo no cenário internacional e, que influenciaram de modo direto outros movimentos cinematográficos pelo mundo. (GREGIO, 2014, p.844-845)

Com o Cinema Novo, no final dos anos de 1950, diretores e produtores inovam no cenário cinematográfico tendo como expoentes desse período: Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Paulo César Saraceni, Leon Hirszman, Carlos Diegues e David Neves. Segundo Carvalho (2006), todos tinham trajetórias parecidas, começando como cinéfilos, membros de cineclubes, depois passando à crítica para, em seguida, experimentarem a realização em filmes de curta-metragem.

A inspiração do Cinema Novo vinha do estilo do Neorealismo Italiano com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Com a maioria dos estúdios destruídos e o país passando por um período de reestruturação, começa-se a realizar obras com atores não profissionais e a mostrar nelas a realidade social, econômica e política do país. Conforme Bilharinho (1996), essa tendência marca a história do cinema.

Essa tendência um dos seis grandes momentos do cinema em seu primeiro centenário de existência, surge logo no ano do término da guerra, em 1945, com *Roma, Città Aperta* (Roma, Cidade Aberta), de Roberto Rossellini (1906-1977),

tendo, na Itália, como predecessor mediato o realismo da década de 10 e, imediato, o filme *Ossessione* (1942, Obsessão), de Luchino Visconti (1906-1976). Isento de linha formal rígida e uniforme, mas perfilhando orientação temática definida, condicionada pela concreta situação econômico-social do país à época, os filmes neo-realistas giram justamente em torno dessa conjuntura, enfocando o latifúndio, o desemprego, a miséria, a fome, o analfabetismo, as migrações internas e os mais variados desajustamentos sociais, erigindo amplo e diversificado quadro da vida italiana do período. (BILHARINHO, 1996, p.87-88)

O ideário dos precursores do Cinema Novo no Brasil era aprender com a história para construir um futuro melhor, com a produção de filmes críticos que retratassem a realidade do Brasil. Para Carvalho (2006):

A alusão ao passado como elemento relevante para a investigação do presente foi uma das características do Cinema Novo. Para os cinemanovistas, a recuperação da história do Brasil pelo cinema poderia ser uma resposta à "situação colonial" então vigente no país, em especial na área cinematográfica. Conhecer a própria história, ser capaz de analisá-la e, mais importante, aprender com ela para construir um futuro melhor eram parte do seu ideário. (CARVALHO, 2006, p.291)

Algumas produções cinematográficas que marcaram este período incluem: *Ganga Zumba, Rei dos Palmares* (1963) e *Os Herdeiros* (1970), de Carlos Diegues; *O desafio* (Paulo César Saraceni, 1965); *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *Terra em Transe* (1967) e o *Dragão da maldade contra o santo guerreiro* de (1969), direção de Glauber Rocha.

Com o Golpe Militar de 1964, restringem-se a produção e a crítica vinculada aos filmes. Muitas produções não são concluídas e o movimento vai perdendo o fôlego nesse período. Como outros segmentos artísticos, o Cinema Novo foi surpreendido pelo Golpe, o que está destacado em Carvalho (2006):

Muitas pessoas foram presas, perseguidas, promovendo-se um clima generalizado de apreensão e medo. A súbita mudança política atinge três projetos cinemanovistas, em fases diferentes de produção: *Deus e o diabo na terra do sol*, pronto, já havia sido escolhido como representante oficial do Brasil no Festival de Cannes daquele ano; *Maioria absoluta*, rodado e montado, ainda precisava ser finalizado; *integração racial*, apenas rodado. (CARVALHO, 2006, p.297)

Apesar das limitações impostas pelo Regime Militar de 1964, o Cinema Novo tornou-se uma referência para novos cineastas que surgiram posteriormente. Para Carvalho (2006),

fora desse núcleo restrito dos fundadores do Cinema Novo, o cinema moderno brasileiro consolidava-se com os filmes de Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Roberto Santos, Luís Sérgio Person, Gustavo Dahl, Eduardo Coutinho, Walter Lima Júnior, Arnaldo Jabor, entre outros, e dos representantes de uma quarta onda de "novos" cineastas, como Rogério Sganzerla e Júlio Bressane. Além deles, temos as sucessivas gerações que **continuam**, com mais ou menos dificuldades, maior ou menor sucesso de **público e** de crítica, a fazer cinema no Brasil, tendo o Cinema

Novo como uma **inestimável** referência histórica. (CARVALHO, 2006, p. 308-309, grifos do autor).

Com as dificuldades para produzir nos anos 1960 e 1980, a produção cinematográfica brasileira cai vertiginosamente e apresenta ciclos de alta e baixa produtividade. Nos ciclos de produção do cinema brasileiro de 1920 a 1990, os contextos sócio-político e econômico influenciam a produção nacional. Conforme Santos Junior e Gomes (2014, p.27-28), “com a crescente predominância no circuito exibidor dos filmes internacionais, aliada à quebra da aliança entre produção e exibição, o cinema brasileiro sofreu uma forte queda e desde então passou a ser caracterizado pela alternância de ciclos de alta e baixa produtividade”.

O período do Regime Militar, de 1964 a 1984, tem a desarticulação do Cinema Novo e dos cineastas mais críticos deste período. As obras cinematográficas produzidas neste período passavam por um controle de censura, que desmotivava produções críticas e reflexivas sobre os problemas da realidade brasileira daquele período. (Carvalho, 2006).

A estruturação das políticas para o cinema brasileiro que compreendia o período de 1960 a 1980, segundo Estevinho (2015, p. 16) envolvia três grandes transformações sendo: “a) criação do INC – Instituto Nacional de Cinema, em 1966; b) criação da Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes, em 1969; c) incorporação do INC pela Embrafilme em 1975”.

Com a extinção da Embrafilme, em 1990, a questão se agrava, pois os produtores e diretores sem apoio estatal financeiro não conseguem dar seguimento a seus projetos.

Soma-se a esse cenário a perda do cinema como referência ou a ida a salas de cinema, pela comodidade de assistir filmes na TV aberta, vídeos, DVDs e outros, segundo destaca Earp e Sroulevich (2015):

O cinema perdeu espaço desde a década de 1970, tanto no Brasil como no resto do mundo, em função do aparecimento de formas alternativas de entretenimento. Dentre essas formas, destacam-se outros suportes para a exibição de filmes: o maior número de canais de TV aberta e fechada, o VHS e o DVD. O que se observa não é uma queda no público para filmes, e sim para as salas de cinema. (EARP E SROULEVICH, 2015, p. 182)

Então um conjunto de iniciativas vai sendo responsável pela retomada das produções nacionais como a promulgação da Lei 8.685 de 20 de julho de 1993, denominada de Lei do Audiovisual, que estabelece e dá suporte para produções nacionais com dedução no imposto de renda.

Para Estevinho (2015, p. 21), com a Lei do Audiovisual tem-se a terceira linha de dependência na implantação de políticas públicas para do cinema brasileiro como: “a) a produção de filmes e não sua circulação ou difusão; b) a interface com o público-alvo da



política, no caso, os cineastas e produtores, e não o público final; c) valores culturais de forma implícita, ao não definir a indústria nem estabelecer possibilidades de comercialização junto aos resultados da política.”

Com estas iniciativas, proporciona-se a recuperação da produção do cinema brasileiro, o que surte efeito a partir da década de 1990, com o incremento de incentivos estatais no governo Itamar Franco e, posteriormente, com a criação da Agência Nacional do Cinema – (ANCINE) em 2001. No que se refere à estruturação dos incentivos estatais e a uma legislação para o setor audiovisual, é relevante destacar que:

A segunda recomendação de reformatação institucional que consta do sumário executivo do Gedic foi a “redefinição e ampliação das atribuições da Secretaria do Audiovisual – SAV”, órgão singular da administração direta, que havia sido criado por Itamar Franco, no final de 1992, como parte do ressurgido Ministério da Cultura – MinC. Durante quase uma década a SAV foi a única instituição do Estado brasileiro dedicada ao setor cinematográfico, responsável pela definição das macropolíticas e pela implementação de programas e ações de fomento setorial. Em novembro de 2001, o presidente Fernando Henrique Cardoso, em fim de governo, assinou decreto transferindo algumas atribuições da SAV para a Ancine, em fase de implantação. (DA-RIN, 2010, p.92)

A retomada das produções nacionais começa e expandir e o marco de produções cinematográficas desse período são os filmes *Carlota Joaquina – Princesa do Brasil* (Carla Camurati, 1995) e *O Quatrilho* (Fábio Barreto, 1995), sendo este filme indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1996.

Apesar de o crescimento da produção cinematográfica nacional, a distribuição e a exibição nas salas de cinema continuam sendo um grande obstáculo a ser vencido. Ressalta Da-Rin (2010) que esse item seria um elemento que as agências reguladoras deveriam atuar com legislação mais específica.

Assim, em pouco se alterou o quadro diagnosticado em janeiro de 2001, quando o Gedic resumiu os fatores limitadores ao crescimento do setor em três principais gargalos: falta de penetração do produto cinematográfico brasileiro nos mercados complementares (televisão, vídeo, DVD e mercado internacional); reduzido número de salas de exibição; e, o mais grave, falta de articulação entre produtores, distribuidores e exibidores. Este terceiro ponto concerne à própria natureza de uma agência reguladora, qual seja “a integração e a concertação dos agentes” da cadeia produtiva. (DA-RIN, 2010, p.99)

Da retomada das produções nacionais em 1995 até o período atual de 2016, o cinema nacional vem dando mostra de sua diversidade e criatividade na produção cinematográfica que expressa a cultura nacional. (DA-RIN, 2010). Alguns filmes que representa esta retomada como: *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998), *Desmundo* (Alain Fresnot, 2003), *Narradores*

*de Javé* (Eliane Caffé, 2003), *Saneamento Básico, o filme* (Jorge Furtado, 2007) são mostras da habilidade dos cineastas brasileiros.

Outra questão que se configura no cenário internacional na produção cinematográfica é a participação de diretores de outras nacionalidades nas produções fílmicas, como do diretor Walter Salles, que dirigiu *Diários de Motocicletas* (2004) e de Fernando Meirelles na direção do filme *Ensaio sobre a Cegueira* (2008).

Esperamos que as possibilidades de expansão e de disseminação da produção nacional continuem em todas suas vertentes, a fim de mostrar tanto para o público interno como externo a diversidade de nossa cultura e as histórias riquíssimas que nossa terra produz.

## 1.2 O cinema na cidade de Uberaba

Uberaba é uma cidade do Triângulo Mineiro de grande influência cultural e econômica e, desde o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, não deixou de lado a sétima arte.

A região onde está localizada a cidade é um local de confluências de muitas comitivas que iam para a região Central do Brasil, como Goiás e Mato Grosso, por isso, tornou-se uma referência para muitos comerciantes e viajantes que se instalaram na cidade.

Graças a sua situação de intersecção entre dois sistemas dendríticos, Uberaba consolidou-se como boca do sertão, com características muito especiais: era intermediário entre duas cidades primazes – Rio de Janeiro e São Paulo – e três regiões – Triângulo, Goiás e Mato Grosso. Daí seu excepcional crescimento, a ponto de se transformar numa das principais cidades do interior do Império do Brasil (...) como centro regional do Império. (LOURENÇO, 2002, *apud* BILHARINHO, 2007, p. 84)

A população já apreciava as apresentações culturais que existiam e vinham para a cidade, na qual se improvisavam espaços, segundo destaca Tosta (2011). Desde 1835, grupos de teatro amador apresentavam-se em palcos improvisados feitos de assoalhos elevados nas ruas, praças e quintais das moradias uberabenses.

Com o fluxo crescente de apresentações e interesse da população pelas apresentações teatrais, um grupo de dez fundadores se uniram para construir um teatro que posteriormente iria exibir filmes também, conforme descrição de Tosta (2011):

Em 1862, a popularidade das peças teatrais era tanta que um grupo de dez cidadãos se reuniu para construir um teatro. Tendo vários sócios fundadores, dentre eles João Pedro de Antiochia Barbosa (presidente), Antônio Cesário da Silva e Oliviera Filho

(secretário), Maximiano José de Moura (tesoureiro), o grupo contava ainda com sócios auxiliares e de representação como Raimundo dos Genettes, Fernando Vaz de Melo, Venceslau Pereira de Oliveira (Bilharinho, 2007). O capital para a construção do teatro foi proveniente de mensalidade pagas pelos sócios fundadores, doações e lucros e apresentações. (TOSTA, 2011, p. 01)

As primeiras exhibições cinematográficas ocorreram na primeira década do século XX, em 1908, conforme ressalta Nabut (1978):

A notícia mais antiga que encontrei sobre o cinema, em Uberaba data de 1908: “Segundo boas informações que espontaneamente nos foram dadas, sabemos que sábado próximo deverá estrear-se no Teatro São Luís uma excelente empresa cinematográfica, dirigido pelo Sr. José Pires Monteiro, empresário do teatro S. Clara de Franca. (NABUT, 1978, p. 58)

Além do Cine Teatro São Luis, uma série de cinemas foi inaugurada nas primeiras décadas do século XX. No levantamento realizado por Nabut (1978), na elaboração do seu livro *Coisas que me contaram, crônicas que escrevi*, e também na obra de Bilharinho (2007 e 2009) *Uberaba: dois séculos de história*, há uma descrição do período de 1908 a 1960 sobre a abertura e o fechamento de uma série de Cine Teatros sendo eles:

- Cinema Triângulo, localizado na Rua do Comércio, finalizando suas atividades em 1925;
- Cinema Poltheana, localizado na Rua Coronel Manuel Borges, inaugurado em 1917;
- Cinema Alhambra, inaugurado em 13/10/1928, localizado na Rua Artur Machado;
- Cine São José, inaugurado em 1929, localizado no alto do bairro Estados Unidos, na Rua Pires de Campos;
- Cine Capitólio, ligado à empresa Damiani Bossini e Cia, inaugurado em 1925;
- Cine Paris Teatro, localizado na Praça Rui Babosa, acima do prédio da sede da Câmara, funcionou de agosto a setembro de 1910;
- Cine Royal, localizado na Praça Comendador Quintino, era um dos mais apreciados no período, não há registro preciso da data da inauguração, mas o Cine Royal encerrou suas atividades em 02 de fevereiro de 1959.

Interessante destacar que o Cine Alhambra, em 07 de março de 1930, segundo Bilharinho (2009, p. 21), realizou “a primeira sessão do cinema falado em Uberaba, juntamente com a exibição do filme *Paris de Contrabando*”.

Uma das razões desse período apresentar um número considerável de cinemas que funcionavam na cidade e depois de um certo período serem fechados, foi a condição estrutural desses espaços e a dificuldade de modernizar, conforme explica um leitor para o escritor Jorge Nabut (1978):

O Cine Royal foi fechado em 02/02/1959, em razão da baixa frequência e desatualização do equipamento. O Cinamascope, em Uberaba...vinha exigindo telas maiores e modernização. E o Royal não tinha condições, por acanhadas dimensões e prédio alugado. Para começar, forro de madeira, inadequado para um som perfeito. Era decidir: reforma total ou fechamento. Optamos pela segunda alternativa. (NABUT, 1978, p.68)

O teatro São Luiz foi o espaço que perdurou mais tempo em funcionamento na cidade, passando por uma reforma ampla em 1931, tendo também novo proprietário, segundo coloca Tosta (2011):

Do período de sua inauguração, em 1931, até a contemporaneidade, o prédio sofreu várias intervenções em sua fachada. Em 1938, passou por uma reforma e nela foram retirados frisas e camarotes, mantendo o mesmo padrão de qualidade (IOPAC – UBERABA-MG). Criou-se, em dezembro de 1939, a Empresa Cinematográfica São Luiz, oriunda da firma Orlando Rodrigues da Cunha e CIA. Ltda. com o novo sócio Joaquim Machado Borges. (TOSTA, 2011, p. 02)

A partir da década de 1970 a cidade teve tempos áureos, por estar em funcionamento cinco cinemas, sendo eles: Cine Teatro São Luiz, Cine Metrópole, Cine Teatro Vera Cruz, Cine Uberaba Palace e Cine Astor 1 e Astor 2.

Dos referidos cinemas, três foram fechados e apenas o Cine Teatro Vera Cruz encontra-se em funcionamento, não tendo uma programação normal de cinema comercial. O espaço foi adquirido pela Prefeitura de Uberaba, onde são realizados diversos eventos culturais.

Segundo obra de Bilharinho (2009), os cinemas existentes na cidade foram sendo fechados e mudando suas denominações a partir da década de 1990, nos seguintes períodos:

- Cine Uberaba Palace – encerradas definitivamente as atividades em 07/03/1993, o Cine havia iniciado suas atividades em 1959;
- Cine Metrópole, inaugurado em 1941, realiza sua última sessão em 07/08/2006;
- Cine Vera Cruz, em 20/04/2006, por meio do Decreto Municipal nº 1687, declara de utilidade pública, para fins de desapropriação. O Cine Vera Cruz de propriedade da Companhia Cinematográfica São Luíz, o espaço é inaugurado pela prefeitura em 14/12/2007.

No Shopping Urbano Salomão foram inaugurados, em 30 de junho de 1998, no terceiro pavimento, os cinemas Astor 1 e Astor 2, conforme informação de Bilharinho (2009), com capacidade cada um de aproximadamente 200 (duzentos) espectadores.

Com a transformação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM) em Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), o 3º piso do Shopping Urbano Salomão foi adaptado para acomodar algumas salas de aula e o Cine Astor foi ocupado pela UFTM para eventos diversos. Em uma das suas atividades, o Centro Cultural da UFTM realiza o evento Cine Cultura da UFTM todas quartas-feiras no Cine Astor, com a exibição de filmes gratuitos para toda a comunidade.

Atualmente, como opção para quem quer assistir a filmes, a cidade dispõe de três salas de cinema: Trata-se do *Cine Mais*, as salas de cinemas no Shopping Uberaba, que foram inauguradas em 04 de abril de 1999. Por muito tempo, com o fechamento dos cinemas na região central da cidade, as únicas opções eram as salas de cinema no Shopping Uberaba, *O Cine Mais*, segundo Bilharinho (2009). Os principais espaços ainda utilizados para exibições de lançamento de filmes são as salas de cinemas existentes no Shopping Uberaba.

Com a inauguração da Praça Uberaba Shopping Center, em 29 de abril de 2015, uma das grandes expectativas do público era a inauguração das salas de cinema, o que ocorreu em 06 de agosto de 2015, e foi registrado por todos os periódicos locais da cidade<sup>2</sup>. Estas salas de cinema do Shopping Center Praça Uberaba pertencem à rede Kinoplex, sendo o primeiro cinema da rede em Minas Gerais, representando a entrada da rede no estado. São seis salas com capacidade para 1.319 lugares, sendo destaques as salas de exibição de última geração, como a sala *KinoEvolution*, com imagens 3D. Dessa maneira, amplia-se a opção de apreciação de obras cinematográficas para a comunidade uberabense.

Outra referência que esteve presente e ainda permanece apoiada por algumas instituições e iniciativas particulares de amantes da sétima arte são os Cineclubes. Por iniciativa de alguns jovens, foi fundado em 1962 o Cineclube de Uberaba. Esse cine não tinha sede própria e acontecia em alguns locais com os quais seus membros tinham contato com a Associação Comercial e Industrial de Uberaba, o Sindicato dos Bancários, o Serviço Social do Comércio (SESC), dentre outras instituições locais.

---

<sup>2</sup> Entre os periódicos locais que realizaram reportagens sobre a inauguração das salas de cinema do Praça Uberaba Shopping Center, consultamos a reportagem do Jornal do Triângulo, realizada por Ana Márcia Lima, em 06 de agosto de 2015.

O Cineclube atuou por um período de cinco anos e fazia exibição de filmes, realizava debates, cursos e palestras sobre cinema. De acordo com Bilharinho (2002,apud Ghizzoni,2015, p.1):

Todas as sessões do Cineclube eram precedidas de apresentações do filme e do diretor e, logo após a exibição, havia debates. O grupo começou a escrever artigos nos jornais locais, nos quais dava notas aos filmes. “Era o cinema que hoje chamamos cinema de rua”, diz Guido. No fim de cada ano, elegiam-se os 10 melhores. “Também aconteciam palestras em escolas, em faculdades e até cursos eram oferecidos”, lembra. (BILHARINHO, 2002, p.1)

O autor nos lembra que depois de um tempo sem atividade, o Cineclube de Uberaba retoma suas atividades em 25 de novembro de 1997, com a projeção do filme *Entre Ato*, de René Clair, na sala de projeção da Biblioteca Municipal. No entanto, o grupo acabou se desfazendo e, posteriormente, encerraram-se suas atividades.

Os projetos de exibições cinematográficas abertos a toda comunidade de Uberaba geralmente estão ligados a uma instituição. Entre essas iniciativas, há o Projeto Cine Cultura que ocorre na 14ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil – (OAB), que há 14 anos apoia a realização de um projeto que acontece uma vez no mês, e tem como proposta a exibição de filmes, com uma dinâmica de debate com um moderador previamente convidado e confraternização dos participantes, oferecida pelos organizadores.

É importante ressaltar que o Projeto Cine Cultura da OAB acontece desde 2001, de forma ininterrupta até o referido ano de 2015, e tem como objetivo propiciar um ambiente adequado para exibição de filmes, documentários e outros gêneros, a fim de divulgar e formar criticamente o indivíduo na apreciação da arte cinematográfica e nos cursos direcionados para aprofundar a temática, permitindo a interação e a troca de ideias<sup>3</sup>.

Em 14 anos de Projeto Cine Cultura, foram exibidos 143 filmes até o exercício de 2015, com a seguinte classificação: 21 filmes brasileiros, 12 documentários, 12 curtas e 98 filmes de diversos gêneros. O “ponto forte” do evento é que, além da exibição da obra, há o comentário do filme realizado por uma pessoa convidada e a abertura para o debate favorecendo, assim, a discussão e a contribuição de diversos pontos de vista sobre a obra fílmica. O público mais frequente desse projeto é a comunidade acadêmica, mas também prestigiam o evento profissionais liberais e estudantes do ensino médio, conforme

---

<sup>3</sup> As informações do Projeto Cine Cultura foram obtidas por meio de consulta a projeto de autoria de Maria dos Anjos Pereira Rodrigues, com cópia disponível para consulta na Secretaria Executiva da 14ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil.

informações da Secretaria Executiva da 14<sup>o</sup> Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil-(OAB).

Em relação às salas de exibição de cinema, há uma mudança no panorama não só em Uberaba, mas também em outras cidades brasileiras, houve um fechamento das salas de ruas (centrais), para concentrarem-se em *shoppings* das cidades médias e grandes. Situação destacada por Earp e Sroulevich (2009, p. 189):

A queda do público de cinema no Brasil em meados dos anos 1980 foi acompanhada pela redução do número de salas de cinema. As salas de rua foram substituídas por outras com menor número de assentos localizadas em shoppings, local preferido pelo público. Assim, de mais 3 mil salas no fim dos anos 1970, caímos para pouco mais de mil em 1977. A partir de então, o número começou a aumentar, fruto de uma política de financiamento propiciada pelo BNDS. (Earp e Sroulevich, 2009, p.189)

Pode-se dizer que a cidade de Uberaba, em relação à apreciação da sétima arte, reflete bem o contexto nacional dos períodos das décadas de 1960, 1970, 1980 e início da década de 1990. Viveu o auge da construção e da preservação de salas de cinema, presentes em sua maioria na região central da cidade e atualmente as salas de exibição encontram-se nos shoppings da cidade.

### **1.3 Uberabenses: de espectadores a produtores da cena**

Além da apreciação de obras fílmicas nas salas de cinema e nos Cine Clubes que foram e continuam sendo uma referência para a sociedade uberabense, temos também nesse cenário a revelação de produtores de obras cinematográficas na cidade.

As informações em que nos baseamos para tratar desse assunto foram reportagens realizadas pelos periódicos locais e o jornal *Revelação*, que é produzido pelo curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE).

A primeira produção cinematográfica foi produzida por Jorge Alberto Nabut, intitulado *Clarinda e Anastácio*, lançada em 20 de outubro de 1974 pela Sociedade de Medicina de Uberaba. Segundo Bilharinho, crítico de cinema de Uberaba, “Um filme de alto nível artístico; de plano nacional”, todavia a produção não foi divulgada e não entrou no circuito nacional de cinema. Nabut também realizou o documentário *Estações*, sobre a companhia ferroviária Mogiana e o escritor Joaquim Borges, que residiu um período na cidade, realizou um documentário sobre a folia de reis. Para Bilharinho, esses são os três

filmes-arte que foram produzidos na cidade. (Bilharinho, 2002, apud Ghizzoni Junior, 2002, p.01)

Em relação aos filmes-arte Bilharinho (1996, p.19) ainda destaca: “Livre, o mais possível, da subordinação ao gosto do público e aos imperativos asfixiantes dos estúdios, o cinema arte realiza obras nas quais existe perfeita simbiose entre a profundidade e complexidade temáticas com uma forma artística elaborada e particular”.

No período de Cine Clube Uberaba, na década de 1960, além dos apreciadores em assistir e debater os filmes exibidos, havia um grupo interessado em fazer cinema. Danival Roberto Alves, atual diretor do Colégio Cenecista Dr. José Ferreira, em entrevista realizada pelo Jornal *Revelação* (2002) comenta: “Ele conta que havia diversos grupos em Uberaba, produzindo cinema. Mas a maioria não chegou a concluir um filme, por amadorismo da época. Apenas José Walter Prado se deu bem, indo para o Rio de Janeiro, onde acabou produzindo telenovelas na antiga TV Tupi e depois na Rede Globo”.

Muitos fatores estavam envolvidos na conclusão dos curtas-metragens na fase de pré-produção propostas pelos produtores locais. Segundo reportagem de Ghizzoni Júnior (JORNAL REVELAÇÃO, 2002), a dificuldade técnica era uma delas, pois a filmadora era a corda, o custo das produções e a censura da época que também atrapalhava a finalização de algumas histórias.

Mas têm-se outras iniciativas que foram surgindo com a persistência dos aficionados pelo cinema. Após análises dessas reportagens, foram realizados contatos com algumas pessoas que fazem curtas-metragens e documentários na cidade, obtivemos alguns retornos dos produtores Aldo Luis Pedrosa, Guilherme Tensol e Filipo Maluf Carotenuto.

Atualmente, há pessoas que produzem curtas, filmes e documentários na cidade com uma boa qualidade técnica, muitos vencendo prêmios em festivais, como os produtores relacionados acima. Vamos apresentar as produções realizadas por Aldo Luis Pedrosa, que se tornou uma referência na produção e na direção de videoarte e curta-metragem na cidade<sup>4</sup>, segue a relação das produções:

- 1- *A Espreita*, videoarte no ano de 2011, com exibição no Panóptico<sup>5</sup> em Uberaba/MG, em 2012;

---

<sup>4</sup> A relação dessas produções, foram informadas pelo produtor/diretor e estão disponíveis no site: <<http://www.aldopedrosa.com>>, criado pelo diretor. Algumas produções estão disponíveis em: <<http://aldopedrosa.com/portfolio/Bem-vindos.html>>.

<sup>5</sup> Ambiente artístico virtual itinerante que proporciona uma experiência voyeurística e vigilante, que está disponível no site:< [aldopedrosa.com/portfolio/panoptico.html](http://aldopedrosa.com/portfolio/panoptico.html)>.



- 2- *Telescópio*, videoarte produzido no ano de 2011, com exibição no Panóptico em Uberaba/MG, em 2012;
- 3- *Janela*, videoarte produzido no ano de 2011, com exibição no Panóptico em Uberaba/MG, em 2012;
- 4- *Olho Mágico*, videoarte produzido em 2010, teve exibição em *En Quête du Lieu - Espaces Traversés*<sup>6</sup>, Paris/França em 2012; no Museu Nacional da República em Brasília/DF no exercício de 2014; no Panóptico em Uberaba/MG, em 2012; na II Mostra SESI de Cinema de Uberaba/MG, em 2011; no Seminário Nacional de Cultura Visual em Goiânia/GO, em 2010 e no *Do Local ao Lugar* em Uberlândia/MG, em 2010.
- 5- *Efemeridade*, curta-metragem experimental, no ano de 2010, com exibição e premiação no Festival Nacional do Minuto Brasil, como melhor vídeo tema livre em 2012;
- 6- *Lágrimas da Pietá*, curta-metragem produzido no ano de 2011, com exibição na II Mostra SESI de Cinema de Uberaba/MG, em 2011 com o prêmio do Júri Popular e na IV Mostra Perpendicular do Triângulo em Uberlândia/MG no ano de 2011, com premiação de melhor produção regional;
- 7- *Le Voyer Paris Hotel*<sup>7</sup>, videoarte produzido em 2013 com a exibição no III Salão Xumucuí de Arte Digital- Mídias Selvagens, em Belém-PA em 2014;
- 8- *Saudade Finitude*, curta-metragem, produzido em 2014, com exibição em Shorty Week Film Fest no ano de 2015, em Puerto de Santa Maria/Espanha ocorrido em 2015; e no Festival de Videoclipe – FestClip em Santa Gertrudes/SP, no ano de 2014.
- 9- *Magic Mirror on the Web*<sup>8</sup>, videoarte com os diretores Aldo Pedrosa e Leonardo Ramalho, produzido em 2015, selecionado para exibição no EMmEII7.0 na cidade de Aveiro em Portugal em 2015;
- 10- *Ninfa Bebê*, longa-metragem experimental que está na fase de pré-produção, em 2015.

Sobre a produção de curtas, o Serviço Social da Indústria-SESI, no período de 2007 a 2010, ofereceu o curso Cinema Digital, que abordou embasamento teórico, técnico e manuseio de alguns equipamentos. Além desses conteúdos, a conclusão do curso consistia na

---

<sup>6</sup> Em busca do lugar: espaços cruzados.

<sup>7</sup> O Voyer – Hotel de Paris (Tradução nossa, livre).

<sup>8</sup> Espelho Mágico da Rede (Tradução nossa, livre).

produção de um curta-metragem. Apresentaremos alguns destes curtas-metragens que foram produzidos neste curso. Desses curtas produzidos, quatro foram exibidos no Projeto Cine Cultura da OAB, sendo eles:

- 1- *Tarde de Autógrafos*;
- 2- *Janela Mágica*;
- 3- *Subemprego*, curta-metragem com direção de Adriano Elias, que teve a coordenação geral de Aldo Pedrosa;
- 4- *Entidade*, curta-metragem, com direção de Fábio Ramalho, com produção e coordenação geral de Aldo Pedrosa, exibição também na II Mostra Sesi de Cinema Digital em Uberaba em 2008 e I Mostra Perpendicular do Triângulo na cidade de Uberlândia/MG, em 2008, obtendo premiação de melhor vídeo.

Foram produzidos também pelos alunos do curso de Cinema Digital do Sesi os curtas-metragens: *Vende-se*, com direção de Aldo Pedrosa e Ricardo Tilin, no ano de 2007, com exibição de na I Mostra de Cinema Digital em Uberaba em 2007; *Naftalina* com direção de Aldo Pedrosa e Ricardo Tilin, no ano de 2007, com exibição de na I Mostra de Cinema Digital em Uberaba, em 2007.

Os professores que coordenaram esse trabalho foram Aldo Luis Pedrosa, atualmente professor no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e Ricardo Luiz de Oliveira Ferreira, que está atuando na TV Câmara de Uberaba.

Outra referência em produção de filmes e curtas metragens produzidos em Uberaba é da produtora Máfia, composta pelo diretor Guilherme Tensol e o produtor e publicitário Filipo Maluf Carotenuto<sup>9</sup>. Nos últimos anos produziram na cidade os seguintes filmes:

- 1- *Onda de Choque*, tendo como diretor e roteirista Guilherme Tensol e produtor executivo Mário Di Poi, em 2010;
- 2- *Encantado*, com direção de Guilherme Tensol e produtor executivo Mário Di Poi em 2012;
- 3- *Supernova*, em fase de produção com direção de Guilherme Tensol e diretor de produção Filipo Maluf Carotenuto.

A produção de documentários sobre a realidade local e regional, com direção e produção do documentário *Resistência*, foi realizada por Ana Paula Neves, Pituca Ferreira e Diego Aragão. *Resistência* foi gravado em maio de 2013 e retrata a caminhada do

---

<sup>9</sup> As informações referentes às produções da produtora Máfia foram repassadas por Filipo Maluf Carotenuto e Guilherme Tensol.

assentamento Nova Santa Inácio Ranchinho, que fica na cidade de Campo Florido em Minas Gerais, próximo à cidade de Uberaba/MG.

O principal objetivo do documentário é deixar registrada a história desse assentamento que completou 20 anos, com grande repercussão na comunidade local na época. Retrata a luta e a trajetória da comunidade para conseguir terra para plantar e viver com dignidade, conforme fala das diretoras e do diretor do documentário: “No rosto, nas mãos, enfim, no olhar de cada um deles, os responsáveis pelo documentário puderam “vivenciar” toda aquela história de luta. Afinal a resistência desse povo “guerreiro” foi enorme, sendo esse o primeiro assentamento do Triângulo Mineiro”<sup>10</sup>.

Outra referência foi o lançamento do filme *Desassombro*<sup>11</sup>, que ocorreu em 25 de agosto de 2015, no Cine Teatro Vera Cruz. O filme é uma produção da Urukubaka Filmes, com roteiro e direção de Mário Luiz Assunção, que investe em uma produção de terror e tem como tema retratar a lenda do caboclo-d’água.

Um outro destaque são as produções realizadas, principalmente por estudantes de ensino médio e universitário, nos eventos do Festival Um Minuto de Cinema, promovidos pela Universidade de Uberaba (Uniube) e pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Em 2008, a UFTM realizou o Festival Um Minuto do Cinema em parceria com o Projeto Cine Cultura, Centro Cultural da UFTM, Faculdades Associadas de Uberaba – (Fazu), Instituto Triangulino de Cultura, Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local Uberaba, 14º Subseção da Ordem de Advogados Brasil - Uberaba, Serviço Social do Comércio – (SESC) e Universidade Presidente Antônio Carlos – (Unipac).

O referido evento apresentou produções de estudantes secundários, produtores locais e de universitários em duas categorias ficção e não ficção, nos gêneros: animação, arte, humor, educação para cidadania, reportagem e patrimônio cultural.

Um dos destaques nesse festival foi o vencedor na categoria humor, Chico Lima, com o filme *Check-up*, que conquistou o prêmio principal, o filme teve atuação do ator Roberto Garcia, que ministra cursos de interpretação na cidade.

Outras iniciativas neste contexto são projetos de algumas escolas de educação básica em relacionar literatura com produção de curtas-metragens envolvendo docentes e discentes

---

<sup>10</sup> A informação referente ao documentário *Resistência*, foi divulgada na realização do evento Projeto Cine Cultura-OAB, com a exibição deste documentário em 07 de dezembro de 2015, como participante e organizadora tive acesso ao material de divulgação e várias informações sobre o documentário. Algumas informações de obras fílmicas locais ficam restritas devido à pouca informação sobre a obra.

<sup>11</sup> As informações sobre o lançamento do filme estão disponíveis no site: <[www.desassobros.com/critica-cinema/desassombro-critica-lancamento](http://www.desassobros.com/critica-cinema/desassombro-critica-lancamento)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

da comunidade escolar. Um exemplo dessa proposição foi a realização do 1º Festival da Primavera Cinearte Literatura 2015, pela Escola Municipal Madre Maria Georgina<sup>12</sup>, que consistia na adaptação das obras infantojuvenil do autor Tiago de Melo Andrade, escritor de Uberaba, em curtas metragens. As obras foram trabalhadas na disciplina de português e teve roteiro adaptado pelos alunos, posteriormente o trabalho realizado em sala de aula com as obras infantojuvenil foram transformadas em vídeo, sendo elas:

- 1) A lenda de Su;
- 2) Gabi em busca da Paz;
- 3) O gato na sopa;
- 4) Você fala javanês;
- 5) O ovo do elefante;
- 6) Um furo no mundo;
- 7) Memórias de uma Pizza;
- 8) A batata infalível;
- 9) A caixa preta;
- 10) O olho mágico;
- 11) O espelho Omelca;
- 12) O príncipe encrencado.

O evento ocorreu em três dias, com a exibição dos curtas-metragens e a participação de toda comunidade escolar e sociedade como um todo. Nos dias 28 e 29 de outubro de 2015 ocorreram as exibições para a comunidade escolar e uma equipe julgadora, a fim de escolher os três melhores vídeos produzidos pelos alunos. O encerramento ocorreu no dia 10 de novembro de 2015, no Cine Teatro Vera Cruz, com a exibição dos três vídeos vencedores sendo eles:

- 1º Lugar - O espelho Omelca;
- 2º Lugar - Gabi em busca da Paz;
- 3º Lugar - A lenda de Su.

Outro destaque nesse cenário é a atuação de produtores e de diretores uberabenses na seleção de elenco e apoio nos filmes *Chico Xavier*, um longa-metragem de direção de Daniel Filho. Atuou como assistente de direção e coordenador da equipe de suporte e dos testes de

---

<sup>12</sup> A iniciativa desse projeto pela escola, foi da equipe gestora, tendo como diretora Aure Neire de Melo Bernardi e Vice-Diretora Elisandra Monteiro, as quais percebendo a dificuldade de leitura e compreensão dos alunos, investiram neste projeto aliando literatura com produção fílmica dos textos. Participei do evento compondo a equipe julgadora dos melhores vídeos produzidos.

elenco na cidade de Uberaba, o produtor e diretor uberabense Aldo Luis Pedrosa, que realizou essa atuação de 2008 a 2009.

No filme *A beira do caminho*, longa-metragem com direção de Breno Silveira, novamente Aldo Luis Pedrosa trabalhou na coordenação dos testes de elenco na cidade de Uberaba, de 2009 a 2010.

Os periódicos locais vêm dando destaque para as produções que são realizadas no cenário local, como o lançamento do filme *Passaporte para Encrenca*, que ocorreu em 28 de agosto de 2010, com exibição no Cine Teatro Vera Cruz, direção de Roberto Marques de Oliveira que reside em Delta. A gravação do filme teve como cenário a cidade de Uberaba e Delta, o diretor também atuou como ator principal do filme. O diretor tem perspectivas de fazer o segundo filme como continuação de *Passaporte para Encrenca II* (Matta, Jornal Triângulo, 25/08/2010).

Com essa breve exposição de algumas produções cinematográficas realizadas em Uberaba e região por uberabenses, percebe-se que há uma configuração de um grupo pequeno que vai além da apreciação, da situação de espectador de obras fílmicas e que, literalmente, produz e mostra expressões e olhares por diversos temas presentes em suas produções. Esperamos que esse grupo cresça e que tenhamos, futuramente, estudantes, professores e outros profissionais que possam produzir obras fílmicas significativas com mensagens e olhares diferenciados.

## SEÇÃO 2 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NO SÉCULO XXI

A formação profissional docente vem acompanhada de uma série de exigências para atender às grandes demandas que se configuram no contexto social e escolar na atualidade.

O profissional docente encontra-se em um contexto no qual deve atuar com uma estrutura e sistema arcaicos, paralelos à configuração das mudanças sociais, econômicas e culturais da sociedade contemporânea. Apesar das várias mudanças que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, a escola ainda é uma referência na formação do cidadão e da cidadã, tendo o professor como peça chave do sistema escolar, mas também sofrendo as pressões da sociedade sobre o resultado dessa educação, numa posição de herói e vítima ao mesmo tempo.

O processo de desenvolvimento profissional por meio da formação é uma exigência intra e extraescolar e, aliado a uma educação de qualidade, é possível contar com um profissional qualificado e atualizado em sua formação docente. Segundo Charlot (2008, p.23):

Esse balanço do professor, entre herói e vítima, é um efeito estrutural, inerente à própria situação de ensino, [...] Entretanto, pode ser mais ou menos amplo. Quando o professor se sente amparado pela sociedade e pela Instituição escolar, trata-se apenas de um balanço de pouca amplitude, que se manifesta quando ocorrem dificuldades profissionais particulares. Mas quando a sociedade e a própria Instituição escolar abandonam o professor e até o criticam, como fazem hoje em dia, esse balanço torna-se um marco da identidade profissional e social do professor. (CHARLOT, 2008, p. 23)

O exercício da profissão docente não é mais simples transmissão do conteúdo e assimilação pelos alunos, mas sua atuação por diversos e complexos fatores requer do professor uma série de habilidades e competências que, se não forem muito bem trabalhadas na formação inicial, devem ser trabalhadas na formação continuada. Nesse sentido, a formação do professor deverá contribuir ou somar no exercício de sua prática na sala de aula, conforme afirma Imbernón (2011, p. 47):

O professor precisa de novos sistemas de trabalho e de novas aprendizagens para exercer sua profissão, e concretamente daqueles aspectos profissionais e de aprendizagem associados às instituições educativas como núcleos em que trabalha um conjunto de pessoas. A formação será legítima então quando contribuir para o desenvolvimento profissional do professor no âmbito de trabalho e de melhoria das aprendizagens profissionais. (IMBERNÓN, 2011, p. 47)

A aprendizagem não é limitada a tempos fixos e pré-determinados. Ela é constante numa inter-relação entre o conhecimento do profissional, suas buscas no aperfeiçoamento e a realidade escolar na qual se encontra, pois o processo ensino-aprendizagem deve fazer sentido não só para o profissional docente, mas principalmente para o aluno. Dessa maneira, a formação não é um fato isolado do professor; deve atender suas necessidades não só imediatas, mas também contínuas e não pode estar dissociada de sua prática.

Entra em questão como são pensados e estruturados os cursos de formação, seja por instituições públicas, privadas ou até mesmo a própria instituição de ensino em que o docente atua. A quem atendem os cursos de formação? A uma demanda da instituição, sua proposta formativa ou à formatação dos cursos passa por um processo de escuta e levantamento das necessidades formativas dos professores?

São questões que podem ter várias respostas, mas o importante é que a proposta de curso de formação faça diferença e se integre de fato à prática do profissional docente. Um grande desafio na atualidade é a transição do profissional que não conhece e nem domina os recursos tecnológicos como instrumentos de ensino, porque são considerados profissionais analógicos, em contraposição aos profissionais que conhecem e utilizam as tecnologias como um recurso didático e pedagógico. É inerente e urgente pensar nessas questões, no desenvolvimento do profissional docente, pois estamos inseridos numa sociedade que tem acesso à informação de forma rápida, e o aluno no século XXI conhece, domina e tem acesso à internet, consequentemente esse “nativo digital”<sup>13</sup> tem outras formas de aprender e acessar a informação.

Segundo Conti (2013, p. 163), as configurações atuais da sociedade, sistema econômico e mudanças advindas da expansão das tecnologias precisam de uma nova escola, com outra proposta de formação.

O diagnóstico: esse descolamento sofrido pela dinâmica produtiva capitalista demanda uma nova escola que relativize a hierarquia para acolher o colaborativismo horizontal, um currículo que abra mão da dicotomia polar entre certo e errado para dar lugar à pluralidade e para acalentar a criatividade. (CONTI, 2013, p. 163)

---

<sup>13</sup> Para o educador e pesquisador Marc Prensky (2001), esses jovens estão acostumados a obter informações de forma rápida e costumam recorrer primeiramente a fontes digitais e à Web antes de procurarem em livros ou na mídia impressa. Por causa desses comportamentos e atitudes e por entender a tecnologia digital como uma linguagem, Prensky os descreve como Nativos Digitais, uma vez que “falam” a linguagem digital desde que nasceram. (Pescador, Cristiana M. Tecnologias Digitais e ações de aprendizagens dos nativos digitais. 2010. Disponível em: <[http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo\\_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2016).

O professor entra em contato e está exposto a todas essas questões, pois a maioria dos alunos está inserida nessa dinâmica, e o próprio contexto socioeconômico e cultural, direta ou indiretamente, influencia a inserção das novas tecnologias digitais no cotidiano escolar.

Freitas (2010) destaca que o uso das tecnologias digitais e o desenvolvimento do letramento digital não abandona outros recursos de ensino-aprendizagem.

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isso é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. (FREITAS, 2010, p. 340)

Agregar o letramento digital à formação de professores é um desafio que se desenha em todos os processos formativos, seja na formação inicial, continuada, em serviço e ao longo da vida.

A escola, apesar de ser um espaço imprescindível de formação e socialização, não é mais a detentora do processo formativo do aluno. Com as tecnologias digitais, há uma circulação de saberes que se configuram em outros tempos e espaços, aos quais o aluno tem acesso.

Percebemos que se faz necessário haver uma reformulação de propostas pedagógicas que faça esta inter-relação entre o universo digital das novas tecnologias que estão próximas dos alunos e a prática de ensino dos professores no cotidiano escolar.

Alguns autores utilizam a termo Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC - para designar o processo de inserção das tecnologias no contexto educacional. Para a inserção ou integração das TDIC ao currículo e como propostas de recurso didático faz-se necessário pensar e reorganizar o sistema escolar e a flexibilização da prática docente, conforme destaca Almeida (2011, p. 75):

A integração das TDIC vai necessitar de alterações na estrutura dos espaços e do tempo da escola, como as salas multiatividades e flexibilização das tradicionais aulas de 50 minutos, e, sobretudo, reestruturar o tempo do professor de modo que ele possa se organizar para estudar, planejar e dialogar com os alunos para além do tempo e do espaço da sala de aula, o que implica políticas públicas de valorização do professor. (ALMEIDA 2011, p.75)



Trata-se, portanto, de um desafio que abrange todos envolvidos no sistema educacional, por exemplo as instituições de ensino superior, *locus* privilegiado da formação inicial de professores, seja nos sistemas educacionais públicos, privados, entre outros.

Com este panorama de ebulição e transformações constantes advindas da evolução técnico-científica, fica difícil traçar diretrizes para a formação do profissional docente. No entanto, não se pode deixar de buscar estratégias formativas que respondam aos anseios dos professores, sua realidade junto a um sistema escolar e o contexto sociopolítico, econômico e cultural no qual ele está inserido, tornando esse um processo sempre contínuo, reafirmando o pensamento de Imbernón, citado a seguir, que: ao mesmo tempo em que se ensina também se aprende.

Faz-se necessário que essa percepção do desenvolvimento profissional esteja clara para todos que estão envolvidos na formação, na dinâmica de aprender e ensinar que comporá sua trajetória profissional. Imbernón (2011) explica:

No desenvolvimento do conhecimento profissional, a metodologia deveria fomentar os processos reflexivos sobre a educação e a realidade social por meio de diferentes experiências. Assim, se a formação deve ser direcionada para o desenvolvimento e a consolidação de um pensamento educativo, incluindo os processos cognitivos e afetivos que incidem na prática dos professores, esse pensamento educativo deveria ser produto de uma *práxis*, uma vez que no decorrer do processo não apenas se ensina, mas também se aprende. (IMBERNÓN, 2011, p. 66)

Nesse contexto, o professor assume um novo papel, deixa de ser um mero transmissor de conhecimento e passa a ser um mediador que ajuda o aluno a se situar nesse mar de informações, passando a ser crítico, participativo e colaborativo.

As tecnologias digitais, como um novo aporte de formação do profissional docente, devem estar entre uma percepção analógica e tradicional da informação e do conhecimento com alunos nativos digitais, para quem a internet e os dispositivos móveis digitais fazem parte de sua cultura.

Portanto, a formação de professores no século XXI está se delineando para perspectivas diferenciadas capazes de conter os elementos que constituem a cultura da sociedade atual.

## 2.1 Formação continuada do profissional docente

A formação inicial configura apenas o início de um processo formativo que certamente terá continuidade em outros contextos, tempos e espaços (presenciais ou virtuais) que vão compor a formação docente deste profissional.

Para o docente, a formação continuada é a mola que vai fazer mover e inter-relacionar teoria e prática no contexto da sala de aula. Sendo assim, como a formação é vista por alguns teóricos?

O conceito de formação continuada se assemelha ao processo de formação do profissional, conforme Ferry (*apud* GARCIA, 1991, p.19), “formar-se nada mais é senão um trabalho sobre si mesmo, livremente imaginado, desejado e procurado, realizado através de meios que são oferecidos ou que o próprio procura.”

Dessa forma, pesquisadores e profissionais docentes vão configurando e reconfigurando conceitos e práticas sobre a formação de professores. A dimensão da formação de professores representa uma dimensão da didática e permite a elaboração de teorias e práticas sobre o ensino, uma das relações mais interessantes levantadas por García (1991, p. 24).

Reforçando esta questão, Cruz (2006, p. 9) destaca que os docentes precisam ter um domínio de práticas, habilidades e estratégias de ensino na atuação da profissão.

Pero también es cierto que los docentes necesitan un cualificado *domínio de actuaciones prácticas* o habilidades y estrategias que aseguren la adaptación de la enseñanza a las exigências concretas de los diversos individuos y contextos. Esta posibilidad de adaptación requiere de la capacidad de *juicio práctico* em condiciones de inevitable incertidumbre que evite la aplicación directa de modelos de enseñanza, conocimientos o habilidades preestablecidas. (CRUZ, 2006, p.9).<sup>14</sup>

Não se pode deixar de lado a prática docente dos professores, que agrega no processo formativo o aprender fazer no cotidiano da sala de aula.

---

<sup>14</sup> Mas também é verdade que os professores precisam de um domínio qualificado de ações práticas ou habilidades e estratégias para assegurar a adaptação do ensino às necessidades específicas de diversos indivíduos e contextos. Esta possibilidade requer a adaptação e a capacidade de condições práticas inevitável que evita a incerteza da aplicação direta de seus modelos de ensino, conhecimentos ou habilidades preestabelecidas. (Tradução nossa, livre).

No Brasil, o interesse dos pesquisadores na temática da formação de professores vem crescendo no mesmo ritmo dos cursos de pós-graduação *stricto-sensu* em Educação. Conforme André (2010, p.176), o interesse no tema formação de professores vem aumentando o volume dos trabalhos científicos nas últimas décadas. “Em 2003 havia 58 programas de pós-graduação em Educação no Brasil, em 2007 eram 73, havendo um correspondente aumento no número de dissertações e teses defendidas no período: 2.104, em 2003, e 2.810, em 2007”. Conforme a autora, isso pode fixar um campo próprio de trabalho e pesquisa, que precisa agregar nos trabalhos científicos algumas metodologias de pesquisa próprias da área educacional.

Outro aspecto importante é a mudança de foco das pesquisas que tinham como objeto de estudo os cursos de formação e agora tem o professor como objeto de estudo, segundo destaca André (2010, p. 177):

Da mesma forma, no Brasil, é preciso incrementar as pesquisas que articulem as concepções do professor, aos processos de aprendizagem da docência e a suas práticas de ensino. Há ainda um apontamento geral que se deve fazer a respeito do objeto privilegiado pelos pesquisadores brasileiros sobre formação de professores: ao mudarem radicalmente o foco – dos cursos de formação, para o professor – podem vir a reforçar uma visão da mídia, com amplo apoio popular, de que o professor é o principal (talvez o único) responsável pelo sucesso/fracasso da educação. (ANDRÉ, 2010, p. 177)

Consideramos ser esta uma sinalização de novas perspectivas, para as quais os pesquisadores devem estar atentos em suas pesquisas e não reforçar modelos e estigmas presentes na mídia.

A formação de professores vem numa perspectiva de mudança, tanto no contexto global quanto no nacional e local, pois a sociedade contemporânea segue num ciclo de transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e outras, que afetam todos os setores da sociedade.

Já no campo escolar, as mudanças acontecem de maneira mais paulatina mas vêm acontecendo, e a “pedra de toque” dessas mudanças são os professores e, conseqüentemente a formação, que em todas suas manifestações também vem contribuindo para um novo panorama educacional.

Nesse sentido, a atuação docente é repensada e contextualizada por meio da formação tanto inicial como continuada. A formação continuada é imprescindível na atualidade, pois são nesses espaços formativos que o profissional vai procurar se aperfeiçoar e ter respostas para sua prática e seu método de ensino.

Mas também há outras esferas que precisam ser pensadas para o profissional docente como: salário, condições de trabalho, plano de carreira e vários outros temas que não vamos ater neste trabalho. Conforme Imbernón (2011, p, 46), “Essa perspectiva é mais global e parte da hipótese de que o desenvolvimento profissional é um conjunto de fatores que possibilitam ou impedem que o professor progrida em sua vida profissional.”

Para favorecer então o aspecto de formação continuada o professor deve ter um amplo leque de opções, como cursos que vão ao encontro de seus anseios e uma formação em serviço como espaço de socialização de experiências, nos quais os professores podem discutir de forma situada as suas questões do cotidiano escolar.

Em relação à formação continuada em serviço ou na escola, Tardif (2011, p. 266) destaca que os saberes não são apenas personalizados, eles são também situados e formados em um local específico de trabalho.

Mas os saberes profissionais dos professores não são somente personalizados, eles também são situados, isto é, como dizíamos anteriormente, construídos e utilizados em função de uma situação de trabalho particular, e é em relação a essa situação particular que eles ganham sentido. Noutras palavras, diferentemente dos conhecimentos universitários, os saberes profissionais não são construídos e utilizados em função de seu potencial de transferência e de generalização; eles estão encravados, embutidos, encerrados numa situação de trabalho à qual devem atender. (TARDIF, 2011, p. 266).

A formação continuada em serviço, neste contexto, vem favorecer o profissional docente na dinâmica de reflexão sobre a prática em uma proposta de discutir no coletivo da comunidade escolar as dificuldades e avanços da prática de ensino da sala de aula.

A formação em serviço surge como uma proposta de reflexão e formação a partir do contexto escolar em que o professor está inserido, a realidade do entorno e o potencial do corpo docente tem que ser ponderado ao pensar em uma proposta formativa. Este modelo surge no Reino Unido, segundo Imbernón:

A “formação centrada na escola” surgiu como modelo institucionalizado no Reino Unido em meados de 1970, por meio do *Advisory Council for the Supply and Training of Teachers (ACSTT)*, que, independentemente de suas origens, nasceu no seio de algumas recomendações políticas relacionadas à distribuição dos escassos recursos educativos para a formação permanente dos professores (Elliott,1990). A proposta baseia-se no movimento denominado *Desenvolvimento Curricular baseado na escola*. (IMBERNÓN, 2011, p. 84)

O objetivo central da formação centrada na escola, segundo Imbernón (2011, p. 85), é responder “às necessidades definidas da escola e para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula e nas escolas”.

O desenvolvimento da formação continuada em serviço na unidade escolar, conseqüentemente, gera um impacto positivo na prática do professor, a socialização das experiências no momento formativo e também espaço de resolução de problemas que afligem a comunidade escolar.

Em relação à análise da formação, uma reflexão interessante é a do pesquisador Luiz Alberto Boing (2008), que desenvolve sua pesquisa de doutorado sobre “Os sentidos do trabalho de professores itinerantes”, e nas conclusões da pesquisa mostra indicativos da importância da Formação Continuada em Serviço para o profissional docente.

O pesquisador consegue fazer uma excelente inter-relação com as referências bibliográficas, as entrevistas e pesquisas de campo com o resultado do trabalho num texto muito bem elaborado. Na conclusão da sua tese apresenta quatro implicações que compõem o desenvolvimento profissional docente, sendo: o profissionalismo pressupõe uma adesão pessoal à profissão; o fator humano dá qualidade profissional ao trabalho docente; o estudo de professores itinerantes ajuda a entender a profissionalidade docente hoje e por uma formação continuada personalizada, enredada e em serviço, por isso, indica uma renovação da formação continuada.

A formação continuada ou permanente deve ir ao encontro prática de ensino do docente abrindo novas perspectivas teóricas, como também do espaço de construção de saberes realizados junto aos professores. Assim, a construção de saberes contribui para o professor analisar de forma crítica e reflexiva o contexto escolar em que está inserido e a tríade ação-reflexão-ação pode ocorrer.

Investir na formação continuada é ir além de conhecimentos técnico-científicos ligados a uma disciplina, bem como envolve uma série de temas e conhecimentos que vão auxiliar o professor na sua atuação docente.

E, para Imbernóm (2011), a formação vai ser um diferencial na tomada de decisões do profissional docente.

Entre as características necessárias para promover esse conhecimento profissional ativo, a formação permanente não deve oferecer apenas novos conhecimentos científicos, mas principalmente processos relativos e metodologias de participação, projetos, observação e diagnóstico dos processos, estratégias contextualizadas, comunicação, tomada de decisões, análise de interação humana. (IMBERNÓM, 2011, p. 74).

Na atualidade faz-se necessário pensar em propostas continuadas de formação do profissional docente, pois vivemos em uma sociedade na qual o acesso à informação tornou-

se muito fácil com o desenvolvimento científico e tecnológico. Esse acesso rápido à informação por meio da internet e dispositivos móveis digitais faz com que outros espaços também sejam espaços formativos.

Mesmo com este panorama, a escola ainda é espaço preferencial de formação do indivíduo, mas as instituições de ensino precisam lidar com este novo perfil de aluno, que exige um novo perfil de professor, não mais como centro do saber, mas como mediador que conduzirá o aluno neste mar de informações para ajudá-lo na construção do pensamento.

Para vencer os desafios que configuram e reconfiguram o sistema escolar é preciso uma junção de esforços do Estado, setores privados e sociedade civil, com o intuito de convergir todas as ações para transformação e consolidação de um sistema de ensino que responda aos anseios/inspirações da sociedade contemporânea.

O investimento na formação continuada dos professores e valorização dos docentes é imprescindível para conseguirmos avançar em vários quesitos, principalmente na qualidade da educação e na satisfação no professor em sua atuação profissional.

## **2.2 A importância de formar o professor culturalmente**

A sociedade contemporânea precisa dar um salto na educação, atendendo não só a quantidade, via universalização de ensino, mas também a qualidade de forma mais intensiva. Assim sendo, os países em desenvolvimento, para notabilizarem-se no cenário mundial, precisam de uma população bem informada e qualificada.

Um dos grandes desafios dos governos e gestores para atingir um nível de excelência no sistema de ensino e a qualidade na educação é criar e manter programas de formação continuada de professores, a fim de que possam dar resultado.

Ressaltamos a fala de Gatti (2013, p.156), a “imagem da educação pública vincula-se à imagem da docência e vice-versa”. Nesse contexto, há uma inter-relação com o quadro docente, sistemas de ensino e avaliação docente, que configura uma realidade profissional não muito promissora. Situação que está a “olhos vistos”, visto que a procura pela carreira docente é cada vez menor pelos jovens que ingressam nas universidades no Brasil. Para mudar esse quadro temos de pensar e estruturar o mais rápido possível formas de incentivo e de valorização docente.

O panorama atual configura uma sociedade que está em crise, a educação conseqüentemente está no mesmo patamar, pois a estrutura educacional está sobrecarregada ao responder e exercer uma série de funções que esta sociedade não está cumprindo, assim a

escola apresenta-se como um suporte de ações para tentar ser um ponto de referência nas relações sociais.

As mudanças em nível social, econômico, político, ambiental, cultural e outros estão ocorrendo de forma muito rápida e a configuração social apresenta-se múltipla. Segundo Arroyo (2007), a crise educacional é estrutural:

A crise não está tanto no fato de que a escola e a docência estão desqualificadas para dar conta desses nobres ideais e de que a escola e a docência, sobretudo públicas, não estejam dando conta de qualificar-se para acompanhar a dinâmica da sociedade, mas no fato de que a própria sociedade não tem dado conta de seus ideais e promessas de progresso e futuro, de modernidade e civilização, de igualdade e cidadania, de libertação e emancipação. (ARROYO 2007, p. 198)

Neste contexto, o professor tem à sua frente um novo aluno, fruto das mudanças sociais e dos direitos à cidadania afirmada para diversos grupos sociais: negros, mulheres, homossexuais e outros, assim temos também de alcançar atingir a todos indistintamente. Reafirmando a questão colocada, temos uma citação de Hall acerca da mudança da identidade cultural do indivíduo na pós-modernidade que consideramos importante:

Ernest Laclau (1990) usa o conceito de “deslocamento”. Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder”. As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”. [...] Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. (HALL, 2001, p. 16-17)

Este panorama atinge as condições de trabalho docente e sua configuração de uma identidade definida. Na esteira de Hypolito (2012), que cita Fanfani, é possível caracterizar o trabalho docente na atualidade.

Fanfani aborda a condição docente como um estado – uma condição de construção social do ofício docente (Fanfani,2012), O autor utiliza o termo condição justificando seu uso pela abrangência do termo o que lhe permite uma posição relativamente neutra sobre as definições do sentido da profissão. O autor compreende que os estudos sobre a condições docente devem incluir aspectos objetivos e subjetivos dessa condição – suas dimensões mais objetivas, como gênero, formação, idade, carreira, renda etc, e suas dimensões mais subjetivas, como satisfação, valores, representações etc. (HYPOLITO, 2012, p. 212)

O professor neste contexto está na linha de frente, num trabalho intensificado, devido a todos esses fatores tem um trabalho docente precarizado, conforme Hypolito (2012,). Tendo isso em mente, pode-se dizer que as condições de trabalho atuais têm a ver com precarização, que tem a ver com intensificação, que tem a ver com autointensificação, que tem a ver com valorização do trabalho docente. Com efeito, são aspectos indissociáveis.

Para tanto, a Política Educacional precisa responder a uma série de anseios do cidadão e da cidadã, para que este(a), mesmo com “uma pluralidade de centros de poder” e “precarização do trabalho docente”, possa ser atingido pela proposta educacional delineada pelo projeto político pedagógico escolar.

Com a junção destes fatores não se pode deixar de lado o questionamento acerca da crise estrutural global eminente, o desafio da política educacional e responder estes vários fatores, pois o indivíduo tem vários polos de interesse; atingi-los e trazê-los para o desenvolvimento de uma proposta que seja comum a todos é o desafio. Evidentemente o professor, por estar na ponta, no contato cotidiano com os educandos, sofre os efeitos destas configurações estruturais e sociais do contexto local.

Portanto, é necessária a implementação de propostas que revigorem e valorizem os profissionais de ensino no contexto atual, esse é um caminho que pode ser traçado. Mesmo com essa urgência de valorização dos professores e formação permanente não se configurou em propostas viáveis que mobilizassem os docentes e mudasse o cenário atual da educação.

É importante o professor investir na sua formação e os sistemas de ensino favorecerem o aprimoramento desse profissional, a fim de que ele seja bem informado, formado e que consiga inovar no cotidiano escolar no qual atua. Nessa mesma linha, destacamos que:

Na atualidade, observamos que, para mudar a educação, é evidente que o professorado deve mudar, mas também os contextos nos quais este interage. Se o contexto não muda, podemos ter um professorado mais culto com mais conhecimento pedagógico, mas não necessariamente mais inovador, visto que o contexto pode impossibilitar a aplicação da inovação ou mesmo recluir-se em seu microcontexto, não repercutindo na inovação mais institucional. (IMBERNÓN, 2009, p.53)

Uma questão que podemos estar atentos é a utilização das novas tecnologias e dos recursos pedagógicos para envolver os alunos no processo ensino-aprendizagem.

Recentemente, o Governo Federal promulgou a Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, que estabelece a obrigatoriedade de exibição de filmes de produção nacional nas escolas de



educação básica. Essa exibição fará parte do componente curricular integrado à proposta pedagógica de no mínimo duas horas mensais.

As decisões “de cima para baixo” para utilização do audiovisual na sala de aula, embora não seja uma atitude ideal, buscam valorizar a cultura e o acesso ao conhecimento historicamente construído por meio de obras fílmicas. Contudo, deve-se pensar numa formação docente enraizada nos saberes locais, regionais.

Com essas prerrogativas, temos o viés da importância de formar o professor culturalmente, investir em propostas formativas que vão além das questões disciplinares e pedagógicas, que possam somar com estes quesitos e potencializar sua prática de ensino por meio do aporte cultural. Entendemos que essa formação cultural é imprescindível em uma sociedade na qual, em linhas gerais, o acesso à informação, filmes e vídeos ocorre por meio de cliques nos ambientes virtuais da internet. Por isso, entender neste universo midiático as mensagens televisivas e fílmicas é um exercício de aprendizagem que podemos empreender junto ao corpo docente.

Nessa perspectiva, ressaltamos as contribuições teóricas de Hall que faz uma análise da codificação e decodificação das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa.

Antes que essa mensagem possa ter um “efeito” (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma “necessidade” ou tenha um “uso”, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que “tem um efeito”, influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas. Em um momento “determinado”, a estrutura emprega um código e produz uma “mensagem”; em outro momento determinado, a “mensagem” desemboca na estrutura das práticas sociais pela via de sua decodificação. (HALL, 2008, p. 368).

Mensagens que todos estamos expostos a todo o momento, que está na gênese da criação e produção de mensagem pela publicidade que posteriormente é veiculada para os meios de comunicação. Na obra de Martín-Barbero (2009) “Dos meios às mediações comunicação, cultura e hegemonia”, o autor faz uma análise das bases responsáveis pelo surgimento da designação do termo cultura de massa, vai além da definição clássica restrita a “um conjunto dos meios massivos de comunicação”.

Com o surgimento de formas culturais diferenciadas e suas configurações no século XIX, e início do século XX, com novas bases de expansão da cultura de massa, principalmente com as novas invenções tecnológicas como o cinema, Martín-Barbero (2009,

p.196) ressalta que “as invenções tecnológicas no campo de comunicação acham aí sua *forma*: o sentido que vai tomar sua *mediação*, a mutação da técnica em potencialidade socialmente comunicativa”.

Conforme o autor, é na cultura americana que esta cultura de massa se consolida e, por não sermos uma sociedade aristocrática, há várias iniciativas, inovações culturais que vão se sedimentar ao longo do século XX. Para esta expansão precisamos ter um mercado consumidor, mas este ainda se revela tímido, para tal expansão ocorrer precisamos de uma proposta de educação de massa para consumo, conforme o autor assegura:

O consumo requerido pela nova estrutura de produção, contudo, não era hábito social; pelo contrário: enfrentava-se então a mentalidade de massas só recentemente urbanizadas, para as quais a tendência inicial era para a poupança. Para o “sistema”, era indispensável *educar as massas* para o consumo. Em 1919, dizia um magnata de Boston: “A produção em massa exige a educação das massas; devem aprender a comportar-se como seres humanos num mundo de produção de massa. Devem adquirir não apenas a simples alfabetização, mas também uma certa cultura”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 198)

Este sujeito/telespectador culturalmente formado e influenciado pela mídia é o alvo da publicidade, que não se restringe apenas a informar sobre determinado produto, mas cria o desejo do consumo e a frustração de não possuir o objeto de desejo.

Esta potencialidade da mensagem fílmica não passou despercebida aos inventores e pesquisadores, que vislumbravam nos novos meios de comunicação um veículo promissor de ser utilizado como recurso educacional.

Dentre os inventores, Thomas Edison foi um grande entusiasta da utilização do filme não apenas como recurso didático, mas como tecnologia que mudaria a educação e substituiria o livro, conforme fala destacada por Buckingham (2010):

Acredito que o filme cinematográfico destina-se a revolucionar nosso sistema educacional e que em poucos anos suplantará ampla, se não inteiramente o uso dos livros didáticos. A educação do futuro será conduzida através do filme cinematográfico, uma educação visual, em que deveria ser possível obter cem por cento de eficiência. Assim falou o inventor americano Thomas Edison em 1922, exaltando em termos grandiosos, mas muitos familiares, o potencial educacional da nova tecnologia da mídia de seu tempo. (BUCKINGHAM, 2010, p. 39)

As afirmações de Thomas Edison não se confirmaram com o passar do tempo, mas passados quase um século, não podemos negar as potencialidades e desenvolvimento ocorridos na sétima arte.

Várias iniciativas foram sendo realizadas para aliar a linguagem cinematográfica como recurso educacional em várias partes do mundo. No Brasil foi criado o Instituto Nacional de Cinema e Educação – INCE - em 1936, que produziu vários documentários educativos, tema que vamos retomar posteriormente.

O fascínio pelas narrativas fílmicas está cada vez mais presente na sociedade moderna, pois desde a antiguidade o conhecimento por meio de narrativas históricas, épicas e religiosas compunha o imaginário e formação cultural dos povos. Podemos afirmar que estas prerrogativas ainda persistem, mas com novos elementos que foram se configurando com o desenvolvimento e aprimoramento tecnológico, principalmente da imagem e som, estabelecendo relações com nossas percepções por meio das narrativas audiovisuais. Percebemos que o audiovisual é uma referência que pode incorporar à formação do profissional docente, pois a sociedade recorre às informações televisivas para se manter informado. Segundo destaca Rizzo Júnior (2011) no desenvolvimento de sua pesquisa:

Em todas essas modalidades, o audiovisual vem se enraizando no cotidiano escolar do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O fenômeno tem ocorrido mais em virtude em condicionantes sociais (fruto da ampla presença dos meios audiovisuais do mundo contemporâneo, especialmente em países como o Brasil, em que a maior parte da população do Brasil recorre a TV, e não aos meios impressos, para diversão, informação e mesmo integração social) de determinantes de administração escolar (como a aquisição de equipamentos e de acervos, que termina por impor, ou ao menos tentar impor, o seu uso) e do interesse pessoal de inúmeros educadores (eles também, afinal, consumidores, entusiastas e as vezes produtores de audiovisual) do que de uma política de formação para o uso do audiovisual presente nas grades curriculares dos cursos cujos egressos se tornam profissionais da Educação Básica. (RIZZO JÚNIOR, 2011, p. 12).

Mergulhar nesse universo de conhecimento da educação do olhar e da formação cultural é uma proposição para a formação docente num processo dinâmico de ensino e aprendizagem, pois na medida em que ensinamos também aprendemos com o contexto cultural do outro.

Nesse contexto, procuraremos analisar a importância do processo de formação continuada de professores por meio da linguagem cinematográfica. Sabemos que não é um recurso tão recente, porém ainda não vemos a exploração desse recurso pelo educador configurado no processo formativo inicial e continuado em sala de aula. Segundo Coutinho (2006), esta proposta é possível:

O cinema e os audiovisuais podem ensinar muito além do conteúdo que os filmes parecem apresentar à primeira vista. Ir ao cinema, ver filmes em vídeo ou na tevê são sempre ações que se confundem em um mesmo processo de fazer emergir

pressentimentos e atribuir sentidos ao que se desenrola nas telas, em linguagem feita de imagens e sons. (COUTINHO, 2006, p. 63)

Na atualidade, em uma sociedade visual, vemos a necessidade da linguagem cinematográfica fazer parte da formação dos professores, e ainda esta prática ser incorporada em práticas de ensino no cotidiano escolar. Coutinho (2006, p. 20) destaca a familiaridade da linguagem audiovisual na sociedade contemporânea: “Vivemos imersos em um mundo de imagens, sobretudo os habitantes das cidades. A linguagem audiovisual nos é familiar, corriqueira, comum.”

Um dos investimentos necessários na formação continuada dos professores é propor uma formação cultural como parte da valorização dos docentes, por entendermos que isso seja imprescindível para conseguir avançar em vários quesitos, principalmente na qualidade da educação e na satisfação no professor em sua atuação profissional.

### **2.3 Cinema na sala de aula**

O cinema nos incute fascinação, crítica, momentos de diversão, como se mergulhássemos num momento mágico. Todo público ao mesmo tempo está assistindo, vivendo e emocionando-se com a história exibida na sala escura do cinema. O mesmo pode ocorrer no espaço escolar, por ser ele um local também para apreciação cultural, podendo ter o cinema como um veículo dessa apreciação. Para Carmo (2004, p. 03), “educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético.”

Ao educar o olhar por meio do cinema, o professor propicia ao aluno uma percepção diferenciada sobre determinada temática. E, para despertar o olhar do aluno, deve pensar as formas de exibição de obras fílmicas e não exibir um filme por exibir. A projeção do filme tem que coincidir com todo um contexto, devemos ter uma proposta bem definida na escolha do filme e a exibição que pode ser acompanhada por discussões e atividades que englobam o conteúdo e o roteiro do filme. Em outra perspectiva, podemos apenas cultivar a fruição da obra pelo silêncio ou pelo impacto da mensagem com sua visão de mundo.

Para avançarmos é interessante pensar o conceito linguagem cinematográfica, destacado por Duarte (2009, p. 33), “a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica, fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala e textos escritos. Assim, o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados”.

O professor pode se preparar para o ensino por meio da imagem. As obras fílmicas têm grande potencial para fazer parte do processo formativo inicial e continuado do docente. Em termos didáticos, algumas questões também podem ser levantadas e ajudar no desenvolvimento da aprendizagem por meio da imagem, segundo Fantin (2006):

Estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos, e a escola precisa redimensionar tais potencialidades (ainda que o texto escrito tenha seu lugar assegurado por ser um referencial fundamental que possibilita voltar, pensar, refletir). Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa intelegibilidade do mundo e apesar destas mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, tal fato implica a necessidade de mediações pedagógicas. (FANTIN, 2006, p. 64)

Essas questões podem contribuir na condução didático-pedagógica de filmes na sala de aula. Além disso, a utilização do cinema na sala de aula é uma ferramenta a mais da “mídia- educação” que pode ser explorada por vários vieses. Napolitano (2006) destaca que:

Embora o conceito de mídia-educação seja mais aplicável à chamada “comunicação de massa” (televisão, rádio e as Tecnologias de Informação e Comunicação –TIC, como um todo), o cinema, enquanto indústria cultural, também é uma forma de mídia moderna, voltada cada vez mais para um espectador formado pelas novas TIC, ao menos nas suas expressões mais populares. A peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte da indústria do lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada. O professor não pode esquecer destas várias dimensões do cinema ao trabalhar filmes em atividades escolares. (NAPOLITANO, 2006, p.19)

Nesse contexto, não se pode ignorar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), em especial o cinema, mas ele também não deve ser aplicado em sala de aula como um passatempo, sem objetividade, pois os alunos precisam apreender a mensagem fílmica em toda sua complexidade.

O filme em si dá margem a uma série de interpretações e pode contextualizar várias temáticas de diversas disciplinas. Conforme afirma Carmo (2004):

O cinema conduz a um novo enfoque dos conteúdos dessa matriz, porque implica na mudança de percebê-los, de avaliá-los e de entendê-los. O cinema (imagem e som) modifica os processos de transmissão de conhecimentos dessa matriz, tradicionalmente apoiados na leitura e na escrita. Falar de cinema na escola implica pensar uma política audiovisual para o ensino formal, seja ele público ou privado. (CARMO, 2004, p. 01)

A utilização do cinema na sala de aula é um recurso didático que tem como um dos pressupostos despertar no aluno o interesse por determinado tema, educar o olhar para uma nova percepção da realidade e exploração do conhecimento por meio de obras cinematográficas. O que está corroborado por Coutinho (2006, p.63) quando destaca que:

O cinema e os audiovisuais podem ensinar muito além do conteúdo que os filmes parecem apresentar à primeira vista. Ir ao cinema, ver filmes em vídeo ou na tevê são sempre ações que se confundem em um mesmo processo de fazer emergir pressentimentos e atribuir sentidos ao que se desenrola nas telas, em linguagem feita de imagens e sons.

Por meio de uma obra fílmica podemos elaborar várias análises, conforme a reflexão que realizamos do filme. Essa questão foi ressaltada por Cecatto (2013, p.07) ao afirmar que “o filme pode ser considerado um agente histórico quando interfere na realidade, repensando o passado a partir de necessidades do tempo presente”. Dessa forma este recurso didático pode ser um referencial para diversas leituras utilizadas por professores e alunos.

Na esteira desse referencial teórico, elucidamos que, ao utilizar o cinema o professor poderá ministrar uma aula temática ou não, com possibilidades de envolver e despertar mais o interesse dos alunos pela aula e/ou pelo tema trabalhado.

Porém, um dos impasses em utilizar filmes, curtas, documentários, dentre outros é ter um espaço físico adequado na unidade de ensino para estas atividades, como: aparelhagem adequada, TV/Vídeo/DVD, espaço-físico, saber manusear os aparelhos ou alguém disponível na escola que saiba fazê-lo; disponibilidade de filmes que possam ser analisados e exibidos, bem como outras questões conforme a realidade local.

O universo cinematográfico é capaz de mostrar uma visão de mundo e o contexto de uma sociedade, seja na questão histórica, dilemas pessoais, panorama político, uso e costumes locais e muitas outras variantes. Junto a este conjunto de fatores, também perpassa pela obra a visão e a ideologia de quem escreveu e produziu o filme. Dessa maneira, o cinema tem uma linguagem ambígua por termos a impressão de que a imagem retrata a realidade, então segundo Rancière (2012):

O modo como são vistas as ambiguidades do cinema já é marcado pela duplicidade do que se espera dele: que suscite consciência, pela clareza de um desvelamento, e energia, pela apresentação de uma estranheza; e que revele a um só tempo toda a ambiguidade do mundo e como lidar com essa ambiguidade. Projeta-se no cinema a obscuridade da relação que se pressupõe entre a clareza da visão e as energias da ação. Se o cinema pode esclarecer a ação, será talvez questionando a evidência dessa relação. (RANCIÈRE, 2012-a, p. 23)

Consequentemente, um filme não é neutro nem ingênuo, sendo assim, essas nuances devem ser detectadas pelo educador para melhor contribuir com a análise e a discussão do filme junto com a turma ou auxiliando os alunos nesta percepção. A análise fílmica é um exercício de entendimento da obra fílmica, do espaço imagético a partir do nosso olhar e experiências vividas, que podem entrecruzar com outros olhares e visão de mundo. Vanoye (1994) traz uma perspectiva interessante sobre a análise de filmes:

A análise vem relativizar as imagens “espontaneistas” demais da criação e da recepção cinematográfica. Estamos cercados por um dilúvio de imagens. Seu número é tão grande, estão presentes tão “naturalmente”, são tão fáceis de consumir que nos esquecemos que são o produto de múltiplas manipulações, complexas, às vezes muito elaboradas. O desafio da análise talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um deslumbramento participante. (VANOYE, 1994, p. 13).

Como um livro que mostra o ponto de vista do autor e quer transmitir uma mensagem, assim é uma obra cinematográfica que tem uma objetividade, algumas vezes implícita ou não. A proposta de análise pode ser mediada pelo professor para ir além do deslumbramento da imagem da narrativa fílmica.

Durante a exibição da obra fílmica, do outro lado da tela da projeção está o espectador com sua visão de mundo, suas vivências e experiências que darão uma interpretação única à obra, pois, assisti a um filme não é uma ação passiva o espectador entra em diálogo com a narrativa fílmica. São esses múltiplos olhares sobre um determinado filme que faz a experiência em sala de aula com o cinema ser enriquecedora para o aluno e para a formação docente.

Para Rancière (2012), essa relação entre o espectador e a imagem na construção de outras cenas gera encontro e diálogo entre imagem e subjetividade do indivíduo.

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição. Começa quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições. O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. (RANCIÈRE, 2012-C, p. 17)

Essa somatória de visões referentes a determinado tema expresso na obra cinematográfica coordenada pelo professor favorecerá o conhecimento global dos alunos, consequentemente atingindo uma nova percepção de aquisição do conhecimento.

Neste contexto, o cinema é uma ferramenta da “mídia-educação” que deve ser explorada para ampliar o universo cultural dos alunos, sua visão de mundo e o processo ensino-aprendizagem do educando, conforme Fantin (2014) destaca:

A mídia-educação implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para também produzir mídia. E suas perspectivas críticas, metodológicas e expressivas interpelam as mediações escolares, visto que a educação para as mídias não se reduz aos meios e a seus aspectos instrumentais, pois mídia é cultura e se situa numa arena de produção de significados que supera o seu caráter instrumental. (FANTIN, 2014, p. 51-52).

O professor pode utilizar o referencial das obras cinematográficas em várias situações, ultrapassando, assim, a produção de audiovisual junto a seus alunos e comunidade local. Os contextos a serem trabalhados nas obras fílmicas abrangem os níveis de ensino da educação infantil ao superior, as atividades podem ser desenvolvidas tanto de forma individual como coletiva pelo profissional docente.

Para exemplificar, fizemos algumas adaptações das propostas indicadas por Napolitano (2006, p. 79-100), das quais destacamos:

- A proposta de trabalhar com obras fílmicas em salas de aula deve ser planejada e estar inserida no planejamento do professor, explicitando o objetivo a ser atingido com o filme a ser trabalhado;
- Selecionar o filme ou sequências dos filmes que serão trabalhados e que o uso do cinema no contexto escolar seja sistemático, com propostas didáticas articuladas principalmente como recurso de aprendizagem;
- Realizar uma pesquisa sobre o filme antes de ser exibido na sala de aula;
- Conhecer a cultura cinematográfica dos seus alunos;
- Elaborar um roteiro de análise do filme para ser trabalhado junto aos alunos;
- Promover articulação do tema da obra fílmica com o conteúdo trabalhado em classe.

Estas referências propiciam uma caminhada inicial na utilização das obras fílmicas na sala de aula. Além dessas sugestões, é importante considerar o olhar do aluno sobre a obras cinematográfica, suas experiências e referências que dialogaram com o filme, na perspectiva



de que o espectador não é passivo, pois diante da mensagem fílmica o sujeito pode inter-relacionar outras visões de mundo com tudo que ele conhece.

Tal temática vem sendo analisada por pesquisadores como Duarte (2009), Napolitano (2006), Rancière (2012). Machado (2007, p. 129) argumenta que “o “lugar” que o espectador ocupa no filme ou no audiovisual em geral, se não é inteiramente arbitrário, é ditado agora pelo contexto da recepção. Dependendo desse contexto, a recepção pode ser aderente às determinações textuais do filme, pode negociar com elas ou até mesmo resistir a elas, redirecionando a “leitura”.

Portanto, as várias leituras que o filme pode possibilitar à atividade com o cinema na sala de aula pode ultrapassar as próprias propostas planejadas pelo professor.

#### **2.4 Um espaço para formação de professores: Casa do Educador Professora Dedê Prais**

Para entender o contexto atual das perspectivas formativas que foram base para a inauguração da Casa do Educador Professora Dedê Prais em Uberaba, faz-se necessário retroceder no tempo e analisar algumas propostas de gestão municipal para a educação e formação continuada de professores do município de governos anteriores.

Na gestão da Secretaria Municipal de Educação do período de 1993-2000, esteve à frente a Professora Maria de Lourdes Melo Prais, entusiasta da pedagogia de Paulo Freire, promove a ação da filosofia da educação local para o direcionamento de *Escola Cidadã*<sup>15</sup>.

A proposta de política educacional a ser atingida naquele período foi a construção de uma Escola Pública Popular Autônoma, isto é, estadual (quanto ao financiamento), comunitária (quanto à gestão) e pública (quanto à destinação). Com a denominação de “Escola Cidadã”, nessa gestão a Secretaria sinalizou a construção de uma escola pública de qualidade para todos.

A rede municipal de ensino atendia, naquele período, um número expressivo de 23.575 alunos, em 35 escolas, sendo 26 urbanas e 09 rurais, garantindo o acesso às vagas junto à rede estadual a 100% da população de 07 a 14 anos.

---

<sup>15</sup> “A Escola Cidadã é aquela que busca a formação do ser humano capaz de participar da vida da comunidade, cumprindo todos os seus deveres de cidadão e exigindo seus direitos dentro dos princípios morais da solidariedade, da responsabilidade e do respeito a si próprio, ao outro, ao meio ambiente, à nação e às suas crenças, tendo conhecimento para usufruir dos bens que a sociedade produz”. (Uberaba, Cadernos da Escola Cidadã de Uberaba: A construção amorosa da Cidadania, 2000, p.01)

Um dos desafios enfrentados foi a implementação do regime de ciclos, substituindo a lógica de escola seriada, objetivando um processo de formação contínua, compreendendo as diferenças individuais e visando ao sucesso escolar.

Junto às mudanças, apoiaram-se numa proposta de decisões colegiadas e de projetos como o Acertando o Passo I e II (que consistia na aceleração de estudos destinados a pessoas com defasagem em idade e escolaridade), projetos que, no ano de 2000, atenderam 3.776 jovens e adultos.

Outra ação que se destacou foi o investimento na formação continuada com a criação, em 1994, do Centro de Formação Permanente (CEFOP) e da Faculdade de Educação de Uberaba (FEU), em 1995. Esta em parceria e como extensão da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com a proposta de ser uma faculdade pública e gratuita, que em um primeiro momento passou a oferecer cursos de licenciatura em Pedagogia, Geografia e Ciências Biológicas.

Todas as propostas tinham como objetivo criar uma rede de relações sociais capaz de sustentar uma proposta concreta de educação de qualidade, com uma ampla mobilização político-ético-social. As ações evidenciaram os esforços que a administração direcionou para uma nova política municipal de educação.

Com a mudança na gestão, a proposta do governo municipal para o período de 2005-2008 foi ampliar a proposta da *Escola Cidadã* em uma dimensão mais ampla, vislumbrando uma *Cidade Educadora*<sup>16</sup>.

Para tanto, uma das primeiras ações foi voltar o sistema de ensino para o seriado, já que o regime de ciclos não atingiu os objetivos esperados. Uma das vantagens esperadas com a implementação do ciclo era a aprendizagem do aluno de forma contínua e progressiva. Como o regime de ciclos não atingiu as metas esperadas, sofreu resistência por parte dos professores que defenderam a seriação e uma nova proposta para a política educacional local.

A proposta de *Cidade Educadora* foi organizada em 04 eixos que configuravam as diretrizes políticas da administração no período de 2005 a 2012, conforme transcrição a seguir:

---

<sup>16</sup> A partir de 2005, essa proposta se amplia em busca da consolidação da “*Escola Cidadã*” e da construção de uma “*Cidade Educadora*”. Assume, portanto, o compromisso de entender “*a cidade como espaço de cultura e a escola como espaço educativo da cidade*”. Compromisso esse que deixa de ser exclusivo da Rede Municipal de Ensino e passa a ser compromisso da gestão municipal e de toda a sociedade uberabense. (Uberaba, Plano Decenal Municipal de Educação: 2006-2015, 2007, p. 26)

1-A Qualidade Social da Educação objetiva estabelecer metas para o trabalho educativo visando à construção de uma sociedade humanizada. A escola deve, portanto, constituir-se no *locus* para a construção e a democratização do conhecimento e da cultura.

2-A Gestão Democrática está baseada em noções indissociáveis, na edificação de uma sociedade mais justa e humana, portanto apoiada na democracia, na cidadania e na autonomia.

3-Dessa forma, a democratização da gestão está fundamentada em dois eixos principais: contribuir para a realidade da qualidade social e permitir que a escola e o conjunto do sistema municipal sejam geridos por uma gestão coletiva da comunidade escolar e da comunidade na qual está inserida, além de outros que favoreçam a constituição e a formação do novo cidadão.

4-A rede de proteção social tem como compromisso uma educação que se firme como prioridade da sociedade e esta, no seu conjunto, possa auxiliar e favorecer no processo ensino-aprendizagem. (PLANO DECENAL MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2007, p. 26).

Ao poder local cabe a iniciativa de consolidar e liderar ações integradas de cooperação com o Estado e a União, além de engajar empresários, trabalhadores, universidades e escolas de ensino superior na tarefa de construir uma escola pública de qualidade e acessível a todas as crianças e jovens.

Percebemos nas iniciativas dos governos anteriores a vontade política e de gestão de oferecer uma educação pública de qualidade, pautada em princípios mais que relevantes. Contudo, nenhuma das gestões anteriores conseguiu oferecer, de fato, aos docentes um plano de carreira do magistério que atenda o profissional em seus anseios.

No exercício de 2015, encontram-se matriculados na Rede Municipal de Ensino 25.024 alunos, em 23 Escolas Municipais Urbanas de Ensino Fundamental, 08 Escolas Municipais de Educação Infantil e 11 Escolas Municipais Rurais, tendo ainda a coordenação de 30 Centros Municipais de Educação Infantil, com atendimento de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos de idade, conforme informações da Secretaria Municipal de Educação em 2015.

A atual gestão da Secretaria Municipal de Educação e Cultura lançou, em 2014, o Plano de Gestão de Educação Municipal referente ao período de 2013 a 2016, que tem como lema: *Escola do Caminho: Vereda que ensina, humaniza e transforma.*

Uma proposta estruturante do Plano de Gestão é a abertura de um local que seja referência na formação do profissional docente. Por meio desse Plano a Casa do Educador Professora Dedê Prais foi inaugurada em 19 de maio de 2014 e trabalha na perspectiva de formação continuada e sistêmica dos profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II do município, além de atender às instituições conveniadas.

O *locus* formativo da Casa do Educador funciona na Rua Onofre da Cunha Resende, 78, no bairro São Benedito, num prédio alugado onde, anteriormente, funcionava o Arquivo Público de Uberaba. O espaço interno foi adequado para funcionar as salas de aulas para os cursos de formação de professores. O objetivo principal da Casa do Educador, conforme projeto pesquisado junto à instituição, é fortalecer a identidade profissional dos educadores do município de Uberaba e municípios vizinhos, com propostas de qualificação profissional, apoio pedagógico, realização de eventos artístico-culturais, simpósios, seminários e atividades que promovam a qualidade de vida dos professores<sup>17</sup>. A administração atual, de 2013 a 2016, tem como proposta de trabalho a formação continuada de professores na perspectiva da autonomia, baseada nos fundamentos de Paulo Freire. Ressaltamos, ainda, que a secretária da gestão de 1993 a 2000, Maria de Lourdes Melo Prais, presta consultoria para a atual administração (Plano de Gestão, 2014).

O Plano de Gestão (2013-2016) indica a obra de Paulo Freire “Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa” como referência fundamental na formação docente e diretriz a ser incorporada na formatação das propostas formativas do município. Como referencial são destacados três pressupostos básicos para a formação docente, conforme Freire, sendo eles: não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimento e ensinar é uma especificidade humana (PLANO DE GESTÃO, 2014, p. 28-29).

Os pressupostos supracitados têm como função nortear a prática docente para uma formação mais autônoma e integrada à realidade em que o profissional está inserido. Segundo o Plano de Gestão (2013-2016, p.45), o objetivo central da formação continuada dos professores da rede é dar suporte para a construção de uma nova identidade docente.

A formação continuada do educador engloba aspectos relacionados às suas condições de trabalho, à sua formação humana, ao processo de sua profissionalização, não se restringindo ao desenvolvimento da competência técnica e do domínio de um conjunto de informações e habilidades didáticas específicas. O saber profissional tem uma dimensão teórica, mas não é só teórico; tem uma dimensão prática, mas não é só prático; tem uma dimensão experiencial, mas não é unicamente produto de experiências. Tudo isso exige um repensar sobre a profissão docente na busca dos elementos norteadores de um novo profissionalismo e, portanto, da construção de uma nova identidade docente. (PLANO DE GESTÃO, 2013-2016, p. 45).

---

<sup>17</sup> As informações referentes à Casa do Educador Professora Dedê Prais foram pesquisadas junto à instituição que compõe o Projeto “A Casa do Educador/Qualificação Profissional” (UBERABA, 2013).

Nesse contexto, a Casa do Educador é um espaço para articular o processo formativo dos saberes docentes em uma lógica reflexiva de sua prática de ensino.

Porém, entre o ideal e o real são construídas as possibilidades de ações nessa interface, pois a Casa do Educador não conseguiu atingir a todos os profissionais da rede nos cursos oferecidos pela instituição. O público mais atendido que se inscreve e participa das formações são os profissionais da educação infantil. Já os profissionais do ensino fundamental têm pouca participação, situação que foi averiguada nos cursos ministrados pela autora e segundo inscrições nos demais cursos da Casa do Educador.

Conforme declarações das próprias professoras participantes, há muita exigência no preenchimento de fichas e no registro de todas as atividades num documento denominado Registro de Acompanhamento Pedagógico-RAP. Depois, há duplicação desses dados devido à necessidade de se lançar em um sistema *online*. Todas essas anotações e o controle burocrático da atividade docente deixam os professores com o seu tempo reduzido para se dedicar a melhor preparação das aulas e outras ações, inclusive formativas.

A Lei Complementar Nº 501 de 11 de setembro de 2015, estabelece o novo Plano de Carreira, Cargos e Salários dos Profissionais do Magistério da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Uberaba<sup>18</sup>.

O plano de carreira define as condições de trabalho e a progressão salarial dos profissionais que desempenham as atividades de docência e dos profissionais que dão suporte pedagógico à docência. A seguir, vamos destacar alguns artigos da Lei Complementar que vão impactar a progressão do profissional docente, segundo dispositivos dos referidos artigos:

- Conforme o artigo 21, § 1º, as normas para progressão da carreira compreende quatro itens: encontrar-se em efetivo exercício; ter cumprido 01 (um) ano de exercício no mesmo nível; ter resultado satisfatório na avaliação e desempenho e ter concluído o estágio probatório;
- No artigo 22, a mudança de classe ocorre quando o profissional cumprir o estágio probatório, estiver efetivo no cargo e conseguir comprovar a titulação acadêmica para progressão na carreira;
- O artigo 26, § 2º, é uma das grandes conquistas dos profissionais docentes referente à jornada de trabalho, sendo 1/3 (um terço) da jornada mínima destinada às atividades de: planejamento, avaliação e formação continuada em serviço, além de outras atividades

---

<sup>18</sup> A Lei Complementar 501/2015 foi publicada do Diário Oficial do Município de Uberaba, Porta Voz nº 1328 de 11 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br:8080/portal/acervo/portavoz/arquivos/2015/1328%20-%2011-09-2015.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2015.

previstas no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar, conforme estabelecido pela Secretaria Municipal de Educação.

- Conforme o artigo 31, o Professor de Educação Básica, em sua jornada de trabalho, terá direito ao pagamento do repouso semanal remunerado que corresponde a base de 1/6 (um sexto), que lhe é devido na semana respectiva, quando houver efetivo exercício no cargo nas unidades escolares.

Com a promulgação da Lei Complementar 501/2015, que passou a vigorar a partir de 01 de outubro de 2015, é gerada grande expectativa na classe docente para que haja uma verdadeira valorização profissional e novas perspectivas para investir na formação continuada.

Percebemos que a proposta formativa da Casa do Educador Professora Dedê Prais procura oferecer uma diversidade de cursos e oportunidades para atender aos profissionais da Rede Municipal de Ensino, porém muitos fatores não favorecem uma participação efetiva dos professores, principalmente dos Ensinos Fundamental I e II.

Ressaltamos que em julho de 2015 foi publicada uma reestruturação administrativa, na qual as nomenclaturas das secretarias municipais e departamentos foram modificadas. Optamos em manter a nomenclatura anterior por compreender o período de realização da pesquisa junto à instituição. Esperamos que esses percalços sejam vencidos pela atual gestão, a fim de que os cursos oferecidos pela Casa do Educador possam contribuir para uma nova construção de uma identidade docente dos profissionais da educação do município de Uberaba, sua valorização e, conseqüentemente, uma melhora na educação nacional.

## **2.5 Cinema e educação: a utilização da imagem no processo ensino-aprendizagem**

O aperfeiçoamento das técnicas de produzir imagens que expressam as emoções e experiências no cotidiano vem sendo trilhado desde seus primórdios, como nos desenhos das cavernas. A história que se conhece desde os tempos milenares de muitos povos foi codificada por meio de desenhos, esculturas e outros. A necessidade de se registrar o cotidiano e tudo que ele abrange, da natureza às relações humanas, vem da essência humana que se configura em vários estilos culturais e que influencia de certa forma a subjetividade do homem (Bilharinho, 1996)

A imagem fascina, atrai olhares, e sua utilização pode, inevitavelmente, divertir e prender a atenção do outro, propiciando um momento de aprendizado, alegria, tristeza, reflexão, dentre outras emoções.

O processo evolutivo da ciência óptica é a materialização de um sonho antigo do homem em deixar registrado com “imagem e movimento” fatos que expressam situações vividas e as quais não ocorreram de uma hora para outra, configurando como resultado de uma trajetória que culminou com o sucesso e o surgimento do cinema. Segundo Bilharinho (1996, p. 53),

desde as manifestações das sombras chinesas ao cinematógrafo dos irmãos Lumière percorrerem-se não séculos, mas milênios. Mas, lá, nessa temporalmente longínqua prática, encontra-se a primeira e exitosa tentativa de apreender, transmitir e dar significado ao movimento em seu fluxo natural. Já uns 6.000 (seis mil) anos a.C., os chineses e depois os javaneses e indianos utilizam-se, em diversões, ritos e na arte bélica, de espetáculos, consistentes em sombras de pessoas, animais e coisas movimentando-se sobre iluminada parede branca. (BILHARINHO, 1996, p. 53)

O cinema representa o ápice da busca dessa caminhada sendo que, com a evolução tecnológica do cinema, há o aprimoramento cultural da sociedade moderna no final do século XIX e início do século XX. Portanto, é indiscutível o impacto da imagem na sociedade moderna, sendo que o espaço imagético perpassa de forma consciente ou inconsciente as experiências de homens e mulheres.

Sobre isso, Coutinho (2006, p. 57) afirma que o espaço onde vivemos e nossa constituição ocorre por meio de imagens, porque “imagens e sons são os elementos que encontramos na natureza, somos imagens e sons, além de estamos imersos neles”.

Na atualidade, as imagens como linguagem simbólica estão por toda parte, quando se vivencia o período Técnico-Científico-Informacional, a chamada “geração virtual” e o emprego das novas tecnologias como recursos educacionais, constatamos que a imagem torna-se um ícone primordial nesse novo contexto.

A captação da imagem pelo cinema como percepção da realidade ou representação de um período histórico vem sendo utilizada como uma excelente ferramenta no processo educacional, porém há algumas questões que devem ser observadas. Por exemplo, conforme Napolitano (2006, p. 28), “na nossa perspectiva, o cinema na sala de aula pode ser abordado pelo conteúdo, pela linguagem ou pela técnica, três elementos que estão presentes nos filmes”.

Quando recorremos às obras fílmicas no contexto escolar procuramos uma linguagem que esteja próxima do público-alvo que estamos trabalhando, como destacado por Bruzzo (1995, p. 113) “ao nos reportamos às imagens em movimento, parece que encaramos um modo de comunicação universal”.

A exibição do filme/curta-metragem pode estar de acordo com uma proposta didática que vem sendo desenvolvida, ou então ser apresentada apenas como opção por uma exibição cinematográfica que tenha como propósito entretenimento, ampliação cultural do aluno e fruição da narrativa fílmica. Não é exagero dizer que, na atualidade, consumimos imagem, temos uma obsessão por um padrão de beleza e de comportamento projetados pela indústria cultural e que a sociedade contemporânea incorporou.

Por isso, há necessidade de se auxiliar no processo de formação do cidadão para que tenha uma postura crítica diante das imagens que invadem o nosso espaço de convivência a todo o momento, seja pela televisão, vídeo, filmes ou internet.

Referente ao ensino por meio de imagem, há propostas metodológicas para incorporação desta fonte de pesquisa nas diferentes disciplinas. No ensino de história, segundo Cecatto (2013, p. 03), devemos investir nesta fonte de pesquisa e ensino para ultrapassar os aspectos ilustrativos, desta forma destaca: “nesse sentido, independente da imagem que nos é apresentada, saber elaborar a leitura do material visual considerando as especificidades das imagens, permitir ampliar a capacidade informativa. Esta não exclui a linguagem escrita e vice-versa, pois ambas se complementam, compartilham e trocam mensagens e significados”.

A utilização da imagem no processo ensino-aprendizagem é necessária tanto quanto a aquisição da leitura e da escrita. Segundo Duarte (2009, p. 68), o aprendizado pela imagem é de certa forma um meio de instrumentalizar professor e aluno a entender a dinâmica das mudanças em curso na sociedade do século XXI. Mas também subsidiar uma proposta de formação de professores.

O cinema é uma forma de afirmar presença do audiovisual nas escolas, conforme Fantin (2014, p. 54): “por tudo isso, entender o cinema na perspectiva da mídia-educação significa reafirmar a presença do audiovisual na escola como parte da formação humana na sociedade atual, cujo fenômeno comunicativo global assume uma importância cada vez maior”.

Fica evidenciado que o cinema possui uma especificação de linguagem que tem também como pressuposto a interação de sua expressão cultural com a realidade do espectador, propiciando o exercício de múltiplos olhares sobre o filme e, conseqüentemente, de várias interpretações e possibilidades de aprendizagem.



## 2.6 A formação de professores e a linguagem cinematográfica

Não tardou para os intelectuais e as pessoas do ramo da sétima arte reconhecerem as potencialidades da linguagem cinematográfica como uma proposta educativa, e que poderiam veicular filmes para dinamizar as aulas e a prática de ensino dos professores.

Como iniciativa institucional foi promulgado um decreto para divulgação do cinema na escola, como citado por Bruzzo (1995, p. 96), “no Brasil, o uso do cinema para fins educacionais ganhou destaque com a Reforma Fernando Azevedo (Decreto 2940 de 22 de novembro de 1928)”. Em 1937 foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo – (INCE), que teve Edgar Roquette-Pinto como diretor e maior incentivador da proposta de produção de filmes educativos produzidos por uma equipe de diretores e produtores brasileiros. Conforme Franco (2014, p.86), várias iniciativas na Europa e nos Estados Unidos despertaram para as potencialidades educativas dos filmes.

Nessa época, na Europa e nos Estados Unidos, começavam a se formar as primeiras empresas para a produção de filmes educativos. Na Europa, empresas de natureza variada, mas de caráter público, vinculadas ao Estado; nos EUA, grandes empresas de produção cinematográfica, as quais estavam se consolidando na década de 1920, criaram braços para produzir filmes educativos. No Brasil, o passo real foi dado em 1937, com a primeira reforma do Ministério da Educação, que havia sido criado em 1930 como Ministério da Educação e Saúde Pública. (FRANCO, 2014, p.86).

O incentivador do INCE Roquette-Pinto não era da área de educação, mas graduado em medicina. No entanto, apresentou iniciativas em tecnologia e comunicação como a criação, em 1922, da primeira emissora de rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha um perfil educativo e, posteriormente, foi entregue ao Ministério da Educação, hoje Rádio MEC (FRANCO, 2014, p.87).

Para os intelectuais brasileiros, o maior motivo de se utilizar o cinema na escola naquela época não era apenas propiciar sua expansão, mas sim possibilitar sua utilização na instrução pública ao levar ciência e cultura aos analfabetos nos rincões do país, conforme destaca Duarte (2014, p. 35). E, na escola regular, proporcionar aos professores uma alternativa didática por meio da imagem e som na educação dos alunos e, conseqüentemente, na educação de massa.

Esse objetivo não é sem propósito, afinal o Brasil iniciou o século XX com grande número de analfabetos e grande parcela da população sem acesso à cultura. Dessa forma, espera-se que, com as produções fílmicas nacionais, haja acesso à cultura e um incentivo para alfabetização das pessoas.

O INCE foi uma importante política de cunho educativo, pois, com o apoio do Estado conseguiu estruturar produções nacionais e congregar vários profissionais no intuito de levar arte, cultura e educação aos brasileiros. Como as salas de exibições eram restritas no território nacional, as exibições para áreas muito remotas ficaram limitadas nesse período.

Com a extinção do INCE, em 1967, o Estado limitou-se e restringiu sua atuação na produção de vídeos educativos, conforme registrado por Duarte (2014, p. 37).

Em 1967 o INCE viria a ser incorporado pelo então recém-criado Instituto Nacional de Cinema – INC, que, antes da sua extinção em 1975, tratava da questão da aplicação de recursos “sob a forma de financiamentos a filmes de longa-metragem” (AMÂNCIO, 2007,p.174). Em 1969 foi criada a Empresa Brasileira de Filmes S/A-Embrafilme, “que tinha como objetivo principais a promoção e distribuição de filmes no exterior, em cooperação com o INC” (idem). Ainda que o foco fosse outro – fomentar a produção cinematográfica no país -, nos primeiros anos 70% do capital social da Empresa era subscrito pelo MEC, então Ministério da Educação e Cultura (idem, p.175), o que nos leva a supor a presença de uma perspectiva educacional (agora de forma menos restrita) no contexto de influência de uma política pública que assegurava à atividade cinematográfica sua mais eficiente expressão dentro do Estado brasileiro. (DUARTE, 2014, p. 37).

Apesar da iniciativa de criação do INCE, não houve uma proposta de formação de professores neste período concomitante à criação do Instituto, com diretrizes que impactassem a formação docente para um letramento da linguagem cinematográfica.

Uma experiência posterior no estado de São Paulo criou uma videoteca com seleção de filmes para ser utilizada pelos professores da rede pública de ensino, destacado por Bruzzo (1995, p. 119)

De 1988 até meados de 1990, o trabalho de videoteca da Fundação para o Desenvolvimento da Educação centrou-se na seleção de filmes em vídeo adequados para uso nas escolas e na produção dos textos que acompanham os filmes. Assim, ao longo de 1989, foram publicados 103 números de série **Apontamentos**, cada um dos quais correspondendo a um filme. Eles entraram em circulação no 2º semestre de 1990 a título de empréstimo para as escolas públicas estaduais e municipais e órgãos públicos de ensino e pesquisa do Estado de São Paulo. (Bruzzo, 1995, p. 119, grifo da autora).

Com o surgimento do videocassete, ampliaram-se as possibilidades de utilização de filmes em sala de aula. Apesar da facilidade desse recurso, havia poucas escolas, inicialmente, que inseriram em suas propostas didáticas a utilização de filmes em sala de aula, segundo destaca Souza (2012, p. 13):

A transposição didática das grandes produções cinematográficas para o espaço da educação básica ocorreu a partir das modificações ou miniaturização das tecnologias

de reprodução, em que os projetores das salas de cinemas eram levados ao espaço escolar. Contudo, a partir da invenção do videocassete, em 1971, esse processo sofreu uma massificação e o cinema alcançou novos espaços educativos, sempre atrelados ao videocassete e, posteriormente, ao DVD. (SOUZA, 2012, p. 13).

Essa abordagem é possível devido ao fato de o cinema possuir obras de diversos gêneros que compreendem várias faixas etárias, por isso consegue por meio da emoção, da razão e perspectivas da realidade, dialogar e ampliar a visão de mundo do aluno e do professor. Para uma compreensão do cinema como linguagem apresentamos novamente o conceito de linguagem cinematográfica, destacada da tese de Monica Fantin (2006, p. 110): “Considerar o **cinema como linguagem** implica pensar nas regras e convenções de uma gramática de códigos e elementos que produzem sentidos através do texto fílmico”. (grifo da autora)

Segundo Napolitano (2006, p.15), é um desafio aliar cinema e educação para além de uma proposta de entretenimento, por se instalar entre as duas uma linha tênue.

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio. (NAPOLITANO, 2006, p. 15)

Mesmo no tocante às tecnologias e às novas práticas pedagógicas, a atualização não está inserida nesse processo formativo. Para que efetivamente o cinema esteja agregado ao universo escolar como proposta pedagógica, faz-se necessário estruturar políticas públicas de formação de professores com essa visão, garantindo que o estudo da linguagem cinematográfica faça parte de sua formação inicial e continuada.

Por exemplo, referente à experiência do Estado de São Paulo com uma videoteca organizada para as escolas estaduais, a proposta passou a ter uma resposta mais positiva quando iniciou-se a formação dos professores. Como constata Bruzzo (1995, p. 120), “do acompanhamento dessa experiência de reuniões e relatórios ainda em 1991, surgiu a necessidade de introduzir um programa de capacitação para os professores. A seleção de filmes e os textos de apoio não eram suficientes para subsidiar o educador interessado no uso da ficção fílmica em sala de aula”.

A formação docente pode ser implementada no próprio universo escolar, numa prática constante de aprender a aprender e aprender a ensinar, envolvendo o corpo docente e discente

neste processo, o importante é fazer desta experiência um aprendizado e se sentir amparado junto aos seus pares e equipe gestora, conforme ressalta Fantin (2014, p. 47):

Neste percurso, a dificuldade que aparece é quase sempre a mesma: “Os professores não são preparados e não têm formação específica para tal”. Mas nem sempre isso é problema, pois com uma formação adequada eles podem aprender, assim como aprendem a respeito de muitas outras questões que fazem parte do processo ensino-aprendizagem. O importante é que o professor que queira aprender possa fazer a experiência, e uma das condições para tal é que ele não esteja sozinho, que possa trocar e ir construindo suas competências com as ferramentas necessárias, e, nesse caso, a troca de experiências atua como um dispositivo.

Para que essas habilidades e competências estejam inseridas no currículo dos profissionais da educação, ressaltamos as colocações de Duarte (2009, p. 76) em relação à apropriação da linguagem do cinema pelos professores:

Seria bom que os professores tivessem noções básicas de cinema e audiovisual em sua formação. Seria bom que a videoteca (ou laboratório de multimídia) estivesse incluída entre os equipamentos necessários para o funcionamento das instituições de ensino. Parece absurdo isso, numa sociedade em que a maioria das escolas sequer tem bibliotecas, jornais e revistas? Pode ser. Mas se queremos uma educação de qualidade para todos, em todos os níveis, não podemos nos contentar com o mínimo. (DUARTE, 2009, p. 76)

A discussão sobre a qualidade na educação vem acompanhando as reformas educacionais e tem sido temas de filósofos e pensadores, como tratado por Vieira (2000, p. 38). No século XIX, o nexos entre qualidade e quantidade seria retomado pelos pensadores materialistas. Engels (apud Vieira) apresentou uma contribuição ao tema ao estabelecer as “leis gerais da dialética”, dentre as quais situava-se a “lei da passagem da quantidade à qualidade (e vice-versa)”.

Em sua pesquisa, Vieira (2000) analisa a “Política Educacional em tempos de Transição de 1985-1995”, que vai configurar o arcabouço normativo após um período ditatorial para um regime democrático. A política educacional que vai se desenhando procura, entre outras, atender ou preocupar-se em responder as questões sobre o dilema qualidade e quantidade na educação. Segundo Vieira (2000, p. 36):

Em todas as áreas da produção e do pensamento humano para onde quer que se dirija o nosso olhar, a preocupação com a qualidade é uma constante. Todo esse movimento tem reflexos sobre a educação, não surpreendendo o crescente interesse dos profissionais da área pela discussão dos impactos desta nova visão sobre a educação nos seus diversos níveis, desde uma perspectiva macro - no âmbito do

planejamento das políticas educacionais – até um nível micro que se reflete sobre a escola e a sala de aula.

Conseqüentemente, o desafio/dilema da qualidade da educação perpassa por todos os âmbitos das políticas educacionais, pelo cotidiano da sala de aula e por escala a formação docente. É um desafio que deve ser considerado desde a formação inicial, a fim de oferecermos uma educação de qualidade e um profissional mais qualificado para atuar na educação. Ainda não alcançamos o idealizado para a formação docente, mas os caminhos se configuram para esta direção, com a valorização docente e a importância da formação para sua atuação profissional.

## **2.7 Proposições para formação de professores e linguagem cinematográfica na atualidade**

Neste tópico, vamos ressaltar alguns dos programas em nível federal e como estão sendo configuradas as iniciativas do governo para o direcionamento na formação de professores em linguagem cinematográfica.

No Ministério da Educação – MEC há dois programas, Mídias na Escola e TV Escola, que se configuram como iniciativas na construção de uma política de mídia-educação, destacados por Siqueira (2012, p. 97-98).

De fato, não há uma discussão em torno de um sistema nacional de políticas de mídia-educação. Entretanto, dentro do próprio governo, uma série de ações se aproximam dessa perspectiva. No Ministério da Educação, por exemplo, há o projeto Mídias na Educação, que se propõe a preparar educadores para produzirem conteúdo audiovisual na escola. A TV Escola tem exibido programas esporádicos que tratam das mídias, a Secretaria de Educação à Distância realizou, com sucesso, o curso “A TV na Escola e os Desafios de Hoje” para professores das escolas públicas. (SIQUEIRA, 2012, p. 97-98)

Na sequência, vamos apresentar essas ações pontuais. O Projeto Mídia na Educação<sup>19</sup> é um programa de educação a distância com estrutura modular, que visa proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação – TV e vídeo, informática, rádio e impresso, sendo o público-alvo prioritário os professores da educação básica.

Os objetivos principais do programa são: destacar as linguagens de comunicação mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem das instituições de ensino superior e das

---

<sup>19</sup> A referência das informações sobre a Mídia na Escola, estão disponíveis no site: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681>>. Acesso em 05 jan. 2015.

secretarias estaduais e municipais de educação no projeto político-pedagógico da escola; desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico com uso de diferentes mídias, a exemplo prático da TV Escola, Proinfo, Rádio Escola e da Rede Interativa Virtual de Educação - (RIVED). Na sequência, expomos sobre esses programas.

O Programa Nacional de Tecnologia Educacional - Proinfo, que é um programa que visa promover o uso da informática como recurso pedagógico nas escolas da rede pública de educação básica. O programa dá suporte com os computadores nas escolas, recursos digitais e conteúdos educacionais. Os estados e municípios entram com a contrapartida de garantir a estrutura física para montar os laboratórios e formação para os educadores no uso das tecnologias e computadores como recurso didático a ser trabalhado em sua prática de ensino.

O Rádio Escola é um programa especial do MEC para inserir no ambiente escolar a linguagem radiofônica em suas práticas educativas, e tem como proposta envolver a comunidade escolar, educadores e educandos para juntos desenvolver atividades de construção do conhecimento, por meio da comunicação radiofônica de ter e dar voz à comunidade onde a escola está inserida, tornando um veículo de contato entre escola e comunidade.

O programa da Rede Interativa Virtual de Educação (RIVED) apresenta como proposta a disponibilização gratuita de conteúdos pedagógicos digitais, que são objetos de aprendizagem elaborados por Instituições de Ensino Superior que participam dos editais publicados pelo programa<sup>20</sup>.

A estrutura modular do curso Mídia na Educação é oferecido à distância e oferece certificação dividida em três níveis, denominados ciclos de estudo. São eles: o básico, de extensão, com 120 horas de duração; os intermediários, de aperfeiçoamento, com 180 horas e o avançado, de especialização, com 360 horas. O programa foi desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) e está implementado em 25 estados, com a parceria e a participação de suas respectivas secretarias de educação, das universidades públicas e instituições federais, que se responsabilizam pela produção, oferta e certificação dos módulos, além da capacitação e preparação dos tutores.

Ressaltamos que a referida Secretaria de Educação a Distância – SEED foi extinta em 2011, e uma das principais preocupações dos especialistas foi a atualização da reposição dos materiais produzidos pelos programas que compunham a SEED.

---

<sup>20</sup> A referência das informações sobre os referidos programas (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola e Rived) estão disponíveis no site: < <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

A TV Escola<sup>21</sup> é uma plataforma de comunicação, em formato de televisão pública, que hospeda um canal de educação do Ministério da Educação, tendo como público-alvo professores, educadores, alunos e todos interessados em aprender. Há em sua programação uma gama variada de produções abrangendo diversos temas e áreas de ensino, pensados para atender o professor em sua proposta de trabalho.

O alcance da programação da TV Escola é de 1,5 milhão de assinaturas, além da disponibilidade da programação na internet por meio do portal <tvescola.mec.gov.br>.

Conforme os dados da sintonia pela antena parabólica, são 21 estados abrangidos pelo canal da TV Escola e está em vias de consolidação um consórcio de emissoras públicas no Brasil. Nele a TV Escola terá a transmissão de sua programação para os 27 estados brasileiros e as 229 maiores cidades do país. Hoje são atendidas cerca de 50 mil escolas com antenas e televisores instalados para a recepção da TV Escola. O objetivo maior da TV Escola não é substituir o professor, mas ser uma “ferramenta pedagógica disponível ao professor, seja para complementar sua própria formação, seja para ser utilizada em suas práticas de ensino”. (Site do MEC, TV Escola, 2015)

As propostas de Mídia na Educação e TV Escola são importantes para divulgação e fomento à cultura, para olhar e pensar em referências formativas para mídia, entre elas o cinema, que é um indicativo em nível federal para a construção de forma mais ampla de políticas públicas de formação docente para as novas tecnologias.

Todavia, não temos o conhecimento real do alcance e do impacto dessas propostas no cotidiano escolar e a utilização desses recursos pelas instituições de ensino como ferramenta pedagógica. Referências sobre a atuação do MEC em projetos e programas para o audiovisual nas escolas de Educação Básica podem ser encontradas no trabalho de Duarte (2014, p.42-43), no qual a autora destaca a atuação do setor público em políticas públicas para a implementação do cinema na educação no Brasil:

No entanto, a atuação do MEC, anteriormente muito mais determinante, está agora mais tímida. A pasta renunciou à administração dos canais de TV educativos estatais e a sua influência no setor se resumiu, basicamente, à inclusão de orientações para o trabalho pedagógico com materiais audiovisuais nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997). O Programa Mais Educação talvez tenha sido a ação do MEC, dentro de escolas públicas, com maior impacto sobre a área de Cinema e Educação, ainda que este não tenha sido seu objetivo principal.

---

<sup>21</sup>As referências das informações sobre a TV Escola estão disponíveis no site: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/about?clearBreadCrumb=true>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

Outra questão é que, recentemente, o Governo Federal promulgou a Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, que estabelece a obrigatoriedade de exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica, integrando parte do componente curricular à proposta pedagógica com, no mínimo, duas horas mensais (BRASIL, 2014).

No entanto, apenas a promulgação de uma lei não é suficiente para responder a tantos desafios que configuram e reconfiguram a todo o momento a formação docente.

Juntamente com a proposta de lei, é necessário também apresentar diretrizes para que a lei seja executada em todas as esferas administrativas que planejam e executam propostas e programas de formação de professores. E, na perspectiva de apreensão e desenvolvimento dos conhecimentos referentes ao cinema na sala de aula, que essas diretrizes condigam com a proposta didática pedagógica do professor. Todavia, devemos ter cuidado com a utilização das novas tecnologias como recurso pedagógico para envolver os alunos no processo de construção do saber por meio da imagem, afinal os alunos já têm contato com diversas mídias em seu cotidiano, o diferencial será a mediação e formação crítica propiciada no espaço escolar pelo professor.

O investimento na formação continuada dos professores faz parte da valorização dos docentes, sendo imprescindível para se conseguir avançar em vários quesitos, principalmente na qualidade da educação e na satisfação no professor em sua atuação profissional.

Nossas análises, portanto, buscam entrelaçar dois temas: as políticas públicas de formação de professores e a necessidade de se levantar algumas prerrogativas sobre a importância da formação de professores por meio da linguagem cinematográfica.

A proposta deste trabalho de pesquisa está atrelada à oferta de um curso de formação continuada de professores. Este tomado como espaço de construção e de verificação do saber do corpo docente sobre o cinema e possíveis aprendizagens que podem se configurar com essa linguagem, conseqüentemente a visão do público-alvo em relação aos impactos da linguagem cinematográfica e sua utilização em sala de aula.

Como objetivo principal desta pesquisa, buscamos compreender como professores da educação básica reconhecem, ou não, as potencialidades da linguagem cinematográfica para uso na sala de aula.

E, para os objetivos específicos selecionamos, a partir da fala dos professores participantes, as seguintes necessidades:

1. Identificar o que é considerado obstáculo para o uso de filmes em sala de aula;
2. Conhecer quais são as aprendizagens esperadas por meio desse recurso pedagógico;



3. Conhecer e analisar como vêm sendo desenvolvidas aulas que utilizam a linguagem cinematográfica;
4. Identificar quais são os critérios utilizados pelos professores para escolha de filmes, a partir das cursistas que participaram da formação.

O desenvolvimento de nossa pesquisa foi direcionado para entender a formação dos professores e suas percepções da linguagem cinematográfica, considerando-a um elemento dinamizador de sua prática pedagógica com fins didáticos.

## SEÇÃO 3 O PERCURSO METODOLÓGICO

### 3.1 A estrutura do curso de formação da Semec

O espaço de discussão sobre a linguagem cinematográfica ocorreu num curso oferecido aos professores da rede pública municipal de ensino de Uberaba, por meio da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba e Cultura (Semec) e Departamento de Formação Continuada (DFC)/Casa do Educador Prof<sup>a</sup> Dedê Prais.

Ressaltamos que foi realizado um levantamento junto ao DFC referente à realização de cursos de formação na área de cinema na atual gestão e nas últimas gestões. Verificamos que esta temática não foi abordada nos cursos de formação continuada de professores oferecidos pela rede municipal de ensino.

A nossa proposta de um curso referente à linguagem cinematográfica para os professores do município objetivou construir uma análise levando em conta os saberes e os conhecimentos dos participantes sobre o tema.

Referente à estrutura do curso ministrado, a carga horária inicial proposta foi de 30 horas presenciais e 10 horas a distância, totalizando um curso de 40 horas, sendo apresentado aos coordenadores da Casa do Educador Prof<sup>a</sup> Dedê Prais o curso no final de 2014, para ser desenvolvido em 2015.

No entanto, para as formações que se realizaram em 2015 na Casa do Educador Professora Dedê Prais, ficou estabelecido que os cursos ocorressem de forma modular, estruturados em três ofertas no decorrer do ano. Dessa maneira, o curso *Aprendizagens possíveis por meio da linguagens cinematográfica: Cinema e Educação* foi oferecido em três momentos, tendo uma carga horária de 18 horas presenciais e duas horas a distância, totalizando uma oferta de 20 horas. Com esta formatação foram ofertados três módulos diferentes, compreendendo 60 horas no total de todos os módulos.

Os módulos foram estruturados em seis encontros presenciais e o curso teve a parceria com a Semec por meio do DFC, que ofereceu a infraestrutura, recursos multimídias e demais materiais necessários para realização do curso e, em contrapartida, a pesquisadora ministrou o curso com o aporte teórico.

O público-alvo do curso se destinou a professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II da rede municipal de ensino de Uberaba, com 25 vagas disponíveis, em que os professores se inscreveram por meio do sistema de inscrição *online* do *link* do DFC, no site da Prefeitura Municipal de Uberaba.

O curso teve início no dia 30 de março de 2015 e foi finalizado no dia 11 de maio de 2015. A dinâmica do grupo focal ocorreu na quinta aula do dia 04 de maio de 2015, o curso

ocorreu às segundas-feiras, das 19 horas às 22 horas, na Casa do Educador Professora Dedê Prais. A programação desenvolvida contemplou uma introdução básica sobre a linguagem cinematográfica, com enfoque: em sua importância para o cotidiano escolar; como proposta pedagógica; na educação do olhar para as obras fílmicas como meio de conhecimento e de formação. A programação sistematizada do curso segue no quadro 1:

**Quadro 1 – Programação realizada no Curso de Formação**

<b>Aula</b>	<b>Temas</b>	<b>Recursos didáticos</b>	<b>Metas</b>	<b>Obs.</b>
<b>1º aula 3h</b>	Panorama Histórico do Cinema	-Recursos Multimídia -Datashow e notebook -Caixa de som média	- Conhecer como surge o cinema, e a importância desta conquista técnica para toda humanidade.  - Analisar o seu impacto da descoberta do cinema para a sociedade contemporânea.	Aplicar um questionário para ter perfil dos profissionais, a sobre a utilização do cinema na sala de aula.
<b>2º aula 3h</b>	Cinema e Educação Filme: Narradores de Jáve Diretora: Eliane Caffé Ano: 2003	-Recursos Multimídia	-Relacionar as diversas possibilidades, que podem ocorrer com a utilização do cinema como um recurso didático pedagógico na sala de aula.	
<b>3º aula 3h</b>	O dilema da vida por meio da uma obra fílmica Filme: Bella Diretor: Alejandro Gomez Monteverde Ano: 2006	-Recursos Multimídia	- Compreender, por meio de uma obra fílmica, a construção de uma mensagem em defesa e em favor da vida.	
<b>4º aula 3h</b>	Elementos para análise de Desenho Animado	-Recursos Multimídia	- Realizar uma análise crítica dos desenhos animados e seu impacto na construção do imaginário infantil, na sociedade contemporânea.	
<b>5º aula 3h</b>	Dinâmica do Grupo Focal	-Recursos Multimídia -Gravação de vídeo e áudio da aula	Realizar a atividade de grupo com os professores, aplicando a técnica de Grupo Focal, com a temática o cinema na sala de aula.	
<b>6º aula 3h</b>	O espectador como sujeito	-Recursos Multimídia	- Entender que o sujeito não é passivo. - Abordagem: a mensagem fílmica. - Analisar como o sujeito se inter-relaciona com a mensagem fílmica.	As cursistas vão escolher o filme que querem assistir.

**Fonte:** Elaborado pela autora, (2015).

A seguir apresentamos a descrição de como foi desenvolvido cada encontro formativo, os temas e obras fílmicas trabalhadas com as participantes.

### **1º Encontro**

Tema: Panorama histórico do cinema.

O desenvolvimento desse tema apresentou as seguintes metas:

-Conhecer como surge o cinema e a importância desta conquista técnica para toda humanidade.

-Analisar o impacto da descoberta do cinema para a sociedade contemporânea.

Para desenvolver esse tema, os recursos multimídia foram utilizados como recursos didáticos. As exibições dos primeiros filmes produzidos, bem como o primeiro desenho animado, filmes do cinema mudo e dois documentários sobre a História do cinema mundial e a História do cinema no Brasil.

### **2º Encontro**

Tema: Cinema e Educação

A proposta central para o desenvolvimento deste tema foi relacionar as diversas possibilidades que podem ocorrer com a utilização do cinema como um recurso didático-pedagógico na sala de aula.

Foi utilizado recurso multimídia para projeção do filme e a análise fílmica foi realizada por meio da obra *Narradores de Javé*, diretora Eliane Caffé. Após a exibição do filme as participantes expuseram suas impressões sobre o filme e destacaram:

- A dificuldade de Antonio Bia, personagem principal em escrever a história do Vale de Javé, devido às múltiplas histórias dos possíveis fundadores das cidades;
- A história que conhecemos pode ser dúbia por vir de uma tradição oral;
- A importância da escrita para a vida da pessoa e da comunidade.

As participantes não conheciam o filme e ressaltaram como o cinema brasileiro nos últimos anos vem produzindo excelentes filmes.

### **3º Encontro**

Tema: O dilema da vida por meio de uma obra fílmica

A proposta desse encontro foi compreender, por meio de uma obra fílmica, a construção de uma mensagem em defesa e em favor da vida.

Filme: *Bella*, com a direção de Alejandro Gomez Monteverde.

As principais falas referentes ao filme são sobre a posição do personagem principal José em defesa da vida; a valorização da família e a frases de valor à vida e do outro como pessoa humana; olhar e valorizar o outro e, claro, a mensagem contra o aborto, que é realizada de forma sutil no filme.

#### **4º Encontro**

Tema: Elementos para análise de desenho animado.

Para atender uma especificidade do público alvo, que em sua maioria atua na educação infantil, elaboramos essa temática para mostrar as nuances existentes nos desenhos animados e sua relação com o desenvolvimento infantil.

Recursos multimídia e exibição de curtas-metragens de desenhos animados e desenhos brasileiros como: *Peixe Frito*, *Minhocas* e a reportagem do Jornal da Globo Desenho animado *Cassiopeia* e outros de 2009.

As participantes fizeram uma relação direta com sua prática no cotidiano escolar. Ressaltaram que devem ficar mais atentas com os desenhos e obras fílmicas que selecionam para exibir para os alunos.

#### **5º Encontro**

Tema: Discussão do grupo focal.

Foi realizada uma atividade utilizando a técnica de pesquisa de grupo focal, com duração de 2h09min, a fim de termos uma compreensão das práticas e percepções dos professores em relação à sua visão sobre a linguagem cinematográfica.

A Dinâmica de Grupo Focal e a aula foram gravadas em vídeo e áudio e transcritas posteriormente para análise, conforme disponível no Apêndice C.

#### **6º Encontro**

Tema: O espectador como sujeito.

A proposta para encerrar o curso foi buscar compreender que o sujeito não é passivo perante a mensagem fílmica e analisar como esse sujeito se inter-relaciona com esta mensagem.

A dinâmica para esta aula foi propiciar ao grupo possibilidades de como refletir sobre o impacto da mensagem fílmica; pensar sobre a percepção e posição do espectador que não se faz passivo. Foram sugeridos seis títulos de filmes para as cursistas escolherem quais gostariam de assistir, e escolheram *O Triunfo*, com direção de Randa Haines.

Os outros títulos apresentados foram: *Up- Altas Aventuras; A Onda; Lincoln; A Culpa é das Estrelas e A Menina que Roubava Livros.*

Como atividade a distância para completar a carga horária, foi sugerido às participantes assistirem e analisarem o filme *O caminho das Nuvens*, com direção de Vicente Amorim. O registro foi por meio de uma ficha técnica de análise do filme em que todas realizaram a atividade.

Na realização do curso, primeira oferta perfazendo 20 horas, foi modificada a programação inicial devido ao número reduzido de cursistas e porque muitas iniciaram no meio do curso. Dessa forma, não foi possível realizar atividades práticas como *stop motion* ou brinquedos ópticos. Todavia, a proposta desenvolvida no curso deu uma visão da importância da linguagem cinematográfica como recurso a ser utilizado no cotidiano escolar.

O desenvolvimento deste curso teve como proposta trabalhar a temática cinema e educação com as profissionais docentes da Rede Municipal de Ensino e saber sua visão sobre o tema. Esta pesquisa, de base qualitativa, teve como objeto de análise um módulo do curso *Aprendizagens possíveis por meio da linguagem cinematográfica: Cinema e Educação*. O perfil das participantes foi delineado a partir de um questionário aplicado na primeira aula.

Nesta pesquisa procuramos desvelar do universo do profissional docente como ocorre a prática no cotidiano escolar referente à utilização da linguagem cinematográfica na sala de aula. Segundo Barbour (2009, p. 12), a pesquisa qualitativa amplia o campo de análise, pois tem aporte que explica diversos fenômenos sociais. Assim, na

(...) pesquisa qualitativa, é possível identificar algumas características comuns. Esse tipo de pesquisa visa a abordar o mundo “lá fora” (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras (...), analisando experiências de indivíduos ou grupos.

A pesquisa qualitativa responde a propostas dessa pesquisa, que trabalha com um grupo específico de profissionais, neste caso os professores.

O questionário foi aplicado ao iniciar o curso para diagnosticar a visão das participantes sobre o tema e sua prática pedagógica em relação ao cinema (Apêndice A - Questionário que foi aplicado no curso). Esse instrumento escrito teve como objetivo elaborar um perfil das participantes do curso e projetar uma análise inicial de suas impressões sobre o cinema na sala de aula. Para atingir esta proposta foram elaboradas questões que abordaram: aspectos pessoais, de formação inicial e continuada; sobre a prática na sala de aula e como se relaciona; como este profissional tem acesso aos bens culturais e sua apreciação. O referencial

teórico parte das análises do artigo *A técnica do questionário na pesquisa educacional*, de Chaer, Diniz e Ribeiro (2011), que faz uma análise geral de técnicas de coletas de dados, dentre elas o questionário.

Segundo Gill (apud CHAER, 2011, p. 260), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Foi pertinente a utilização da técnica de coleta de dados por questionário na fase inicial do curso, pois tivemos um conhecimento preliminar das opiniões das participantes sobre o tema, seus interesses e atuação no cotidiano escolar e o nível de apreciação cultural das participantes.

O curso foi ministrado em três turmas, denominado três ofertas. A pesquisa e o grupo focal foram realizados com a primeira turma, em que dezesseis pessoas se inscreveram, mas somente participaram do curso sete professores e, mesmo com número reduzido, o curso aconteceu. Para realização do curso foram estabelecidos dois critérios:

- a) O número de vagas para abertura dos cursos de formação de professores pelo Departamento de Formação Continuada por meio da Casa do Educador Professora Dedê Prais é de pelo menos de oito pessoas e, no máximo, 25 pessoas.
- b) Como a pesquisa utilizou a técnica de Grupo Focal-GF, no qual se utilizam grupos com números reduzidos de, no mínimo, seis e, no máximo 12 pessoas, a quantidade mínima para abertura de cursos coincidiu com a proposta de pesquisa.

O objetivo do desenvolvimento do GF foi conhecer como o grupo de professores pensa o cinema na sala de aula e o realiza na prática pedagógica. Conforme Gatti (2009), o número não deve ser tão reduzido e também não pode ser um número grande que inviabilize a interação do grupo. Caso tivéssemos mais de 12 inscritos, a opção da pesquisa seria convidar todo o grupo e, se todos tivessem interesse, fazer a entrevista dividindo a turma em dois ou três grupos.

Visando abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, cada grupo focal não pode ser grande, mas também não pode ser excessivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre seis a 12 pessoas. Em geral, para projetos de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes. Grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros. (GATTI, 2009, p. 22).

Em cada aula fizemos uma interlocução com as participantes sobre as suas impressões e visão do filme, o que a obra transmitia, sua mensagem mais marcante. Conforme os enunciados das participantes, ao final do curso visualizamos o que elas vislumbravam como potencialidades para trabalhar com o cinema na sala de aula.

As análises fílmicas eram realizadas por meio do conceito de marcas patêmicas, que é relativo a Pathos (emoção). Significa entender a emoção do cenário, o que a mensagem fílmica diz e toca o sujeito, qual o efeito patêmico que a obra estabelece com o sujeito, de acordo com Costa:

(...) o discurso pode ser portador de marcadores de emoção, mas estes marcadores só se configurarão como desencadeadores de emoção depois de submetidos ao filtro interpretativo do sujeito interpretante. É possível até mesmo que produções desprovidas da intenção de emocionar, causem emoção na recepção, caso os sujeitos encontrem no discurso elementos com efeito patêmico para eles. (COSTA, 2009, p. 73)

Desta forma, procuramos analisar as obras fílmicas e suas potencialidades como um recurso pedagógico para a sala de aula, e também analisar junto às participantes as emoções, efeito/impacto e recepção da mensagem, como dialogamos com o filme e sua visão de mundo.

### **3.2 O grupo focal**

No primeiro semestre de 2015, foi realizado o XIX Congresso Regional de Educadores de Uberaba e Triângulo Mineiro. Nesse evento houve a participação da grande maioria dos profissionais docentes da Rede Municipal de Ensino, momento em que ocorreu a divulgação dos cursos de formação que se realizariam ainda naquele ano na Casa do Educador Professora Dedê Prais. No material de divulgação constavam todos os 28 cursos a serem realizados na Casa do Educador Professora Dedê Prais durante o ano, indicando aos professores em quais podiam se inscrever. Dessa forma, houve uma divulgação prévia dos cursos, além do comunicado oficial enviado a todas as unidades escolares por mensagem digital. Ressaltamos essas informações a fim de demonstrar que as propostas formativas tiveram divulgação ampla.

O principal instrumento de geração de dados utilizado nesta pesquisa foi o grupo focal. Em relação a esta técnica, Gatti (2009, p. 11) nos orienta que: “A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite



também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.”

A estrutura de um GF caracteriza-se pela composição por 6 a 12 pessoas que participam de uma entrevista direcionada com um roteiro de perguntas sobre determinado tema. Neste caso foram propostas questões sobre a aprendizagem por meio do cinema. Na pesquisa educacional, ao fazer a opção por esta técnica de pesquisa procuramos compreender:

- O conhecimento dos professores sobre a linguagem cinematográfica e sua prática na sala de aula;
- Quais são os obstáculos na unidade escolar em utilizar este recurso;
- As aprendizagens que podem ocorrer por meio de uma obra fílmica;
- Como é realizada a escolha de uma obra fílmica para ser utilizada e que tipos de filme são mais indicados para o contexto escolar.

Uma das vantagens em trabalhar com GF é verificar em profundidade que determinado grupo sabe ou entende sobre determinado assunto. Segundo Dias (2014), o objetivo central dessa técnica de pesquisa é:

(...) identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Seus objetivos específicos variam de acordo com a abordagem de pesquisa. Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador, enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências. No caso de pesquisas clínicas, há uma modalidade de grupo focal, conhecida como entrevista de grupo focal em profundidade (*in-depth focus group interview*), cujo objetivo é identificar informações mais profundas do que as que se encontram acessíveis aos relacionamentos interpessoais. (DIAS, 2014, p. 3).

Essa técnica permitiu chegar a conclusões do próprio processo de formação do profissional docente. Concordamos com Gatti (2005) ao definir que:

A utilização do grupo focal, como meio de pesquisa tem de estar integrado ao corpo geral da pesquisa e a seus objetivos, com atenção às teorizações já existentes e às pretendidas. Ele é um bom instrumento de levantamento de dados para investigações em ciências sociais e humanas, mas a escolha de seu uso tem de ser criteriosa e coerente com os propósitos da pesquisa. (GATTI, 2005, p. 08).

É de extrema relevância saber o que pensam em relação ao audiovisual na escola. Dessa maneira, há um alinhamento da técnica de pesquisa do grupo focal com os objetivos de trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvido.

Para saber se realmente é condizente uma proposta formativa a partir do cinema e se esta formação reflete na prática da sala de aula, defendemos a necessidade de ouvir o professor, saber sua visão, o que pensa e o que faz realmente em sua prática de ensino na perspectiva da linguagem cinematográfica na sala de aula (Conforme roteiro do GF, no Apêndice B).

O espaço preparado para o grupo focal foi uma sala de aula, na Casa do Educador Professora Dedê Prais, onde foi realizado o curso. O momento foi gravado em áudio e vídeo com apoio de um bolsista do Grupo de Cinema da UFTM, que preparou e montou os equipamentos e repassou, posteriormente, todo o material para transcrição e análise. (Apêndice C, Transcrição do Grupo Focal)

A composição do GF foi formada por sete pessoas, sendo cinco cursistas que participaram da primeira oferta do curso *Aprendizagens possíveis por meio da linguagem cinematográfica: Cinema e Educação*, mais duas convidadas, sendo estas formadoras da instituição, no dia havia faltado duas cursistas. Todas participaram de forma efetiva da dinâmica proposta.

Iniciamos a técnica do grupo focal explicando ao grupo em que consistia esta atividade: uma forma de discussão de grupo, um processo importante de troca de informações e, principalmente, que as pessoas do grupo colocassem em discussão o que pensavam sobre o tema. No caso específico deste grupo, tratamos sobre o contexto da linguagem cinematográfica como recurso imprescindível de formação e informação para o profissional docente, assim como as possibilidades de utilização desse recurso em sua prática de ensino.

Com essas explicações, iniciamos com a apresentação de cada participante, pois estavam presentes pessoas convidadas. Depois desse momento, propusemos a apresentação do tema com um cenário futurístico sobre a utilização do cinema pela escola.

A dinâmica para iniciar as discussões consistia em abordar a Lei nº 13.006/2014 de 26/06/2014 que “determina a exibição de filmes nacionais como proposta pedagógica da escola, por no mínimo duas horas mensais”, ampliando esta proposta num cenário futuro mais amplo, em que todas as aulas, de todas as disciplinas, deveriam utilizar obras cinematográficas.

Todas as questões foram respondidas pelo grupo presente. Em muitas respostas, as participantes falavam de sua realidade e da estrutura escolar em que estão inseridas. Para tanto, também buscamos deixar um indicativo ao município sobre a necessidade de se investir em propostas formativas que respondam aos anseios do corpo docente, incluindo a formação e a análise do audiovisual no contexto escolar.

### 3.3 O roteiro do Grupo Focal

Após apresentação de um texto com um futuro hipotético, em que é lançada uma normativa pelo Ministério da Educação- MEC, tratando da ampliação da proposta da Lei 13.006 de 2014, houve a proposição de que esta lei havia sido ampliada para todas modalidades de ensino da educação infantil ao ensino médio.

Foram passadas para o grupo as questões referentes ao impacto deste cenário para a escola. Nesse momento, foram concedidos 15 minutos para as participantes pensarem sobre as questões propostas. Depois, abrimos espaço para todo o grupo responder a cada uma das questões. Cada questão era lida pela coordenadora do grupo, no caso, a professora ministrante do curso, que fez poucas intervenções nas respostas apresentadas pelas participantes. Durante a interação, houve incentivo para que todos participassem.

Constatamos uma excelente participação em todo o andamento do grupo focal. Ressaltamos que nenhuma das participantes, conforme fala delas, tinham participado de um grupo focal antes, e todas se interessaram pela proposta, posicionaram-se principalmente na troca de informação, experiências expostas, obtendo, por fim, uma nova visão sobre a linguagem cinematográfica.

### 3.4 O discurso docente como fonte interpretativa

Para este estudo estabelecemos uma interlocução com os conceitos de discurso, dialogismo e polifonia, do teórico Mikhail Bakhtin (1929).

O discurso expressa a visão de mundo e as concepções dos sujeitos presentes na *mise en scene* discursiva. A fala, nesse sentido, não é produto apenas do protagonista da fala, à medida que contempla as vivências e experiências trazidas de outros contextos. A fala expressa é, portanto, uma expressão de concepções que se afinam na composição do discurso.

Assim, o discurso, a partir das palavras, vai sendo tecido e configurado no espaço social, nos quais o sujeito está inserido, e que, conseqüentemente, refletem sua caminhada histórico-social e cultural, sendo formada ao estabelecer conexões com os interlocutores na rede de suas relações sociais. Segundo Bakhtin (1997, p.41), a palavra é o indicador mais sensível das transformações sociais:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais,

mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1997, p.41)

Nesse universo de palavras que expressa o discurso, vamos nos ater para entender o discurso e as concepções dos professores sobre a utilização do cinema como recurso pedagógico.

Quanto à inter-relação de fios da palavra, que está presente no enunciado dos locutores e interlocutores de um grupo, temos a expressão de determinado grupo sobre um tema, segundo Bakhtin (1997, p.77):

Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos*, que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais -, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade. (BAKHTIN, 1997, p.77)

Dessa forma, mergulhar em um processo de análise do discurso por meio da enunciação, pronunciado pelo locutor ou um grupo de locutores, é o que nos dá suporte para entender sua compreensão e sua visão sobre determinado tema.

Outro conceito utilizado é o dialogismo, exposto por Barros (2003, p.2), como condição do sentido do discurso elaborado por Bakhtin, que

concebe o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Examina-se, em primeiro lugar, o dialogismo discursivo, desdobrado em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso. (BARROS, 2003, p.2)

Bakhtin, conforme destaca Barros (2003, p.2-3), caracteriza o dialogismo não apenas a partir da constituição do eu, mas também a partir da relação entre o eu e o outro (as vozes sociais), que o posiciona como um sujeito histórico e ideológico.

Nesse cenário, para compreender as várias vozes do discurso apresentadas pelos enunciados dos falantes, temos o conceito de polifonia, como ressalta Barros (2003, p. 05-06): “Emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem aos

diálogos que os constituem.” Um enunciado, de acordo com a elaboração do locutor, pode apresentar várias vozes presentes nesse discurso: a voz do sujeito como profissional, como espectador analisando uma cena, a voz de vítima de um contexto e várias outras.

Em nosso estudo, considerando o discurso docente polifônico, é possível antever a presença/ausência de vozes. As vozes dos professores, por exemplo, desmembradas em voz do professor tradicional e do professor inovador, poderiam ser esperadas nas falas dos participantes.

Além disso, nos enunciados podem ocorrer uma troca constante de informação e interação entre os sujeitos, principalmente em uma dimensão educativa a interação é um alicerce imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, conforme Barbosa (2010, p. 51):

As interações formam o alicerce necessário à construção das experiências que professores e alunos adquirem por meio dos processos de ensino e aprendizagem. A vida em sala de aula é discursivamente construída e suas estruturas organizativas e de funcionamentos têm sustentação nas experiências que vivem na escola e fora dela. (BARBOSA,2010, p.51)

As palavras empregadas nos enunciados discursivos vão expor a visão do sujeito sobre determinado tema. Por isso, trabalhar com a análise do discurso significa trabalhar com uma riqueza de informações, pois, a partir de uma análise e de um olhar mais atentos, conseguimos entender as percepções do outro, conforme sua posição, bem como as concepções que foram sendo formadas diante de uma realidade sócio-histórica, cultural, dentre outras. Segundo Geraldi (2010, p. 123-124), as trajetórias dos sujeitos os fazem sociais também pela língua compartilhada:

A linguagem, enquanto processo de constituição da subjetividade, marca as trajetórias individuais de sujeitos que se fazem sociais também pela língua que compartilham. A exploração das contrapalavras das compreensões diferentes permite o cálculo de horizontes de possibilidades e a construção, através da memória do futuro, de lugares desterritorializados a partir dos quais podem ser mobilizados desejos e ações que, respeitando diferenças, não as transformam em desigualdades. (GERALDI, 2010, p.123-124)

A linguagem nos aproxima e, por meio dela, construímos nossos territórios de relações comuns, assim como também pode nos distanciar, quando não nos vemos no horizonte das relações com os outros.

## SEÇÃO 4 RESULTADOS

### 4.1 Questionário

No primeiro encontro, explicamos ao grupo que o curso fazia parte de um trabalho de pesquisa de Mestrado em Educação, desenvolvido junto à UFTM. Para realização do grupo focal, contamos com a participação de sete professoras. As participantes foram devidamente esclarecidas sobre a realização do nosso estudo. Todas, após esclarecimento, assinaram o termo de participação da pesquisa e autorização do uso de imagem (Anexos).

Primeiramente, foi entregue um questionário com questões mais gerais e outras que abrangiam a relação pedagógica com a linguagem cinematográfica, a fim de identificarmos o perfil das participantes. As informações preliminares em nosso estudo, obtidas a partir desse questionário revelaram que:

- Todas as participantes do GF são do sexo feminino e atuam na Educação Infantil. Têm entre 30 e 44 anos, sendo 4 casadas e 3 solteiras;
- Apenas duas participantes apresentavam com grau de formação de nível médio, tendo cursado o magistério. As outras cinco concluíram o nível superior, nos cursos de Educação Física e Normal Superior e três em Pedagogia;
- Havia, entre as participantes, professoras em início de carreira, com apenas 2 anos em sala de aulas, sendo 3 participantes com este perfil e outra bastante experiente, com 24 anos de trajetória docente;
- Atividades práticas em sala de aula foram apontadas como estratégias que facilitariam a aprendizagem. No mesmo sentido, o excesso de aulas teóricas aparece com um possível dificultador da aprendizagem;
- A pouca familiaridade com os recursos tecnológicos aparece como um problema no uso em sala de aula;
- O tempo livre é ocupado para dar atenção à família e se atualizarem com atividades do trabalho, como: ler, estudar e atividades ao ar livre;
- Com relação à utilização de filmes em sala de aula, as participantes consideram-na uma atividade prazerosa, ao mesmo tempo informativa e com capacidade para despertar o raciocínio dos alunos. Não foi citada como uma prática constante, ou até mesmo uma proposta formativa gradual dos alunos, em relação à utilização desse recurso pedagógico no cotidiano escolar;

- Os desenhos infantis predominaram como os filmes mais assistidos, aliados provavelmente à atuação do grupo na educação infantil e os mais utilizados foram: A fuga das Galinhas, Rei Leão, A Galinha Pintadinha, Procurando Nemo e Pica-Pau;
- A apreciação cultural como apresentações musicais, teatrais, cinemas entre outras, não é citada pela maioria das participantes, apenas uma diz que costuma ir ao cinema.

#### **4.2 Grupo Focal e Campos Semânticos**

O Grupo Focal teve duração de duas horas e nove minutos e foi gravado em vídeo por uma câmera, posicionada em frente às cursistas. Havia ainda sobre a mesa, três gravadores digitais de áudio. As participantes foram dispostas em semicírculo, num formato meia lua e a pesquisadora posicionada à direita do grupo.

O GF organizou-se em três momentos:

- No primeiro momento, todas as participantes se apresentaram dizendo o nome, formação, local de atuação e se consideram o uso de cinema em sala de aula viável;
- No segundo momento, foi explicada a dinâmica do GF e apresentada a temática tendo como foco central cinema e educação, a fim de incentivar a discussão no grupo;
- No terceiro momento, foi entregue o roteiro e as participantes foram se posicionado conforme suas experiências e visão de mundo.
- Neste estudo, as participantes serão identificadas com um número como: participante 1, participante 2 e assim, sucessivamente.

Todo material registrado foi transcrito de maneira a termos as falas a partir das quais trabalhamos os descritores discursivos. Buscamos agrupar as palavras utilizadas a partir do campo semântico a que pertenciam. Isso corresponde dizer que todo material transcrito passou por muitas leituras a fim de identificarmos os campos semânticos aos quais as palavras se remeteriam, assim como evidências para outras questões levantadas em nosso estudo.

No discurso, o número de vezes que uma palavra/expressão é empregada pode denotar a relevância que os protagonistas da fala conferem a uma ideia. O campo semântico ao qual a

palavra pertente ajuda-nos a identificar o conjunto de ideias que estruturam o discurso. Por exemplo, as palavras *giz*, *aula*, *aluno* e *provas* remetem ao campo semântico da escola.

Assim podemos conhecer os muitos eixos a partir dos quais o discurso orbita. O procedimento analítico relacionando ao campo semântico ocorreu em três etapas.

- A 1ª etapa da leitura visou a identificar no texto trechos que seriam descartados, como a apresentação dos indivíduos e, ainda, palavras que correspondem a verbos de ligação, artigos e suas variantes;
- Na 2ª etapa, buscamos identificar as recorrências no uso de palavras e expressões, procurando qualificá-las em função da classe a que pertencem (verbos, substantivos, adjetivos);
- Já na 3ª etapa e a partir das palavras identificadas na etapa anterior, buscamos agregar as palavras (expressões a partir do sentido no *mise en scene* evidenciando assim os campos semânticos).

A partir da recorrência das palavras utilizadas circunscrevemos 10 campos semânticos que fundamentam o discurso das cursistas. Os campos semânticos foram organizados em gradiente, de acordo com a frequência das palavras no discurso.

Os campos semânticos identificados expressam o nível de relevância que as participantes atribuíram a determinados contextos, os quais são apresentados na figura 1 a seguir:

**Figura 1:** Frequência de palavras por campo semântico



Fonte: Elaborada pela autora (2016)



Na sequência, procederemos à apresentação detalhada dos campos semânticos identificados.

### **a) Trabalho Docente**

No campo semântico referente ao trabalho docente, as palavras que aparecem mais de dez vezes em todas as falas foram os verbos: trabalhar, dar, ajudar, planejar, desenvolver, ensinar, mostrar e o substantivo formação.

Os verbos planejar, ensinar, desenvolver, ajudar (o aluno a aprender), mostrar (no sentido de apresentar o conhecimento) e dar (sempre na expressão dar a aula) são típicas ações de sala de aula, e quando correlacionados correspondem ao trabalho docente.

O fato de o substantivo formação aparecer no lugar do verbo formar pode ser entendido por se tratar de professores que em situações formativas ocupam o papel do aluno (o que está em formação) e nunca do professor (o que está a formar o aluno).

O verbo trabalhar que teve maior frequência, revela que o professor entende sua prática como atividade profissional e, portanto, com necessidades formativas que o levem para desempenhos mais eficientes.

As palavras adequar, disciplinar, rotina, explicar, ferramenta, destacar, relatório, registrar (como ação prevista para o professor) e controlar aparecem com menor incidência e também revelam ações do cotidiano docente.

Este quadro mostra que para utilizar o recurso didático do cinema no contexto escolar, as professoras ressaltam que é um trabalho a mais que vão ter, que requer uma formação mais direcionada e conseqüentemente um planejamento melhor da prática de ensino por meio da linguagem cinematográfica. Vamos, a partir deste momento, designar as professoras que participaram do GF como participantes, sendo participante 1,2,3...7, pois foram sete que participaram do mencionado grupo. Para facilitar a compreensão, vamos utilizar abreviações<sup>22</sup>.

#### **Ex.1 – Part.6 e Per. 1**

No começo assim, eu acho que será difícil até uma forma de adaptação, para começar como as salas, né, próprias né, e trabalhar em cima de projetos, materiais cinematográficos adequados, é filme nacional em que idade e sendo a onde trabalhar, tipo assim a gente lá trabalha de 2 a 5 anos, como o filme nacional, tem uma duração de uma hora, uma hora e

<sup>22</sup> Para facilitar na exposição dos exemplos referentes aos enunciados do GF, vamos utilizar as referidas abreviações como: Exemplo – Ex1; Participante 1 – Part1 e Pergunta 1 – Per 1.

meia pouquinho, assim na faixa etária de 2 a 3 anos até 4 anos por ser muito longo não.

As referências de ser uma proposta didática de interação, momento de aprendizagem, conhecimento por meio do audiovisual não são mencionadas. Estas relações evidenciam que não é uma proposta tão fácil e que faça parte de sua prática no cotidiano escolar.

O trabalho docente é visto como uma série de ações que devem ser exercidas no contexto escolar, um trabalho em sua maior parte rotinizado por uma burocracia escolar, que o docente deve prestar contas junto aos gestores de sua unidade escolar.

## **b) Universo escolar**

As palavras que remetem ao campo semântico do universo escolar são os substantivos: alunos, professor, escola, aula, supervisão, currículo/matriz, educativo, linguagem, aprendizagem e ensino. Os verbos de maior frequência são: escrever, obedecer, acessar, aprender, ler e estudar, todos referenciam ações esperadas para o aluno.

Destacamos que do contexto escolar duas palavras que mais apareceram foram: alunos e professor, inferindo que a unidade escolar não se concretiza sem estes dois agentes professores e alunos.

Além de reportar ao universo da escola como o espaço de atuação profissional, também foram referenciadas as experiências que as professoras tiveram quando alunas, como observamos o que foi ressaltado pela participante 1.

### **Ex.2 – Part.1 e Per. 1**

É só uma observação eu me lembro quando eu estava na escola, geralmente era muito comum na sexta-feira, um grupo de dois, três professores, então vamos supor cada semana um era responsável, pegava um filme, passava na biblioteca e colocava duas ou três turmas para assistir, geralmente na sexta, só que aí a nossa pedagoga começou a observar que aquilo acontecia, então ela falou olha gente todas as vezes que vocês agendarem a biblioteca, vocês vão colocar o filme e qual o objetivo de vocês.

Alguns termos configuram aspectos relacionados ao espaço físico como a palavra estrutura, pontuando a adequação da estrutura física da escola para o desenvolvimento de atividades diferenciadas. As participantes idealizaram a exposição de uma proposta

pedagógica ou utilização de outro recurso, a fim de sair do contexto habitual em que estão inseridas.

### **c) Cinema/mídia**

Nesse campo semântico, os substantivos com maior frequência foram as palavras: filme, cinema, cultura, televisão, mensagem, linguagem cinematográfica e imagem, os verbos que mais se destacaram foram: assistir e passar (no sentido de passar o filme).

Quando as participantes são questionadas sobre como o cinema pode facilitar o ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem do aluno, as respostas vão além de um recurso didático na prática de ensino. São ressaltados o impacto do audiovisual principalmente na criança no processo de sua formação e o preparo do professor, para a utilização deste recurso.

A participante 3, coloca que o mais preocupante são os filmes e desenhos que os alunos assistem em casa, pois influenciam seu comportamento, sendo que alguns até apresentam atitudes agressivas com os coleguinhas.

### **Ex.3 – Part.3 e Per.6**

<p>Eu acho que nesta questão de trabalhar o filme e tudo eu acho que ele vai estar passando está importância para os pais, e eu acho que vai estar ajudando nesta questão dos pais estarem repensando também, o filme que vai estar passando em casa e caso né, este filme é interessante é relevante tem alguma coisa que vai estar ajudando para não estar passando tanto filme de adultos.</p>
---

A preocupação de uma proposta fílmica, com relação ao conteúdo e adequação a faixa etária é constante para o professor. Há dificuldade de lidar com aparatos tecnológicos como computador, projetor e outros equipamentos, e isso pode dificultar a inserção do cinema a sala de aula.

Portanto, apesar de reconhecerem a importância da atividade como um diferencial e um momento prazeroso, não é algo fácil na prática cotidiana de sala de aula, conforme destacado por algumas. Todas as participantes reconhecem as potencialidades do recurso, mas a sua utilização depende de outros fatores.

#### d) Diálogo

É por meio do diálogo que estabelecemos relação com outro. Essa relação vamos construindo em diversos contextos, seja pela relação do olhar e visão de mundo com as nossas percepções, seja pela visão de mundo com as percepções do outro, podemos construir pontos de convergências e de divergências.

Nesse campo semântico identificamos palavras que remetem à postura de diálogo com o outro, tendo com maior frequência os verbos: falar, conversar, dizer, chamar, discutir, perguntar e comentar.

Por ser participantes que atuam na educação infantil, a oralidade como metodologia de ensino perpassa toda prática docente. Mostrar e explicar com exemplos próximos dos alunos é uma estratégia constante para fazer com que o aluno entenda e participe de todas as atividades propostas, questão colocada pela participante 3.

#### Ex. 4 – Part.3 e Per. 6

É muito interessante esta troca de papéis sabe, às vezes eu chamo também, eu dou... eu fico no centro ministrando a aula, e eu chamo um ajudante, aí eu falo: -Agora vocês têm que observar o seguinte, este meu ajudante vai ser um professor junto comigo, então vamos comportar bem, fazer tudo certinho, tudo então dos combinados, porque se meu professor ajudante falar que vai ficar sem atividade eu não posso passar por cima da autoridade dele; eu vou ter que deixar sem atividade se ele achar que não está merecendo, não tá participando, porque não está seguindo os combinados que a gente conversou.

Perceber por meio das interações, professor-aluno, aluno-professor e entre os alunos, o aluno vai construindo uma percepção de seu papel e das normas sociais, segundo enunciado da participante 3, “eu falo: agora vocês têm que observar o seguinte, este meu ajudante vai ser um professor junto comigo, então vamos comportar bem, fazer tudo certinho, tudo então dos combinados, porque se meu professor ajudante falar que vai ficar sem atividade eu não posso passar por cima da autoridade dele”.

Por meio da interação de locutores e interlocutores, as relações vão sendo construídas, configuradas e reconfiguradas conforme as situações e posições que vamos ocupando, sejam no território educacional, familiar ou social.

### e) Construção do saber

A construção do saber está no espaço escolar, mas extrapola os muros da escola. As palavras que compõem o campo semântico “construção do saber” evidenciam esta questão, os verbos com maior frequência são: saber, pensar, perceber, observar, diferenciar, criar, focar, desenhar, conhecer, descobrir, criticar, envolver, imaginar, sensibilizar e buscar. Os substantivos que ocorreram com maior frequência foram: desenho, diversidade e conhecimento.

Nas proposições enunciadas são sinalizadas a possibilidade de ampliar o universo de conhecimento e prática do aluno, com propostas diversificadas de atividades e um leque de opções de diversos contextos dos quais o aluno tem acesso, esta relação é destacada pela participante 7.

#### Ex.5 – Part.7 e Per.3

Ela só gosta de desenho porque e só isto que ela vê, então se eu tiver a possibilidade de levar ela à amplitude, à gama cultural que, ela que nós temos, eu acredito que nós temos condições de desenvolver muitas coisas, mas são coisas que às vezes até a gente realmente precisa, aí quando você fala da questão dos professores precisam ser preparados eu acredito que seja também nesta questão de ter acesso.

Para esta dinamização no contexto escolar, o professor deve oportunizar para o aluno o acesso a outras formas de cultura, de aprendizagem e predisposição para fazer diferente, conforme ressalta a participante 7, “então se eu tiver a possibilidade de levar ela - a amplitude a gama cultural -, que ela que nós temos, eu acredito que nós temos condições de desenvolver muitas coisas”.

Nesse contexto é importante pontuar que há outros espaços, que podemos ter acesso a propostas fílmicas diferenciadas e criar momentos de conhecimento e aprendizado, como destacado pela participante 1.

#### Ex.6 – Part.1 e Per. 6

descobri recentemente meu menino tem um PS3, quando conecta lá no youtube eu assisto filme lá, sentada no meu sofá e só vai clicando, a eu quero este filme e assisto, então sábado, domingo e feriado eu assisto vários, vários filmes não precisa locar, não

tenho gasto nenhum e na minha casa com internet, youtube eu assisto pela TV, então quer dizer, às vezes o pai tem o equipamento em casa, então a gente pode criar alguma alternativa na escola pelo menos uma vez por mês né, começar por um grupo menor para desenvolver, criar momentos e para ele ter estas oportunidades desta vivência né, se a gente quer ampliar isto, quer estender para os lares, porque a criança vai falar, mas quando a gente vivencia torna-se mais significativo, marcante...

Por meio do acesso à rede de Internet podemos ter acesso a diversos programas, filmes e outros recursos midiáticos que são comuns aos alunos.

O exemplo da Part. 1 evidencia que estamos inseridos em um cotidiano cercado de imagens em movimento ou estáticas, em alguma medida isso configura os espaços urbanos e, conseqüentemente a sociedade contemporânea.

A construção do saber passa pelo acesso à informação, pelas relações que podemos estabelecer entre a escola e outros espaços, o que pode materializar-se em oportunidades ímpares, envolvendo e sensibilizando a nós mesmos e aos outros para uma caminhada de formação, de significação e ressignificação constante de “aprender ao longo da vida”.

#### **f) A Criança**

O campo semântico que se refere ao universo das crianças se justifica devido ao público participante atuar profissionalmente com a faixa etária da educação infantil.

Assim, os verbos que foram identificados com maior frequência são: pegar (pegar no sentido de pegar o brinquedo, pegar objetos que interessam à criança), jogar, brincar e correr. Os substantivos com maior frequência foram: criança, faixa etária, infância, bagunça e educação infantil.

Ao observarmos as semioses sugeridas nesse campo semântico, uma das maiores preocupações das participantes quanto à utilização de recursos e qualquer proposta pedagógica é se o filme ou a proposta está adequada àquela faixa etária, mas também qual a contribuição de determinada atividade para o desenvolvimento da Educação Infantil como um todo, ponderação destacada pela participante 3.

#### **Ex. 7 – Part.3 e Per. 2**

um filme que tenha uma intenção, uma mensagem legal importante para eles, eu acho

que eles vão dar um ótimo retorno, vai fazer a criança, no caso da educação infantil, ele não vai estar escrevendo né, sobre o filme, mas eles pode estar demonstrando em forma de desenho, ele pode estar desenhando e mostrando e o que ele achou de mais importante, a mensagem. Depois do professor estar falando sobre o assunto, a importância, igual ela falou, o que está nas entrelinhas, o está querendo dizer com aquele desenho, com aquele filme, né? Qual é a mensagem que está passando..., eu acho que ele tem condição de estar passando isto em forma de desenho né, mostrando para gente em forma de desenho qual que foi a mensagem e estar discutindo e questionando; passando qual foi a informação, o que ele aprendeu o que ele achou interessante né, sobre este filme e discutir com os coleguinhas também junto.

O desenvolvimento da atividade didática e de fruição de uma obra fílmica contribui para que o aluno amplie seu repertório cultural e para que a proposta propicie uma interação dos conhecimentos de professores e alunos. O universo lúdico deve estar presente nas atividades deste nível de ensino, mas há outra preocupação, que é não infantilizar as atividades, subestimando as habilidades e potencialidades que a criança pode desenvolver e demonstrar nas atividades propostas, como consta no comentário da participante 3, “vai fazer a criança, no caso da educação infantil, ele não vai estar escrevendo né, sobre o filme, mas eles pode estar demonstrando em forma de desenho, ele pode estar desenhando e mostrando e o que ele achou de mais importante a mensagem”.

Levando isso em conta, quando indicativos se materializam na prática de ensino do docente, devemos ter conhecimento do desenvolvimento infantil, principalmente no tocante à atuação neste nível de ensino.

### **g) O olhar**

O campo semântico relacionado à capacidade de ver (o olhar) agrupa verbos e substantivos revelando que o professor atribui ao olhar uma dimensão exploratória em relação à construção do conhecimento (o aluno vê, o aluno nota) e ainda como uma forma de ver o mundo (a visão de mundo, concepção). No campo semântico do olhar, as palavras com maior frequência foram os verbos: ver, olhar, ampliar e notar e o substantivo que identificamos foi visão.

O ver, olhar e ampliar estão correlacionados a uma percepção diferenciada daquilo que se tem acesso e como isso impacta a nossa forma de ver o mundo e tudo que nos cerca. E, em relação à linguagem cinematográfica, as possibilidades de aprendizagem se tornam múltiplas, pois o nosso olhar não delimita fronteiras.

Quando introduzimos a perspectiva de educar por meio da linguagem cinematográfica temos outro referencial como a formação deste docente, questão destacada pela participante 1:

### **Ex. 8 – Part.1 e Per. 3**

Estava pensando aqui, da mesma forma que este momento formativo é importante para nós, até ter este olhar diferenciado quem está na escola e não está participando deste momento por exemplo no curso, não está tendo esta formação, não está tendo esta oportunidade de mudar esta visão, esta concepção né, de ver a importância da linguagem cinematográfica, de repente criar na escola mesmo que comece com um grupo menor de pais né, em um determinado dia, quem sabe passar um filme também né, numa reunião de pais, pelo menos um clipe, alguma coisa e começar a desenvolver esta cultura.

Entendemos aqui que construir uma ponte e mostrar outros caminhos, conforme comentário da participante 7, seja um dos papéis do profissional docente.

### **Ex. 9 – Part.7 e Per. 3**

Eu acho que uma coisa importante da gente acrescentar, que elas já disseram, é que eu vejo assim, que a essencialidade a importância desta proposta, eu acho que está no fato assim, que ela possibilita uma ampliação né, uma ampliação nossa, porque as vezes nós não temos este subsídio não só de manusear o equipamento o computador, mas uma ampliação assim e, e de âmbito cultural mesmo, porque às vezes a gente costuma dizer que criança só gosta de desenho, só gosta desenho porque ela não tem acesso a outras formas de cultura por exemplo um musical e vocês as crianças adoram musicais.

Ilustramos nestes enunciados algumas possibilidades na construção de pontes para uma educação e ensino por meio do audiovisual nas escolas.



## h) O Prazer

As palavras destacadas no campo semântico como algo atrativo e prazeroso circularam em torno dos verbos: querer, gostar, sentir e sonhar. O adjetivo com maior frequência é a palavra interessante, e o substantivo é a palavra prazer.

A relação que as participantes estabelecem para assistir a um filme e um momento prazeroso, que tanto adultos quanto crianças gostam, está ressaltada na fala da participante 3.

### Ex.10 – Part.3 e Per. 2

de início eles vão achar o máximo porque quem não gosta de assistir a um filme, criança gosta, adulto gosta é um momento prazeroso, né.

O filme foi proposto como um elemento prazeroso, que pode ser utilizado enquanto um recurso para aprendizagem, quando a exibição fílmica tem uma objetividade pedagógica; também como um momento livre para apreciação de um gênero, pensando a faixa etária que as cursistas atuam.

O espaço escolar foi visualizado como o *lócus* de potencialidades diversas para o desenvolvimento do aluno, não só cognitivo, mas em todas as suas dimensões, pois a escola passa a remeter um espaço que o aluno terá prazer e queira estar, pois ali ele reconhece um sentido.

## i) A Realização

Para o campo semântico do realizar reunimos as palavras cujos sentidos orbitam a aula enquanto acontecimento escolar.

Os professores utilizam adjetivos que qualificam o processo de materialização da aula como complicado e difícil. Os verbos que mais aparecem são acontecer (para que a aula aconteça) e conseguir. Desafio é o substantivo de maior frequência e pode ser um indicativo de contextualização da aula enquanto acontecimento (uma aula é um desafio).

Dentre as palavras que orbitam este campo semântico e, principalmente em oposição aos adjetivos mais frequentes (complicado e difícil), constatamos total ausência de palavras que remetam a fácil e simples, por exemplo. Assim, os sentidos atribuídos a esse campo indicam que a aula, enquanto acontecimento, realmente se configura como algo difícil, desafiador.

Ao pensar nesses aspectos concernentes à realização do ensino, eles nos apontam para normativas que abrangem as políticas públicas, que são um caminho, trazendo muitas propostas que atingem o fazer pedagógico. No caso do cinema, temos a promulgação da lei 13.006/2014, que estabelece a obrigatoriedade de exibição fílmica de obras nacionais, por duas horas mensais, nas unidades escolares de Educação Básica.

No entanto, apenas a promulgação de uma lei não efetiva a ação no cotidiano escolar, é necessário pensarmos no suporte formativo e nas ações de continuidade de uma política pública no panorama educativo, o que está posto no enunciado da participante 1:

### **Ex. 11 – Part.1 e Per. 9**

Eu acho que na educação tudo acontece de uma forma lenta né, gradual eu acho que a gente precisa de investir né, de cobrar de persistir né, porque é muito importante até mesmo assim este momento para gente, estava comentado pensar na cultura que nós estamos né, construindo é como que este sujeito, este indivíduo, este cidadão né, qual é a visão dele futuramente, qual é a nossa contribuição como educador na formação dele e futuramente como nós vamos contribuir trabalhando com está linguagem, né

Da transição de uma normativa para o fazer metodológico temos a certeza de um longo percurso. Para implementar a utilização do cinema na sala de aula devemos incorporá-la como prática de ensino, ultrapassando as barreiras próprias de um processo educacional. É necessário empreendê-lo de forma contínua e gradativa, como no nosso exemplo iniciamos com a apreciação de obras fílmicas e posteriormente promovemos o encontro com outros olhares e percepções sobre a linguagem cinematográfica. Na voz da participante 7 está representado o que partilhamos no grupo, que fica difícil determinar o início e o fim desta caminhada.

### **Ex. 12 – Part.7 e Per. 9**

Eu acho que toda proposta ela se constitui assim como um processo né, você inicia e fica difícil fazer uma previsão porque é algo processual, quer dizer depende da maneira como que vai efetivar como vai concretizar levando em consideração tudo aquilo que a gente expôs aqui, as nossas limitações e as nossas, é mais que se constitui como uma proposta inovadora com um grande potencial de trazer assim realmente enriquecimento para a nossa prática, trazer um novo formato uma nova forma de atuação além das que

nós já fazemos né, eu acho que com certeza, com certeza.

A proposta do cinema na sala de aula não é nova, mas ainda não está presente de forma efetiva dentro da escola e também como uma propositiva formativa do profissional docente.

### **j) O que é Importante**

Ao pretender incorporar o uso do audiovisual em sala de aula instauramos um campo que abre demandas de diferentes instâncias e surgem como condição para que a atividade se materialize. O campo semântico é um bom indicativo do que é preciso considerar na implementação dessa proposta, bem como do que se faz importante nesse contexto.

O discurso do GF revelou que o verbo precisar tem elevada incidência, anuncia o terreno dos sentidos, o que o professor considera importante. As palavras importante (adjetivo) e importância (substantivo) também ajudam a localizar no discurso estes significados, assim como o adjetivo relevante, também presente, mas em menor incidência.

Para a análise no campo semântico do que é importante empreendemos um segundo movimento no discurso, diferentemente do que aconteceu com os campos semânticos anteriores, pois interessa-nos saber o que a professora identifica como importante.

Em outras palavras, o que é importante para o professor ao incorporar o cinema em sua prática? Para efeito de análise, organizamos os sentidos encontrados a partir das palavras (importante, importância e precisar) contidas em perguntas que consideram o uso da linguagem audiovisual na sala de aula:

- 1) O que é importante considerar para a realização da atividade;
- 2) Qual a importância de se utilizar a linguagem cinematográfica em sala de aula;
- 3) O que é necessário para implementar a atividade.

Essas palavras conduziram a análise do campo semântico, possibilitando-nos selecionar o que as participantes destacaram em relação à importância de trabalhar com o cinema na sala de aula e de procurar estratégias que envolvam o aluno neste processo.

Para a maioria, a relação entre o conteúdo e a proposta didática com que se deseja trabalhar é indissociável, neste caso o filme necessariamente estabelece relação com o que está sendo trabalhado em sala, segundo enunciado da participante 1:

**Ex. 13 – Part. 1 e Per. 3**

É elencar aquilo com aquilo que você está trabalhando o dia-a-dia para ele perceber a importância a relevância daquilo né, ele as vezes não vai ter, por exemplo na educação infantil não tem esta maturidade, mas ele vai perceber a importância daquilo, que nós tenhamos em mente qual a importância disso na formação do meu aluno né, pensar na formação dele, isto tem que estar bem claro para o educador, do professor responsável né, pelo desenvolvimento das atividades ali.

Quando o nível de ensino é trabalhar com crianças, neste caso específico a educação infantil, que abrange de 0 meses a 5 anos, outra grande preocupação é a adequação dos gêneros. Essa preocupação das professoras está na escolha de filmes, desenhos e programas para esta faixa etária, mas também há outra questão: o acesso que as crianças têm a obras que não são apropriadas para a sua idade.

Portanto, as participantes sempre ressaltam a importância de trabalharmos com os pais, de orientá-los para observar e não deixar a criança exposta a programações televisivas inadequadas, questão destacada pela participante 3:

**Ex. 14 – Part. 1 e Per. 3**

Estar destacando com os pais o, com a família, olha a gente está trabalhando, isto, isto e isto e trazendo mensagem a este, e este respeito, que é importante é tudo para estar levando os pais a pensar e estar pedindo os pais também para eles estar passando alguma coisa, assim, mais infantil né, e que tenha uma mensagem interessante que vai acrescentar alguma coisa para a criança fique mais agitada, mais violenta né, e não é isto que a gente está precisando nas escolas né, um palavreado grosseiro né, que as vezes, ou viu no filme de adulto né, as vezes o aluno está falando.

Quando destacamos as palavras precisar, importante e importância, elas vêm acompanhadas de duas questões: a primeira em relação às referências que os professores precisam e a segunda o que eles indicam como importante para atingir um objetivo. Dessa forma, vamos aprofundar na análise destas palavras para termos um panorama do que foi destacado pelas participantes, conforme os quadros a seguir.

O quadro 2 revela no enunciado em que a palavra importante aparece, o que é explicitado pelo professor e qual o sujeito para quem aquilo é importante.

**Quadro 2** - O que é destacado como importante pelas participantes.

<b>Importante</b>	<b>Professor</b>	<b>Aluno</b>	<b>Outros</b>
Tem que ter uma mensagem, um objetivo	X	X	
Momento formativo para os professores	X		
Uma linguagem importante de ser trabalhada	X	X	
Adequação de filmes à faixa etária	X		
Ter um planejamento	X		
Interação do aluno		X	
Destacar com os pais como a escola trabalha com os filmes	X		X
Os pais ajudar com a exibição de filmes adequado	X	X	X
Incluir a proposta do cinema na sala de aula	X	X	X
O aluno levar para casa o que vivência na escola		X	X
Importante planejar, mas a instituição (Escola e Semec) exige uma série de preenchimento de relatórios sobre o processo ensino-aprendizagem	X		X

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

**Quadro 3** - O que é destacado em termos de importância de se utilizar a linguagem cinematográfica pelas participantes.

<b>Importância</b>	<b>Professor</b>	<b>Aluno</b>	<b>Outros</b>
Passar para os pais como os filmes estão sendo trabalhado na escola	X	X	X
O aluno perceber a importância do que está sendo trabalhado	X	X	
Estratégias com alunos com outras habilidades	X	X	
Importância da mensagem do filme	X	X	X
Motivar o aluno	X		
Pensar na formação do aluno.	X		
Importância da linguagem cinematográfica	X		X
Criar um espaço adequado na escola para exibição de filmes, envolver os pais em eventos com exibição de filmes	X	X	X
O cinema possibilita uma ampliação de âmbito cultural	X	X	X
O cinema é significativo quando eu vivencio como proposta que me envolve	X	X	X
Formação do Professor	X		
Os pais exibirem filmes adequados à faixa etária da criança			X

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

**Quadro 4** - O que o professor precisa para realizar a atividade

<b>Precisar</b>	<b>Professor</b>	<b>Aluno</b>	<b>Outros</b>
Formação para o audiovisual	X	X	X
Planejar as atividades; “assistir o filme antes”	X		
Não tornar uma atividade rotineira	X		
Precisa de uma metodologia específica para trabalhar filmes	X		
O aluno precisa de acesso a outras formas de linguagem	X	X	
O professor também precisa de ter acesso a uma gama	X		

cultural diversificada			
Precisa de ajuda dos pais	X		X
O aluno precisa de atividades diferenciadas	X	X	
Precisa vivenciar atividades com outras linguagens	X	X	
Precisa criar na escola, espaço de apreciação de outras formas de cultura	X		X
Precisa de espaço adequado	X		
Precisa de uma política pública de continuidade	X		

**Fonte:** Elaborado pela autora (2016)

Para configurar o contexto escolar em relação ao que “precisa”, o que é mais destacado pelas participantes nos enunciados são: a formação continuada para o audiovisual; planejar e realizar uma seleção de filmes para ser trabalhada em sala de aula; trabalhar com uma metodologia que envolve os alunos; propiciar acesso a outras linguagens para os educandos; contribuição dos pais na formação audiovisual do aluno/criança e uma política pública de continuidade que incentive as ações pedagógicas. Vejamos:

#### **Ex. 15 – Part. 7 e Per. 3**

Ela só gosta de desenho porque e só isto que ela vê, então se eu tiver a possibilidade de levar ela - a amplitude a gama cultural - que ela que nós temos, eu acredito que nós temos condições de desenvolver muitas coisas, mas são coisas que as vezes até a gente realmente precisa, aí quando você fala da questão dos professores precisam ser preparados, eu acredito que seja também nesta questão de ter acesso.

Conforme enunciado, a participante vê a importância de ter acesso a um repertório cultural maior, a espaços culturais enriquecedores e ter uma visão e conhecimento de outras linguagens: “a gente realmente precisa, aí quando você fala da questão dos professores precisam ser preparados eu acredito que seja também nesta questão de ter acesso”.

#### **Ex. 16– Part. 1 e Per. 6**

Eu acho que a gente precisa criar na escola, segundo a lei, a gente precisa ampliar isto não vai ficar restrito ali, se o objetivo é ampliar então cabe à escola, nós que somos educadores que temos esta formação esta visão pelo menos estamos caminhando cada dia para aprimorar mais desenvolver este lado, esta sensibilidade, criar momentos na escola para que eles também possam vivenciar isto. A partir do momento que eu amplio isto, eu estou ampliando a visão né, cultural, como ela disse muito bem, não tem menos

ou mais as vezes é a falta de experiência a falta de vivência.

A instituição escolar tornar-se-ia um *locus* de atração para os alunos e comunidade escolar ao propiciar uma alternativa cultural em momentos específicos. Por meio de um aporte cultural há melhores possibilidades de comunicação entre docentes, funcionários e a comunidade local: “Eu acho que a gente precisa criar na escola, segundo a lei, a gente precisa ampliar isto não vai ficar restrito”.

No fazer pedagógico, foi pontuado como importante: o objetivo do filme a ser exibido; adequação de filmes à faixa etária dos alunos; utilizar o filme como meio para promover interação do aluno; ajuda dos pais na formação audiovisual da criança e mais momentos formativos com tema da linguagem cinematográfica na sala de aula.

Percebemos que alguns apontamentos perpassam os campos semânticos com filmes adequados à faixa e etária, o que é importante na mensagem fílmica para ser trabalhado em sala de aula e formação docente, como no enunciado abaixo.

#### **Ex. 17– Part. 3 e Per. 2**

um filme que tenha uma intenção, uma mensagem legal importante para eles, eu acho que eles vão dar um ótimo retorno, vai fazer a criança no caso da educação infantil ele não vai estar escrevendo né, sobre o filme mas eles pode estar demonstrando em forma de desenho, ele pode estar desenhando e mostrando e o que ele achou de mais importante a mensagem

Em relação ao que é destacado com maior grau de importância pelas participantes foram mais ressaltados: fazer um trabalho junto aos pais e responsáveis sobre filmes adequados para as crianças; o aluno perceber a importância dos trabalhos por meio de obras cinematográficas, desenvolver outras habilidades com os alunos; direcionar a proposta para formação integral do aluno e espaço físico adequado.

#### **Ex. 18– Part. 1 e Per. 3**

Eu acho, que acho a gente, eu estava pensando aqui, da mesma forma que este momento formativo é importante para nós, até ter este olhar diferenciado quem está na escola e não está participando deste momento por exemplo no curso, não está tendo esta formação, não está tendo esta oportunidade de mudar esta visão esta concepção né, de ver a importância da linguagem cinematográfica, de repente criar na escola mesmo que

comece com um grupo menor de pais né, em um determinado dia, quem sabe passar um filme também né, numa reunião de pais, pelo menos um clipe alguma coisa e começar a desenvolver esta cultura.

Com este panorama, conforme os enunciados das participantes, algumas referências se mantiveram nos discursos, como: formação para os professores; obras fílmicas adequadas à faixa etária; envolvimento da comunidade em atividades culturais; envolvimento dos pais na educação audiovisual das crianças; estabelecer um objetivo para o filme ser trabalhado em sala de aula, por exemplo.

Estas referências podem nortear um trabalho mais amplo em nível local para, de fato, efetivar uma ação mais coordenada tendo como recurso pedagógico o cinema na sala de aula.

### **4.3 As vozes**

Os cursos e propostas de formação continuada ofertadas aos profissionais docentes, além do conteúdo específico, devem se deter a dar espaço para ouvir os referidos profissionais, com o intuito de que possam relatar suas experiências e visões a respeito da caminhada no território escolar.

Uma proposição já destacada neste trabalho de pesquisa foi o desenvolvimento de ações no Grupo Focal, por meio da elaboração de um roteiro de perguntas, com a finalidade de saber como o docente utiliza o recurso pedagógico do cinema na sala de aula e quais são suas considerações sobre esse recurso.

Para nós, a dinâmica do GF revelou ser extremamente viável, por propiciar a investigação dos objetivos propostos na pesquisa e, ainda, por possibilitar que as participantes expressassem sobre a utilização do cinema em sala de aula por meio de várias vozes.

No GF, foram realizadas 09 (nove) perguntas que suscitavam questões didático-metodológicas, questões sobre a relação escola e família, sobre gestão escolar e proposições de curto, médio e longo prazo, no que se refere à perspectiva cultural nas escolas.

Quanto aos questionamentos apresentados, as participantes evidenciaram seus posicionamentos. Nos discursos ficaram visíveis sobre como pensam e configuram esta proposta pedagógica, bem como as vozes dos interdiscursos entre as sete envolvidas tornaram-se nítidas nesse contexto.

Na análise da transcrição, foram identificadas 16 (dezesesseis) vozes que ressoaram nos discursos, sendo analisado o enunciado de cada participante, conforme foram se expressando



e interagindo com a fala umas das outras, configurando, dessa maneira, um interdiscurso do tema gerador. Seguem, no quadro 5, as vozes presentes no discurso.

**Quadro 5** - As vozes presentes no discurso

<b>Vozes</b>	<b>Quantidade</b>
Professora	67
Receptividade do aluno/Eles	41
Pedagoga	40
Professores/Categoria	18
Professora/exposição de experiência	14
Espectadora	13
Ministrante/Ela	10
Gestor/diretor	06
Professora Tradicional	04
Instituição/Secretaria	04
Professora cuidadora	03
Experiência com o recurso didático quando aluna	03
Mãe	02
Voz de Indignação	02
Pedagoga/Observação didática	01
Você/pessoa externa	01

**Fonte:** Elaborada pela autora, (2016)

Como referência, analisamos as vozes dos discursos com as proposições que compõem os objetivos específicos já mencionados e correspondem, basicamente, às seguintes questões:

- Quais os obstáculos para o uso de filmes em sala de aula?
- Quais as aprendizagens esperadas por meio desse recurso pedagógico?
- Como é utilizado o cinema na sala de aula?
- Quais os critérios que os professores utilizam na escola de filmes na sala de aula?

Com a análise, esperamos responder à questão central sobre a visão do professor na utilização do cinema na sala de aula, suas referências formativas e, conseqüentemente, seu saber sobre a linguagem cinematográfica.

Para identificarmos como são utilizados os recursos cinematográficos em sala de aula temos de ouvir o professor, saber sobre suas experiências, sobre como lida com os recursos tecnológicos e quais são seus desafios com outras linguagens.

Dessa forma, esta pesquisa traçou um caminho para entender como ocorre essa dinâmica de utilização do recurso do cinema na sala de aula: se é usual ou não e o que os professores compreendem sobre o tema.

Procuramos, assim, desenvolver uma trajetória de análise para não só entender, mas também identificar quais foram as vozes que mais apareceram no discurso do profissional docente sobre o cinema na sala da aula.

#### **4.3.1 Os obstáculos para o uso de filmes em sala de aula**

Uma das questões mais ressaltadas pelas participantes, quando expomos sobre o uso de filmes, curtas e documentários na sala de aula, diz respeito às condições da estrutura do espaço físico adequado para as exposições. Para facilitar a compreensão, vamos continuar utilizando abreviações<sup>23</sup>.

##### **Ex.1 – Part.2 e Per 1**

Eu coloquei, assim, a estrutura apesar do Cemei a nossa realidade, não tem esta estrutura adequada para atender né, este de início esta mudança, eu coloquei também o que se foca muito é a questão de horário, a gente tem horário para tudo, então seria também outra dificuldade seria de encaixar, igual as meninas comentaram dentro do projeto aquele tempo, assim mais específico, para se trabalhar esta parte do cinema com os alunos

A voz da professora no referido enunciado destaca como dificuldade o desenvolvimento de uma atividade que tenha como recurso pedagógico o cinema e a estrutura física da unidade escolar, “a estrutura apesar do Cemei a nossa realidade, não tem esta estrutura adequada”.

Conforme relato, a unidade não teria um espaço físico adequado para desenvolver satisfatoriamente uma atividade com a utilização do recurso cinematográfico.

---

<sup>23</sup> Na análise das vozes, manteremos as abreviações para os exemplos da transcrição do Grupo Focal, e o número dos exemplos iniciaremos com o número 1, como: Exemplo – Ex1; Participante 1 – Part1 e Pergunta 1 – Per 1.

Outro ponto destacado é a configuração dos horários da aula, que já são determinados para as atividades “a gente tem horário para tudo, então seria também outra dificuldade séria de encaixar”.

A proposição de trabalhar com filmes em sala de aula não é uma prática que conste no planejamento e distribuição de horários, portanto, seria uma atividade extra que teria de ser encaixada entre as atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

Ressaltamos novamente sobre a estrutura física e outras mudanças no espaço escolar, temos o enunciado da participante 6 que destaca:

### **Ex. 2 – Part.6 e Per 3**

Estruturar, estruturar salas estruturar professores, estruturar a gente mesmo primeiro, para estar passando, eu acho que falta muito.

A preocupação é mais ampla, não é apenas a voz da professora em desenvolver uma prática pedagógica, mas também a voz do gestor/diretor que pensa na disposição e adequação do espaço físico “estruturar salas”, na formação do professor, em utilizar e trabalhar com o cinema de forma adequada, “estruturar professores” é o apoio da direção e coordenação pedagógica ao professor no desenvolvimento da atividade, “estruturar a gente mesmo primeiro, para estar passando, eu acho que falta muito”. Para a participante, esta similitude se faz necessária para um bom andamento na utilização de recursos audiovisuais na escola.

Outra observação é que o recurso do cinema na sala de aula não é muito simples, pois preconiza uma primeira referência, que é a formação do professor e sua habilidade em manusear os recursos tecnológicos, conforme enunciado pela participante 6.

### **Ex. 3– Part.6 e Per 3**

Estou pensando assim esta adequação aqui do cinema direto para a sala de aula, eu acho que a gente primeiro tem que ter assim mais curso, mais formação porque às vezes tem pessoas que não, não sabe lidar com o computador né, é difícil para ela agora, para ela se ambientar dentro do cinema e trabalhar isto, eu acho que deve ter mais curso e ou alguma outra coisa, um evento alguma coisa para a gente estar absorvendo isto, para estar passando e os professores estar fazendo também este tipo de curso para a gente estar assim atualizando aprendendo que só falar não adianta a gente tem que aprender, aprender para a gente estar passando e elas também tem que aprender né, passar porque

também não sou *exper* em computador, não.

As limitações ao utilizar recursos que requerem habilidade no manuseio de equipamentos tecnológicos tornam-se uma dificuldade no cotidiano da sala de aula. Uma formação direcionada para a utilização desses recursos também é solicitada pela participante. Se o discurso revela que a locutora está em fase de aprendizagem, isso significa que esses fatores não foram trabalhados na formação inicial. Sendo assim, temos que pensar em outras instâncias formativas, como a formação continuada e a formação em serviço, dentre outras, para proporcionar ao profissional docente essa atualização em outras linguagens e temáticas diversas.

As vozes das participantes mostram não só suas experiências e fazer metodológico, como também apresentam uma série de reivindicações que pode ajudá-las no cotidiano da sala de aula. Uma mudança na prática de ensino e no fazer didático que altera a forma de uma rotina escolar já estabelecida pode não ser aceita, e também pode não ser colocada em prática em um primeiro momento.

Quando iniciamos o GF, apresentamos a temática em um cenário futurístico em que toda aula deveria ser trabalhada com o recurso audiovisual: um curta, um filme ou documentário. Com essa proposição, foram sendo feitas as perguntas e o grupo participou de forma efetiva de toda atividade proposta.

Uma das vozes que chamou a atenção foi a da resistência em mudar ou mesmo em utilizar o recurso audiovisual, segundo a afirmação exposta no enunciado da participante 3.

#### **Ex.4 – Part.3 e Per 1**

Então vai ter lousa, vai ter só projeção.

A dificuldade de pensar em outro contexto, de trabalhar um tema ou um conteúdo sem contar com o quadro, o giz e com a exposição tradicional do assunto abordado, em um primeiro momento desnorreia o profissional docente: “Então vai ter lousa.” O padrão de aula que não tenha quadro e giz ainda está distante do fazer metodológico do profissional docente.

Outra questão detectada na análise, quando não se trata da dificuldade apontada, refere-se a encaixar o cinema na sala de aula no que já vem sendo realizado, em vez de modificar toda uma forma de trabalho, como destaca a participante 1.

**Ex. 5 – Part.1 e Per 1**

Acredito que é inserir aquilo que vocês já fazem né, utilizar desta linguagem cinematográfica naquilo que vocês já fazem muito bem. Agora requer planejamento né.

Essa inserção nem sempre representa mudança na prática de ensino do professor. Apesar de apresentar, inicialmente, uma resistência, a participante evidencia um fator que se repete em outros enunciados e que não deixa de ser relevante, que é o planejamento da aula e dos recursos que serão utilizados pelos professores.

Esses exemplos ressaltaram a dificuldade em relação à mudança de paradigma, em relação à mudança da rotina, que já se encontra submetida à prática de ensino do professor. Isso não significa que a inserção do audiovisual e dos recursos tecnológicos seja a salvação para uma mudança na prática pedagógica, ou mesmo que o professor, ao utilizar um método expositivo, não seja um bom educador.

Entretanto, essas falas evidenciaram que qualquer mudança ou proposição que altere a configuração do cotidiano da sala de aula suscitará resistências, pois as incertezas, por vários prismas, vão pairar sobre o profissional docente.

Na sociedade contemporânea, em que os jovens vivem imersos em um universo digital e em que o audiovisual está cada vez mais presente, a escola e seus profissionais não vão poder ignorar por muito tempo a inclusão desses recursos no cotidiano escolar. A potencialidade de acesso e ampliação, referente às questões culturais, é uma das possibilidades ao se trabalhar com o cinema na sala de aula. Esse pensamento foi recorrente no enunciado da participante 7.

**Ex.6 – Part.7 e Per 3**

que ela possibilita uma ampliação né, uma ampliação nossa, porque as vezes nós não temos este subsídio não só de manusear o equipamento, o computador, mas uma ampliação assim e, e de âmbito cultural mesmo, porque às vezes a gente costuma dizer que criança só gosta de desenho, só gosta desenho porque ela não tem acesso a outras formas de cultura, por exemplo um musical, e vocês as crianças adoram musicais.

As limitações no manuseio dos equipamentos ainda persistiram no enunciado: “as vezes nós não temos este subsídio, não só de manusear o equipamento, o computador, mas uma ampliação assim e, é de âmbito cultural mesmo”. Esse aporte cultural, mesmo diante

dessas limitações, faz a diferença no desenvolvimento da ação pedagógica e na atuação do profissional docente.

Ampliar o repertório cultural do aluno é algo que o professor pode empreender na sua prática de ensino, como destaca o seguinte enunciado: “a gente costuma dizer que criança só gosta de desenho, só gosta desenho porque ela não tem acesso a outras formas de cultura por exemplo um musical e vocês as crianças adoram musicais.”

A diversidade de gêneros e narrativas fílmicas pode ser propiciada no ambiente escolar. Muitos alunos, principalmente os da Educação Básica de escolas públicas, necessitam construir seu repertório cultural na escola, bem como precisam aprender a olhar para outras formas de cultura a partir das práticas e experiências vivenciadas e proporcionadas pelos professores.

O cinema na sala de aula é um recurso que impacta positivamente a prática pedagógica, desde que tenhamos um cuidado na seleção de obras fílmicas adequadas à faixa etária. Por outro lado, pode impactar as ações educativas negativamente, quando os filmes e desenhos exibidos na escola ou em outros espaços não são apropriados, pois o aluno comenta com os colegas sobre o que assiste. As participantes do GF, que são em sua maioria professoras da Educação Infantil, utilizam o cinema na sala de aula, reconhecem as potencialidades dos filmes na formação tanto lúdica como cognitiva do aluno.

São inegáveis as possibilidades de aprendizagem desencadeadas por meio da linguagem cinematográfica, mas o profissional docente deve contar com subsídios formativos e com o apoio da gestão escolar no desenvolvimento das atividades pedagógicas diversificadas.

#### **4.3.2 As aprendizagens esperadas por meio do cinema como recurso pedagógico**

Principalmente no início da escolarização na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, as experiências exitosas que ocorrem na sala de aula e se tornam uma referência para o aluno são levadas para seus espaços de convivência, como o espaço familiar.

#### **Ex.7 – Part.7 e Per 6**

Mas ela colocou uma coisa que eu acho importante: a criança ela leva para casa aquilo que ela vivencia na escola, então é uma oportunidade dela levar para casa algo diferente, algo que ela viu e que gostou e talvez o Pai e a família não tenha
--

conhecimento, aí via pensar Poxa, né, ele viu isto na escola, então quer dizer, eu acho

Assim, as aprendizagens significativas que tocam o aluno e são vivenciadas por ele no ambiente escolar, conseqüentemente vão fazer parte do seu repertório de experiências positivas e, provavelmente serão comentadas em casa com a família e outros lugares. Dessa forma, uma experiência positiva com filmes exibidos no contexto escolar será referenciada com os pais e seus responsáveis. Isso vem de um resultado do desenvolvimento de uma proposta didática que valoriza a opinião e a visão de mundo do aluno, tornando para ele uma vivência;

### **Ex.8 – Part.1 e Per 6**

Na minha opinião eu gosto de vivenciar, eu acho que além de falar, para desenvolver a sensibilidade no outro, o outro precisa vivenciar perceber a importância daquilo só é significativo para mim quando eu vivencio, eu vivencio aquela experiência, a experiência ela é muito comum a gente falar que socializar com o outro, na minha opinião e pelas leituras a experiência e algo único, eu vivi esta experiência assistindo este filme, o outro vai viver outra experiência que vai ser única assistindo este mesmo filme.

Vivência que é remetida à apreciação de uma obra fílmica, podemos assistir junto ao mesmo filme e as leituras sobre esse filme serem diferenciadas: “a experiência ela é muito comum a gente falar que socializar com o outro, na minha opinião e pelas leituras a experiência e algo único, eu vivi esta experiência assistindo este filme, o outro vai viver outra experiência que vai ser única assistindo este mesmo filme”.

Não somos passivos à mensagem fílmica, o ato da recepção da mensagem não encerra com o final do filme, pois estabelecemos um diálogo com aquela mensagem, conforme experiências, conhecimento e visão de mundo. Com a oportunidade de expressar para o outro o meu ponto de vista sobre a narrativa fílmica, vamos aprender e ensinar ao mesmo tempo, pois o olhar do outro vai enriquecer o ponto de vista do espectador/aluno/professor, que vão interagir a partir da mensagem fílmica. Esta proposta pode ser trabalhada de diversas formas, tendo em vista a faixa etária do aluno e a referência fílmica para a atividade.

A aprendizagem neste contexto apresenta variadas dimensões, envolve uma série de habilidades e competências que podem ser desenvolvidas com uma atividade didática bem elaborada e objetiva direcionada pelo profissional docente.

Para atingir a educação do olhar de professores e alunos, esses embates que realmente tocam nos “*pathos*” são essenciais para o crescimento de ambos discentes e docentes, conseqüentemente, uma visão de mundo construída por vários prismas.

Em outra enunciação, uma das participantes interage com o grupo, expondo as possibilidades de trabalhar as habilidades dos alunos por meio de atividades que envolvam o cinema na sala de aula.

### **Ex. 9– Part.2 e Per 7**

A partir também pode descobrir outras possibilidades que ela oferece né, mais perceptivo: opa de repente ele, ele tem mais uma visão pelo lado, pela questão artística, outra mais musical, a partir dali você pode descobrir outras potencialidades que ele oferece.

O professor analisa as potencialidades que podem ocorrer por meio do desenvolvimento de um trabalho, da observação e da educação do olhar, ao despertar ou reconhecer diversos interesses e habilidades nos alunos.

A gama de possibilidades de aprendizagem é enorme com o recurso do cinema na sala de aula, já que se trata de um recurso que abrange diversas produções e gêneros relacionados a conteúdos trabalhados por diversas obras fílmicas - curtas, longas, documentários. Além disso, há narrativas com as quais muitas pessoas têm afinidade e nos envolvem, um estímulo para que os próprios alunos possam produzir suas histórias.

Esses enunciados ressaltaram a preocupação das participantes em oportunizar para que obras fílmicas correspondam à faixa etária de seus alunos e que possam contribuir na formação de cada um deles.

### **4.3.3 Como é utilizado o cinema na sala de aula**

Como o professor concebe e analisa a possibilidade de utilizar um recurso diferenciado na sala de aula, neste caso o cinema, e quais os caminhos que ele vai traçar para utilizar esse recurso?

A partir destes questionamentos apresentados analisamos, por meio dos enunciados dos interlocutores, como é realizado o planejamento e a execução de uma atividade que sai do contexto habitual, ao qual o profissional está acostumado, segundo o enunciado da participante 1.



**Ex.10 – Part.1 e Per 1**

Então tem uma série de coisas que nós podemos trabalhar, mais aí o professor precisa de assistir o filme em casa, assistir ao filme né, em casa tem que planejar as atividades, o que ele vai fazer, para que ele vai fazer né, o que eu vou fazer para que metodologicamente como que eu vou trabalhar qual o meu objetivo, desta forma eu acho que torna-se um cunho educativo, diferente de casa que quem está em casa o pai e a mãe não tem a formação pedagógica que nós temos, só que requer do professor este tempo dele assistir em casa antes e planejar.

As vozes do enunciado são da professora e da pedagoga, pois, em alguns trechos, a participante se coloca como executora da ação pedagógica “tem uma série de coisas que nós podemos trabalhar”, em outros revela como orienta a ação pedagógica: “requer do professor este tempo dele assistir em casa antes e planejar.”

No discurso, tanto a voz da professora como a voz da pedagoga apresentam percursos que devemos levar em consideração ao exibir um filme em sala de aula, tendo em vista três direcionamentos.

O primeiro direcionamento é o planejamento das atividades quando a participante ressalta: “Então tem uma série de coisas que nós podemos trabalhar, mais aí o professor precisa de assistir o filme em casa, assistir ao filme né, em casa tem que planejar as atividades...”. Portanto, o filme não é um passatempo, a atividade deve ser planejada. O professor deve assistir ao filme antes, sobre o tema e escolher o que é mais apropriado para, a partir desse conhecimento, exibir o filme em sala de aula.

O segundo direcionamento é a metodologia que será desenvolvida na aula ao se propor a exibição de um filme, destacada no enunciado “o que ele vai fazer, para que ele vai fazer né, o que eu vou fazer para que metodologicamente como que eu vou trabalhar qual o meu objetivo.” Tendo esses cuidados e preparação, o aluno vai perceber que não se trata de uma atividade de passatempo, mas que a ação possui todo um contexto, que a proposta da análise da obra fílmica em sala de aula é séria.

O terceiro direcionamento refere-se à necessidade de a proposta apresentar um cunho educativo. Portanto, deve haver a relação do filme com o conteúdo trabalhado, o aluno deve entender que se trata de uma proposta diferenciada, deve perceber a importância da apreciação fílmica no contexto escolar e em diferentes espaços: “desta forma eu acho que torna-se um cunho educativo, diferente de casa que quem está em casa o pai e a mãe não tem a formação pedagógica que nós temos, só que requer do professor este tempo dele assistir em

casa antes e planejar.” Todavia o professor deve estar aberto para as percepções e fruições que podem ocorrer por parte do aluno, que pode analisar aspectos que não estão relacionados ao conteúdo.

Ainda a respeito desses direcionamentos, é importante considerar alguns outros elementos que perpassam o referido percurso, mas também fica nítida a concepção da utilização do cinema, pelo professor, como recurso pedagógico.

Fazem-se necessários o planejamento e a análise de obras fílmicas que serão exibidas na sala de aula. Não há como exibir um filme apenas por exibir, sem aliá-lo a um contexto que seja próximo da aula e/ou do aluno, ou mesmo sem ampliar a visão de mundo dos educandos a partir da discussão e de suas considerações sobre a obra fílmica.

No enunciado da participante são explicitados aspectos sobre a metodologia a ser utilizada, bem como sobre a importância de o filme apresentar um cunho educativo e o que direciona a escolha do que será exibido em sala de aula.

Para fazer um planejamento e propor uma atividade didática que requeira a utilização de recurso audiovisual, o professor tem que estar preparado ou dispor de apoio na unidade escolar para desenvolver sua proposta. Entender como o professor utiliza o cinema na sala de aula, de acordo com sua experiência, com a necessidade dos alunos, considerando a faixa etária, são fatores de referência para realizar atividades e cursos, gerando uma demanda.

No GF, as participantes que atuam no berçário e na pré-escola, etapas compreendidas no período de zero meses a cinco anos de idade, esclarecem que as obras cinematográficas são utilizadas como proposta didática e lúdica ao mesmo tempo, como verificado na fala da participante 4.

#### **Ex.11 – Part.4 e Per 1**

No meu caso eu trabalho no berçário, a gente coloca uma vez por semana filminho como o da Galinha Pintadinha, sabe, eles adoram, você vê que tem uns que chega a bater palminhas, os menorzinhos e eles cantam, sabe, cada semana a gente coloca um, mas quando é a Galinha Pintadinha, minha filha, eu vou te contar, eles ficam loucos, nossa, eles ficam loucos.
---

O acesso e o envolvimento com o audiovisual ocorrem desde os primeiros meses de vida da criança/aluno. Para esse universo, existem os filmes e os desenhos que atingem diretamente o gosto dos pequenos educandos, conseqüentemente essas obras passam a ser mais utilizadas pelas professoras.

A voz que se destaca, desse relato, é a voz da professora que narra uma experiência com os alunos (bebês), evidenciando a aprovação deles ao assistirem ao filme da Galinha Pintadinha: “nossa eles ficam loucos.”

Neste enunciado podemos fazer algumas considerações, primeiro que o aluno já faz uma seleção daquilo que gosta de assistir e a tendência do professor é investir em sua preferência. Animação é o estilo de filme mais utilizado pelas participantes já que se percebe, desde os primeiros meses (alunos do berçário), a preferência para determinado tipo de desenho, acreditamos que os gostos que vão sendo configurados desde a infância. A segunda consideração é que o aluno pode ir além da preferência, identifica e se interessa pela tela colorida, o som, mas também o repertório cultural do professor em propiciar outras produções que possa interessar aos alunos. Comentando a respeito dessa experiência, uma participante destacou o seguinte:

#### **Ex.12 – Part.3 e Per 1**

É bem educativo também, isto ajuda muito
--

Além de envolver o aluno, a voz dessa outra professora destacou filme. A obra cinematográfica, para ser exibida ao aluno, precisa atender a alguns requisitos, sendo o mais relevante o fato de ser educativa.

Reforçamos que uma opção é considerada de cunho educativo quando se refere à utilização do cinema como recurso pedagógico a ser utilizado na sala de aula pelos educadores, vejamos:

#### **Ex.13 – Part.3 e Per 3**

a gente procura estar observando, desenhos que seja mais educativos né, que trabalhou os numerais, as letrinhas, o alfabeto, tudo coisa mais educativa e o que a gente está trabalhando na escola, quando chegar a passar alguma coisa educativa né, tem acontece sim de passar alguma coisa que não esta planejado, né, às vezes os alunos traz um DVD de casa e passou, mas eu acho que tem que tomar cuidado com isto também, porque tem que ser uma coisa que o professor trouxe, como igual você falou tem que estar planejado e tem que ter um objetivo
---

A participante expõe sua estratégia em aliar uma obra fílmica a uma proposta pedagógica para o desenvolvimento do aluno. Para o professor, contar com um material

audiovisual é quesito essencial para atender um tema ou conteúdo a ser desenvolvido em sala, principalmente quando o objetivo é reforçar a temática.

O inesperado, o que não está planejado deve ser observado com cuidado, caso não atenda algumas especificações como: “acontece sim de passar alguma coisa que não está planejado né, as vezes os alunos trazem um DVD de casa e passou, mas eu acho que tem que tomar cuidado com isto também, porque tem que ser uma coisa que o professor trouxe, como igual você falou tem que estar planejado e tem que ter um objetivo”.

As estratégias devem ser claras, o professor precisa prever o impacto de uma ação pedagógica para não haver surpresas com o que pode proceder de uma ação que não foi planejada. Por isso registramos nossa ressalva quanto à sugestão de o aluno levar o DVD, pois pode não responder a uma proposta educativa, de acordo com os propósitos da exibição de obras fílmicas na sala de aula.

Uma outra observação na utilização de filmes na sala de aula, em relação a atender as diversas formas de apreensão do saber foi destacada pela participante 1.

#### **Ex.14 – Part.1 e Per 7**

<p>É na aprendizagem que a gente vai oportunizar que a gente sabe que tem alunos que são visuais, tem alunos que são auditivos e sinestésicos né, e o filme possibilita atender toda esta diversidade aí né, e outras habilidades aí, né, que os autores destacam, eu acredito que nós vamos colaborar muito.</p>
---

A voz da professora destaca diversas possibilidades que podem ser potencializadas com o filme, pois há alunos com mais facilidade de aprender por meio de recursos audiovisuais: “É na aprendizagem que a gente vai oportunizar que a gente sabe que tem alunos que são visuais, tem alunos que são auditivos e sinestésicos né”.

O filme propicia atender e dimensionar a aprendizagem em um contexto de exibição, análise e outras atividades por meio de uma obra fílmica. Assim, o desenvolvimento de habilidades e outras formas de aprendizagem podem ser dimensionadas com a linguagem cinematográfica: “o filme possibilita atender toda esta diversidade aí né, e outras habilidades aí né, que os autores destacam, eu acredito que nós vamos colaborar muito”.

Estas especificações de aprendizagens, por meio da linguagem cinematográfica, só podem ocorrer de fato se o profissional docente se embrenhar por este caminho e conduzir o educando a um percurso de aprendizagem por meio do audiovisual.

Pelas exposições das cursistas, percebemos que predomina a lógica de filmes educativos adequados ao contexto e conteúdos escolares, que sejam apropriados à faixa etária e ao nível de ensino.

São requisitos que devem ser considerados pelo profissional docente, mas ressaltamos que podemos ir além, porque a imagem que está presente em nosso cotidiano não se apresenta apenas em contextos educativos formais. Desta maneira, o professor pode instrumentalizar de forma crítica o aluno para fazer diversas leituras.

#### **4.3.4 Quais os critérios que os professores utilizam na escolha de filmes na sala de aula**

Em um enunciado podemos identificar diferentes vozes que vão formando o discurso. Mas, mesmo quando temos várias vozes em um discurso, uma delas se mantém, como no enunciado da participante 3.

##### **Ex.15– Part.3 e Per 1**

Se for filmes mais curtinhos, desenhos este tipo de coisa eu acho que daria sim, para gente, porque eles pedem tanto para a gente estar trabalhando a questão, é do desenvolvimento crítico da criança, a reflexão da criança, e as crianças hoje tão muito, muito além né, as vezes as crianças falam umas coisas, fala gente parece que é um adulto que esta conversando né, a cabecinha deles estão bem desenvolvidas, eu acho que dá para tirar muita coisa interessante, eu acho, que dá para aprender muita coisa também com o filme né, levando em consideração, á é o que o filme vai passar né, alguma coisa ambiental, sobre isto que está acontecendo agora, é para gente estar puxando é estar ajudando também no ensino né, não só ficar falando, falando, falando em sala de aula só, eu acho que mostrando as imagens, eu acho que vai também ser mais motivador, também mas prazeroso para o aluno, eu acho eu acho que dá certo sim

Nesse enunciado, foram identificadas três vozes: a voz da professora que faz uma análise sobre a utilização do filme com as crianças da Educação Infantil; a voz de professor como categoria, quando a participante chama o coletivo “a gente” para entender e também realizar o processo didático e a voz do órgão gestor/instituição, quando comenta que eles querem algo diferenciado.

A voz da professora procura ver a viabilidade da proposta do cinema na sala de aula “Se for filmes mais curtinhos, desenhos este tipo de coisa eu acho que daria sim.” É constante

nos enunciados das participantes a preocupação de serem utilizados filmes como recurso pedagógico, desde que sejam apropriados à faixa etária dos alunos.

Outra questão é a potencialidade do filme no processo de ensino e aprendizagem, destacada no enunciado a seguir: “dá para aprender muita coisa também com o filme né, levando em consideração, a é o que o filme vai passar.”

Em relação à mensagem fílmica, ao conteúdo didático como forma de visualização e complemento do que vem sendo estudado, percebemos ser esse o principal eixo que o professor procura desenvolver ao utilizar o filme em sala de aula.

Para não ficar isolada nas suas proposições, a participante 3 envolve e chama a categoria profissional do professor, a fim de reforçar suas ideias: “tanto para a gente estar trabalhando a questão, é do desenvolvimento crítico da criança, a reflexão da criança, e as crianças hoje tão muito, muito além né, as vezes as crianças falam umas coisas, fala gente parece que é um adulto que está conversando, né.”

A chamada do coletivo “a gente” para o discurso é, muitas vezes, utilizada para legitimar uma ideia e até mesmo para reforçar um aspecto que não está muito claro no discurso.

Assim, a categoria profissional legitima toda uma prática que, com certeza, não é apenas da professora, mas também de certa forma direcionada pela gestão, no caso, representada pelo diretor e o pedagogo da escola, que seguem as normativas de um órgão central - a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Semec). A participante também ressalta em sua enunciação que: “eles pedem tanto para a gente estar trabalhando a questão, é do desenvolvimento crítico da criança.”

Ao trabalhar com filmes que se adequam às propostas elencadas: filmes curtos, adequados à faixa etária, que apresentem relação da mensagem fílmica com conteúdos trabalhados em sala de aula, a Part.3 atenderia também às indicações do órgão gestor.

Outras colocações foram sendo destacadas nas respostas das participantes, de acordo com as perguntas pontuadas no GF. A questão 7 direcionou a discussão para a reflexão sobre o tipo de filme que deve predominar no contexto escolar. Das respostas levantadas, destacamos algumas colocações, sendo que uma delas derivou das observações da Part. 7.

#### **Ex.16 – Part.7 e Per 7**

A maior diversidade de gêneros culturais possíveis né, eu acho que científico, literário, musical, documentários, teatral, imagina, às vezes tem criança que nunca viu e assistiu
---

uma ópera, então eu imagino que a gente tem que levar uma maior diversidade que a gente puder, porque talvez seja alí naquele momento que ele vai ter o primeiro contato, que vai ser oportunizado este contato inicial.

A voz da professora que ressoa na enunciação não chega a afirmar que seja uma prática sua na sala de aula, mas reflete que os gêneros textuais disponibilizados para os alunos no contexto escolar devem ser variados, diversificados o quanto possível. No caso dos filmes, a escola é o local mais propício para se ter contato com outros tipos, ou seja, aqueles que os alunos não assistem em casa.

Em sua enunciação “imagina às vezes tem criança que nunca viu e assistiu uma ópera, então eu imagino que a gente tem que levar uma maior diversidade que a gente puder”, a participante convoca o coletivo, a categoria de professores “a gente”, para oportunizar ao aluno, em especial à criança, outros gêneros de obras fílmicas, ampliando seu repertório cultural.

As professoras que fizeram o curso e participaram do GF concordaram com o seguinte apontamento: o recurso cinematográfico na sala de aula é uma referência relevante para ampliar os conhecimentos, para ter informação e um olhar mais crítico a respeito das obras fílmicas.

No entanto, retomamos ao início para refletirmos sobre a preocupação docente na utilização desse recurso frente à necessidade de adequá-lo à faixa etária e ao conteúdo a ser ministrado, como podemos analisar no enunciado Part.3:

### **Ex.17 – Part.3 e Per 1**

Que tenha uma coisa bonita para ser mostrada e tudo que tenha a ver mais, e fora as outras coisas que a gente fica sabendo que o aluno assiste. Eu já tive aluno quando eu trabalhava no ensino fundamental, estar assistindo filme para adulto mesmo, com cenas muitos pesadas e chegando e comentando com os coleguinhas.

Além desses fatores, a mensagem fílmica deve contribuir para uma ação pedagógica “Que tenha uma coisa bonita para ser mostrada.” É preciso, ainda, haver um cuidado maior quanto ao que é disponibilizado para o aluno, em se tratando de obras fílmicas. A maior preocupação recai sobre aqueles filmes aos quais os alunos têm acesso fora do contexto escolar: “fora as outras coisas que a gente fica sabendo que o aluno assiste.”

O impacto desses filmes na formação do aluno é percebido ao ser observado seu comportamento. Na interação e na interlocução do enunciado, outra participante confirma esse fato, comentando-o:

#### **Ex.18 – Part.7 e Per 1**

Cenas de violência... Então isto é muito importante, esta questão da adequação mesmo.

Essas impressões e experiências trocadas entre as participantes confirmaram um fato que é recorrente no cotidiano escolar. Para uma educação audiovisual, são necessários esforços que vão além dos muros da escola, principalmente no nível de ensino da Educação Infantil, etapa na qual o envolvimento da família torna-se imprescindível para a formação escolar do educando, conforme enunciado pela participante 3.

#### **Ex.19 – Part.3 e Per 1**

É e isto atrapalha muito a cabecinha da criança, nossa. E eu acho que a escola estaria mais preparada para tá né, fazendo este trabalho e estar instruindo os pais também no caso, né

Nesse trecho, ficou clara a ideia de que é necessário contar com o envolvimento e o entendimento dos pais em não deixar as crianças expostas a qualquer tipo de filmes e desenhos. Os pais também têm suas responsabilidades na formação cultural de seus filhos: “E eu acho que a escola estaria mais preparada para tá né, fazendo este trabalho e estar instruindo os pais também no caso, né.”

O reconhecimento de utilizar filmes que não contribuem para a formação de uma infância mais harmoniosa também é ressaltada pela participante 2.

#### **Ex.20 – Part.2 e Per 9**

porque, por exemplo, passar o filme do Pica-Pau, na nossa realidade da educação infantil não é correto e quantas vezes já foram passados, até eu já passei o Pica-Pau ...para nós aqui é uma realidade que está fora, para analisar, porque a gente não analisa né, o personagem Pica-Pau né, traz toda está coisa né, o porque não colocar não é mesmo, errar podemos errar mas, assim, esta questão de ter esta visão que o curso proporciona para gente é interessante.



Percebemos que as práticas são revisitadas durante a participação do curso, começa a haver uma mudança de analisar melhor o que vai ser disponibilizado para a criança assistir. Ter um cuidado maior ao expor desenhos que incitam a violência, uma atenção à mensagem fílmica e o impacto que estes filmes e desenhos que as crianças assistem.

As participantes do GF, que são em sua maioria professoras da educação infantil, utilizam o cinema na sala de aula, reconhecem as potencialidades dos filmes na formação, tanto lúdica como cognitiva do aluno.

Consideramos ser um recurso que impacta positivamente quando há um cuidado na seleção de obras fílmicas adequadas àquela faixa etária, também apresenta aspectos negativos, quando os filmes e desenhos que assistem não são apropriados, podendo transparecer nos comentários ou em comportamentos agressivos, prejudicando a boa convivência com os colegas.

São inegáveis as potencialidades de aprendizagem que são possíveis por meio da linguagem cinematográfica, mas o profissional docente deve ter subsídios formativos e apoio da gestão escolar para desenvolver as atividades pedagógicas com mais eficiência.

#### **4.3.5 Outros Apontamentos**

Além das questões apresentadas e analisadas por meio das vozes que coincidem com estes posicionamentos, há outras questões relevantes que foram pontuadas pelas cursistas. São apontamentos apresentados em vários contextos e esferas que configuram o fazer pedagógico da sala de aula do profissional docente local.

Neste contexto, destacamos alguns apontamentos relevantes trazidos à baila pelas participantes. Uma das questões levantadas que limita a atuação do professor em realizar atividades diferenciadas é um formato de planejamento rígido, imposto e direcionado pelo órgão central Semec.

#### **Ex.21 – Part.3 e Per 3**

(...) assim na área de cinema a gente tem que aprender primeiro, em cursos em relatos em congressos, sabe bem tipo assim eles fazem o planejamento lá na prefeitura manda a gente trabalhar em cima, muitas vezes a gente faz isto, né, dentro das matrizes curriculares, tem um pouco disso também, se está dentro da lei aqui, pus a lei aqui, estou sem óculos.

A proposta desenvolvida em sala de aula deve atender requisitos já pré-direcionados pelo órgão central e coincidir com o que está determinado nas matrizes curriculares do município. Com isso, percebemos que a rotinização do fazer pedagógico do profissional docente se faz presente na referida Rede de Ensino Municipal.

Essa influência da voz da instituição esteve presente nos enunciados das participantes, transparecendo também a voz de indignação a determinadas formulações repassadas aos professores como:

### **Ex.22 – Part.3 e Per 8**

Isto mesmo, às vezes oh eu vejo que o professor fica muito envolvido com papel, escrever, planejar importantíssimo tem que ir planejada a aula, toda aula escrita, então eu acho que é muito serviço, principalmente para o regente de turma né, toda data comemorativa aquele tanto de coisa, aquele tanto de serviço para casa, eu acho que fica complicado, serviço da escola tem que dar atenção à família. E ainda tem que sobrar tempo para estar observando esta questão né, assistir um teatro um momento musical, alguma coisa, assim, fora é principalmente a questão financeira né, que não ajuda mesmo, além da questão financeira, mesmo que a gente estiver ganhando muito bem, eu acho que o tempo também seria um obstáculo, porque está exigindo muito papel escrito, e muita questão de muito planejamento, o planejamento, você vê passo duas pastas de RAP, fica parecendo duas vidas, é muito serviço de escrever, e às vezes tem pouca prática e muito escrito. Então, às vezes é muito o tempo que você está ali escrevendo tanta coisa, e às vezes não tem tanto sentido as vezes né, e eu acho que a gente poderia estar privilegiando assim, é dar aquele feedback por uma coisa, assim realmente interessante, uma coisa que marcou o desenvolvimento a dificuldade o que desenvolver, quem teve dificuldade fica uma coisa muito assim ah, só por obrigação. Vamos, vamos escrever, colorir é muito serviço para casa, é muito tempo que o professor fica envolvido com aquilo e não sobra tempo para mais nada.

As solicitações direcionadas pelo órgão central são reforçadas pela coordenação pedagógica da unidade escolar, cobra-se o preenchimento de várias fichas referentes ao conteúdo e desenvolvimento do aluno, consumindo um tempo incomensurável do professor. O RAP é um Registro de Acompanhamento Pedagógico, a ser preenchido pelo professor no período extraescolar que, conforme a participante, consome muito tempo do profissional.

Destacamos que o planejamento das aulas é importante, o excesso de controle sobre a ação desenvolvida é que se tornou problemático.

Este tempo, segundo a declaração, poderia ser empregado em outras atividades, tempo que o profissional reclama para participar de outros eventos como a apreciação cultural de cinema, teatro e outros, como destacado pela participante.

### **Ex.23– Part.3 e Per 9**

Isto, para sobrar mais tempo para o professor estar, igual se não tiver dinheiro, entra numa internet tá olhando outras atividades, estudando mais a respeito mas tempo para estar estudando, mais tempo para estar vendo coisas novas, diferenciadas para estar trabalhando na escola, mais tempo para estar fazendo curso né, porque a cabeça vai estar mais tranquila, mais descansada né, eu acho que a questão financeira não é tal assim aquela coisa é lógico, que ajudaria, mas eu acho que o que mais está pegando é a questão do tempo e dá, eu acho, se for estruturado de uma forma mais tranquila, vai ser feito o planejamento do mesmo jeito, fazendo o feedback do mesmo jeito, vai estar mostrando os alunos com dificuldade os que estão e os que não estão, vai ser feito tudo do mesmo jeito, só de uma forma mais enxuta, vai sobrar muito mais tempo para tudo

Para esta participante, a questão financeira não é o problema para não ir a eventos culturais, o maior problema é o tempo consumido em atividades extraescolares, que o profissional docente realiza para atender todas as demandas da escola. Até para assistir um filme, pesquisar na internet fica prejudicado, devido à demanda de trabalhos que devem ser realizados.

Destacamos em outro apontamento que o professor é também um espectador na apreciação de uma obra fílmica, vejamos:

### **Ex.24 – Part.1 e Per 3**

Nós gostamos né, das imagens, dos efeitos, da música, de tudo, tudo é envolvente, então mas requer né, o planejamento, planejamento do que nós vamos fazer.

A participante destaca o efeito do filme, ela gosta da imagem, da música que é envolvente. Para direcionar uma atividade pedagógica tem que despertar primeiramente este olhar, a apreciação e o impacto da imagem projetada pelo filme, a fim de elaborar um

planejamento para desenvolver com os alunos. Esta apreciação pode ser ampliada conforme contato com diversas obras fílmicas, segundo enunciado da participante:

**Ex.25 – Part.7 e Per 3**

Acesso a esta diversidade cultural, e o cinema que é uma linguagem cinematográfica pode possibilitar.

O acesso a uma diversidade de obras fílmicas vai possibilitar ao profissional docente outro olhar como espectador e, conseqüentemente, como professor.

A educação do olhar para o audiovisual, por meio da linguagem cinematográfica, vai proporcionar outras possibilidades de leituras ao professor. Dessa forma, com este aporte cultural, o professor pode realizar a transposição didática no ambiente escolar. Este apontamento evidencia para que de fato o recurso pedagógico do cinema seja configurado na sala de aula, envolvendo várias esferas que devem atentar para o desenvolvimento de uma educação audiovisual de professores e alunos.

## SEÇÃO 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade em que a imagem está presente em vários contextos cotidianos da vida e a facilidade que se tem hoje em relação ao acesso a filmes, documentários, curtas e outros, por que não trabalhar esses elementos numa proposta de formação de professores?

O cinema, como um dos elementos da *mídia-educação*, ainda não foi suficientemente explorado na ação pedagógica no cotidiano escolar, haja vista algumas limitações que ainda persistem para um avançar metodológico. Por isso desenvolvemos esta análise sobre a formação, conhecimento e aprendizagem do profissional docente por meio da linguagem cinematográfica, utilizando a técnica de grupo focal para conhecer a percepção dos professores em relação a este tema. Outro tópico abordado foi o cinema na sala de aula, um tema que vem sendo pesquisado, mas que ainda não está efetivamente presente na prática de ensino dos professores.

Os dados foram analisados por meio de campo semântico, a fim de direcionar o entendimento das vozes do discurso presentes nos enunciados dos profissionais docentes que participaram do Grupo Focal.

Na análise dos resultados trabalhamos com a transcrição do resultado do GF. Inicialmente identificamos as maiores recorrências de palavras e, a partir delas formamos dez campos semânticos gerados pelos enunciados. O trabalho docente aparece em maior relevância, pois todos os apontamentos das participantes estabeleceram uma interface com as ações pedagógicas e o contexto escolar, o qual faz parte o universo profissional das cursistas. Outras palavras como: trabalhar, formação, planejar, desenvolver, ensinar, e outras desse mesmo campo semântico apresentaram também alto índice de recorrência.

No universo escolar orbitam palavras relacionadas à prática de ensino e demais agentes que compõe este campo, como: professor, escola, aula, estrutura, escrever, aluno, aprender, ler, estudar, currículo, educativo, linguagem, aprendizagem e ensino. Tudo que abrange o universo escolar e está próximo do professor é lembrado pelas participantes, um destaque são as maiores recorrências das palavras, professor e aluno, que são os agentes primordiais na razão de ser das unidades escolares, sem estes dois protagonistas o ensino não se concretiza de fato. Uma referência relevante ao contextos foi a presença de uma rotina que envolve as ações pedagógicas do profissional docente, a qual não é colocada de lado quando são lançadas propostas para serem implementadas na prática de ensino.

Quando reportamos ao cinema como recurso pedagógico a ser utilizado pelos professores, o campo semântico atrativo congrega as seguintes palavras: interessante, querer, gostar, prazer, sentir e sonhar. Quando propomos a utilização do cinema na sala de aula, isso é definido como um momento prazeroso e muito valorizado pelas cursistas. Os referenciais semânticos remetem a uma proposta que deve ser atrativa e envolvente tanto para o professor quanto para o aluno.

Sendo assim, a escola pode ser *lócus* que potencializa propostas pedagógicas e culturais para contribuir com o aprendizado e desenvolvimento do aluno. A escola pode ter uma amplitude muito maior, com espaços nos quais o aluno gostaria de estar, contribuindo para um ensino de forma prazerosa. Essas questões coincidem com o campo semântico que aborda palavras sobre cinema e mídia: passar, filme, assistir, cinema, cultura, televisão, mensagem, linguagem cinematográfica e imagem.

Neste campo, as participantes reconhecem a importância de trabalhar mais com filmes no processo ensino e aprendizagem, mas também apresentam preocupações com o acesso a obras fílmicas inapropriadas para faixa etária dos alunos, especificamente os alunos da educação infantil.

Essas preocupações também foram refletidas no tipo de formação que o professor recebe para utilizar este recurso e a habilidade de associá-lo a outros recursos tecnológicos. Então, apesar de termos uma proposta que envolve professores e alunos, sabemos que ela não é tão fácil de se concretizar no universo escolar.

Além disso, reforçamos que o processo de construção do saber não se restringe ao espaço escolar, abordagem muito relevante nesse campo semântico, no qual foram ativadas as seguintes palavras: saber, pensar, desenho, perceber, observar, diferenciar, criar, diversidade, focar, desenhar, envolver, conhecer, descobrir, imaginar, conhecimentos, sensibilizar, criticar e buscar. Nos enunciados foram evidenciadas outras possibilidades de aprendizagem fora dos muros escolares, por exemplo, não podemos ignorar que a facilidade do acesso à informação por meio da rede de internet e de dispositivos móveis digitais, aos quais os alunos tem acesso e podem ser incorporados pelo docente em sua prática.

Desta forma, a exposição do aluno aos recursos imagéticos também se faz constante no seu cotidiano, e o professor pode empreender uma análise crítica do que é disponibilizado pela mídia e em se tratando da educação infantil, pensar em filmes e desenhos que contribuam para sua formação.

O campo semântico criança tornou-se uma referência pela afinidade com a área de atuação das cursistas, destacando, além de criança, pegar, jogar, faixa etária, infância, bagunça, educação infantil, brincar e correr.

Uma das maiores preocupações para os professores que atuam na Educação Infantil, quando se propõem a trabalhar com recursos audiovisuais ou outros recursos, é a adequação destes recursos para as crianças e como determinada atividade vai favorecer ou não o desenvolvimento lúdico e cognitivo da criança. Questões que exigem do professor uma compreensão maior das fases de desenvolvimento infantil, não negligenciando elementos imprescindíveis nesta faixa etária, como: brincar, correr, jogar e outros que compreendem o universo lúdico da criança. Os filmes/desenhos devem ser pensados levando estes aspectos em consideração.

O olhar foi um campo semântico que abrangeu principalmente o que compreende a apreciação, as palavras mais destacadas neste contexto foram: ver, visão, olhar, ampliar e notar. A educação do olhar por meio de obras fílmicas é algo que não ocorre de forma automática. Inicialmente estabelecemos uma relação entre professor e recurso para, consecutivamente estabelecê-la com o aluno por meio do desenvolvimento de atividades que o sensibiliza para uma aprendizagem por meio da imagem.

O olhar ou a ampliação do olhar estão correlacionados com a percepção e conhecimento que se tem do mundo e de tudo que nos cerca. Ao excursionar por estes meandros vai-se exigir do professor doses de criatividade, sensibilidade e criticidade para atingir de fato uma aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica.

O cinema na sala de aula enquanto uma proposta educativa não é nova, mas sua concretização no universo escolar ainda não ocorreu de forma efetiva, conferimos isso nos apontamentos que compreendem o campo semântico sobre realização, onde são destacadas as palavras: acontecer, conseguir, complicado, difícil e desafio.

Outros apontamentos indicam que, além da formação do professor e da incorporação do cinema como prática de ensino, há um caminhar que não depende somente do docente, pois necessariamente envolve toda uma conjuntura no contexto escolar, o que hora favorece hora dificulta a utilização dos recursos audiovisuais na sala de aula.

Nesta caminhada de aprendizado e conhecimento por meio do cinema, as referências importantes destacadas pelo profissional docente no campo semântico importante, foram: precisar, importante e importância.

Nos apontamentos sobre o que os profissionais precisam foram destacados dois eixos: formação para o audiovisual e planejamento das atividades para utilizar o recurso do cinema na sala de aula.

Destacado como importante pelos professores, os filmes utilizados no contexto escolar precisam ter uma mensagem com um objetivo que possa ser explorado junto aos conteúdos escolares. Reforçaram novamente acerca da importância de momentos formativos sobre a linguagem cinematográfica e a interação do aluno nas atividades desenvolvidas.

Além do contexto que pode ser trabalhado no universo escolar, foram indicadas algumas estratégias como: esclarecer os pais como os filmes são trabalhados na escola e sensibilizá-los quanto à não exposição das crianças a obras fílmicas inadequadas para sua faixa etária. Consideramos esses movimentos importantes para que escola e família pensem a formação do aluno com a utilização de obras fílmicas, a fim de ampliar sua visão de mundo e entender o seu entorno por meio do audiovisual.

Os campos semânticos identificados na análise dos resultados propiciam um entendimento do discurso empregado pelas participantes, que abrangem os seguintes aspectos: pedagógicos, referências do universo escolar, a importância da mídia educação na sociedade contemporânea. A construção do saber que ocorre não só na escola, mas nos extramuros da escola deve ser considerado pelo profissional docente, a educação do olhar pode ser empreendida por diversos caminhos, entre eles a vivência de experiências culturais que podem ser o diferencial no processo ensino aprendizagem.

Com o referencial de análise por meio das vozes do discurso dos profissionais docentes que participaram do GF, foram identificadas 16 vozes que ressoaram nos enunciados das cursistas. Assim temos uma visão alicerçada nos tópicos dos objetivos específicos, que abordaram: a prática, os obstáculos, critérios de escolha para filmes em sala de aula, conseqüentemente, como é utilizado o cinema no ambiente escolar. Vamos recorrer a cada um destes objetivos e mostrar um panorama dos discursos dos docentes.

### **- Os obstáculos para o uso de filmes em sala de aula**

Várias vozes apontaram obstáculos que ainda persistem na utilização do filme em sala de aula. Conforme o desenvolvimento do tópico, foram identificados seis obstáculos que configuraram como entraves no avanço do uso da linguagem cinematográfica no cotidiano escolar.



Primeiramente, as condições da estrutura física das unidades escolares, que não são muito adequadas para projeções cinematográficas, pois a utilização de filmes no contexto escolar remete a um momento aconchegante, que muitas vezes não se configura ao espaço da sala de aula.

Outro apontamento é ter que cumprir um currículo rígido, com metas que são inseridas no planejamento escolar não só pelo professor, mas pelo órgão central (Semec) e a coordenação pedagógica da unidade escolar. As exigências no cumprimento dessas metas conduzem o tempo das atividades docentes, o que deixa o professor limitado e muitas vezes ousar fora do esperado pode ser complicado.

A formação do professor, outro aspecto que está presente nos enunciados, em não só utilizar obras fílmicas na sala de aula, como saber lidar com os recursos tecnológicos para exibições fílmicas. O professor que não tem esta habilidade deveria receber suporte da escola, o que exige um trabalho conjunto com a coordenação pedagógica e gestão da escolar, profissionais que também precisam estar preparados para oferecer este suporte.

Quando se trata de mudar ou inserir um recurso pedagógico que foge do padrão de aula expositiva do quadro e giz, podemos encontrar resistência por parte de docentes não adeptos à mudança, um aspecto levantado pelas participantes foi se poderiam continuar a usar o quadro. Esta observação evidencia que o professor tende a manter uma forma padrão de ministrar suas alunas e os recursos que utilizam. Sair deste esquema pode exigir mais desse profissional para conciliar o tempo de duração da aula, o cumprimento de um currículo e matrizes já estabelecidas e atender a outras demandas exigidas pela unidade escolar. Levando isso em conta e a conjunção de vários fatores inerentes à sala de aula, podemos afirmar que a utilização do cinema como recurso pedagógico não é tão simples e exige mobilização da comunidade escolar. Enfatizamos que para garantir uma mudança no fazer pedagógico do profissional docente, faz-se necessário um planejamento das condições para o professor utilizar outros recursos na sala de aula, questão que exige um currículo e tempo de aula mais flexível.

Uma última referência que entendemos não caracterizar obstáculo, mas configura uma reivindicação, seria o acesso a uma formação cultural mais ampla que dê um aporte cultural diversificado ao profissional docente, pois para imprimir no cotidiano escolar uma educação do olhar por meio da linguagem cinematográfica e outros recursos audiovisuais e culturais, o docente precisa ter oportunidades de acesso e formação para incorporar estes temas em sua prática pedagógica.

### **- As aprendizagens esperadas por meio do cinema como recurso pedagógico**

As potencialidades de aprendizagens por meio da linguagem cinematográfica são inúmeras e podem ser dinamizadas pelo professor no cotidiano escolar. Vislumbrando a prática, tendo como recurso o cinema, as vozes das participantes mostraram caminhos que podemos enveredar ao propiciar uma aprendizagem por meio da “imagem em movimento”.

Um aspecto ressaltado pelas cursistas foi a possibilidade de interação que pode ocorrer entre professores e alunos tendo como suporte uma obra fílmica. Com a exibição de um filme, a mensagem fílmica deve ser o fio condutor de outras leituras estabelecendo interações entre a visão de mundo do docente e do educando; uma interação se faz possível quando não estamos passivos a uma mensagem recebida. Autores como Duarte (2009), Napolitano (2006), Machado (2007) e Rancière (2012) defendem esta recepção de mensagem como a posição do sujeito, como ato emancipatório, sendo ele participativo, dialogando a todo o momento com o universo de conhecimento e a experiência do espectador.

Desta maneira, professores e alunos podem construir um caminho por esta vereda por meio do diálogo, do entendimento e do confronto de visões e percepção de tudo que os cercam, tomando como fio condutor uma obra fílmica. Este aspecto da interação está relacionado com outra referência levantada, que é a vivência e a aprendizagem significativas, tendo como experiência exitosa a apreciação de um filme.

Essas experiências podem extrapolar o espaço escolar e serem reproduzidas em outros espaços de convivência, principalmente para os alunos da Educação Infantil, o que teria um impacto positivo na utilização de um recurso alternativo, questões que são levadas em conta por educadores que atuam neste nível de ensino.

Outro aspecto que foi destacado: como temos alunos que são ou mais auditivos, ou mais visuais, eles aprendem de formas diferentes. A utilização do cinema pode oportunizar o desenvolvimento de outras habilidades para a construção do conhecimento, sendo que a construção do conhecimento por este viés é outra referência apontada pelas participantes.

Uma preocupação que perpassou os enunciados das cursistas foi destacada novamente: a adequação das obras fílmicas à faixa etária do aluno, a exibição de um filme acarretando impacto negativo na aprendizagem, com repercussão extramuros escolares são situações que preocupam o docente.

As obras fílmicas comportam gêneros, estilos e narrativas diversos, possibilitando leituras e atividades pedagógicas passíveis de aplicação da educação infantil ao ensino superior. Desta forma a conjugação filme adequado ao nível de ensino é primordial para um

resultado positivo e aprendizagem do educando, vislumbrando assim a utilização de um recurso pedagógico que contribua significativamente na formação do aluno.

### **- Como é utilizado o cinema na sala de aula**

A utilização de um recurso pedagógico na sala de aula pode apresentar diversas estratégias a serem empregadas pelo professor. No caso do cinema, conforme experiências das participantes, a pesquisa apresenta alguns percursos que contribuem no uso de obras fílmicas na sala de aula.

Um primeiro posicionamento que perpassa vários enunciados é o planejamento das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. O professor deve prezar pela objetividade ao programar uma proposta pedagógica para os alunos.

Como o grupo participante atua na Educação Infantil, as obras fílmicas mais utilizadas foram desenhos infantis. Quanto ao uso, foi apresentado um exemplo que nos chamou a atenção: a experiência com alunos do berçário que demonstraram interesse por um tipo de filme, demonstrando preferência. O GF evidenciou que ao perceberem esta preferência dos alunos/crianças, as professoras tendem a investir no gênero mais apreciado, pois na Educação Infantil os filmes/desenhos têm como proposta trabalhar o lúdico com as crianças.

Questões que remetem a outro apontamento destacado nos enunciados, o quesito mais relevante na escolha de um filme é seu cunho educativo. É uma estratégia para não se cometer erro na proposição pedagógica; um filme educativo sempre é escolhido visando o tema/conteúdo adequado à faixa etária, sendo utilizado de forma específica. O avanço para uma leitura mais crítica da linguagem cinematográfica quase não é destacado nos enunciados.

Trabalhar com cinema requer o uso de equipamentos tecnológicos como projetor multimídia, TV e vídeo. Manusear essa tecnologia foi outro aspecto que se manteve nos apontamentos das participantes por ser uma dificuldade de muitos docentes, que muitas vezes limitam a utilização de recursos pedagógicos que exigem tais equipamentos.

As potencialidades de acesso e ampliação cultural é outro aspecto colocado nos enunciados, ao utilizarmos os recursos cinematográficos como aporte pedagógico podemos redimensionar a aprendizagem do aluno.

Em relação à utilização do cinema na sala de aula, as questões discutidas e destacadas pelo profissional docente mostram os limites do uso da imagem, mas também como podemos ir além buscando a formação de um sujeito crítico e espectador emancipado, pois a imagem que está presente em nosso cotidiano não se apresenta apenas em contextos educativos.

Dessa forma, o professor pode se instrumentalizar de forma crítica para que, junto ao aluno, possa estabelecer mediações do contexto escolar com outros contextos e promover novas leituras.

### **- Os critérios que os professores utilizam para a escolha de filmes**

Em relação aos critérios que os professores utilizam na escolha de filmes para ser trabalhados em sala de aula, é de consenso algumas referências que vamos destacar novamente.

Segundo os enunciados, o critério mais destacado é a adequação do filme conforme a faixa etária, este foi o quesito principal para a escolha de um filme. Este critério se relaciona ao critério de filmes mais curtos, porque uma longa metragem dificulta o trabalho devido à delimitação das aulas em 50 minutos. Seria uma opção que se enquadra em horários duplos ou um planejamento conjunto da atividade com outros professores. A referência a filmes curtos, no caso curtas com até 50 minutos, indica que temos que apresentar uma conexão com o tema trabalhado, que o filme exibido tenha uma mensagem que pode ser retrabalhada posteriormente pelo docente.

O espaço físico é outro apontamento indicado, há o entendimento de que o ambiente escolar é o espaço propício para o acesso dos alunos às mais diversas obras fílmicas. Para que o contexto escolar se torne um espaço gerador de cultura cinematográfica, faz-se necessário garantir um trabalho pedagógico que contemple além de diferentes gêneros, estilos, nacionalidades e diretores, um contato direto e aprofundado com a arte do cinema.

Os apelos visuais estão presentes no cotidiano da sociedade contemporânea, conseqüentemente nossas crianças e jovens estão se tornando mais visuais devido ao amplo acesso a filmes e outras mídias. Porque então não elaborar propostas pedagógicas que insiram de fato o cinema na escola, por meio de uma formação docente e um apoio pedagógico que auxilie a configuração desse recurso na escola?

Quando tratamos da educação infantil, os critérios de escolha devem ser monitorados pelos docentes e pedagogos, há maior preocupação em utilizar filmes que sejam adequados ao interesse e faixa etária da criança, visando à sua formação integral.

Outra preocupação é monitorar o acesso a tipos de filmes que não são adequados para as crianças, por esta exposição inadequada prejudicar a formação do aluno/criança. As participantes, a todo o momento, enfatizaram tal questão como ponto preocupante,

principalmente pela repercussão desses filmes com outros alunos, por isso envolver os pais acerca da exposição televisiva nesta faixa etária de ensino se faz necessário.

São inegáveis as potencialidades de aprendizagem que são possíveis por intermédio da linguagem cinematográfica, mas para isso o profissional docente deve contar com subsídios formativos e apoio da gestão escola para desenvolver as atividades pedagógicas com mais eficiência.

### **- Outros Apontamentos**

As dezesseis vozes do discurso analisadas em tópicos nesta pesquisa abordam a questão do uso do cinema na sala de aula. Envolvem as experiências das participantes não só como docentes, mas também como cursistas que expressam sua visão de professor e de escola, bem como identificam obstáculos e possibilidades de aprendizagem que permeiam a linguagem cinematográfica.

No GF abordamos como tema específico *Cinema e Educação*. Apesar de não estar no roteiro das questões, chamou nossa atenção o que soou como um desabafo das cursistas, a voz de indignação referente ao órgão gestor, no caso a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba.

As indagações e posicionamentos giraram em torno da proposta de um planejamento pedagógico direcionado pela (Semec) e das matrizes curriculares que devem ser seguidas nas unidades escolares, por nível de ensino. Outras questões que ressoaram foram a série de fichas e registros que devem ser preenchidos pelos professores, como o Registro de Acompanhamento Pedagógico – RAP e outros registros apontados como um grande consumidor do tempo docente. Conforme as participantes ressaltaram, o tempo se torna escasso para preencher fichas, registros, preparar as aulas, corrigir trabalhos e provas, comprometendo o tempo extraclasse, sendo grande parte do trabalho docente realizado em casa.

Assim, esse é o tempo reclamado, que poderia ser direcionado para outras ações como estar mais próximo da família, assistir a filmes, ir ao cinema, ao teatro, a eventos culturais, pesquisar na internet, elaborar atividades diferenciadas para dinamizar as aulas e outros.

As docentes não pensam na extinção de um planejamento das atividades pedagógicas, ao contrário o consideram necessário, mas o excesso de burocratização com planejamento e preenchimento de fichas e relatórios é um fator complicador: “a questão do tempo eu acho se for estruturado de uma forma mais tranquila, vai ser feito o planejamento do mesmo jeito,

fazendo o feedback do mesmo jeito”. O controle do trabalho docente é pesquisado por Tardif e Lessard (2014, p. 112):

o ensino é um trabalho burocratizado cuja execução é regulamentada, mas que também repousa sobre a iniciativa dos atores que requer de sua parte uma certa autonomia. Neste sentido, esse trabalho é definido por regras administrativas, mas depende igualmente, ou mais ainda, da atividade responsável e autônoma dos professores e de seu envolvimento com a profissão (TARDIF e LESSARD, 2014, p. 112).

A regulamentação e burocratização do trabalho docente não são pensadas pelo professor, são outros atores que pensam e elaboram o que o docente executa. Portanto, há um descompasso que não se alinha e o docente se sente sufocado dentro de uma camisa de força.

Dimensionar as obras fílmicas como uma proposta pedagógica no cotidiano escolar apresenta, num primeiro momento, alguns requisitos que fazem parte do fazer metodológico próximo ao profissional docente como: tempo que pode ser ministrado, uma formação que seja incluída a análise fílmica e um trabalho conjunto com outros professores. Por outro lado, temos situações que escapam do seu alcance como: apoio da coordenação pedagógica e a direção da escola, suporte profissional na utilização de recursos tecnológicos e estrutura física das escolas, além de outros apontamentos que foram levantados pelas cursistas.

O professor ainda se sente limitado para efetivar um avançar pedagógico na utilização do recurso do cinema na sala de aula. Em primeiro lugar pelas condições de trabalho (atender a uma série de demandas) e em segundo pela falta de uma formação que propicie de fato a utilização deste recurso pedagógico na sala de aula.

Como incentivo, temos iniciativas isoladas de algumas escolas que utilizam a linguagem cinematográfica como uma opção do fazer pedagógico. Citamos o exemplo da Escola Municipal Madre Maria Georgina, que conseguiu envolver toda escola aliando literatura e cinema, com produções de curtas baseadas nas obras infanto-juvenis do escritor uberabense Tiago de Melo Andrade. Mesmo com todos os percalços a escola apresentou resultados positivos, evidenciando que é possível construir uma aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica.

Esperamos que esta pesquisa possa sensibilizar o fazer pedagógico do educador no seu universo escolar, sinalizar uma proposta de formação continuada por meio da linguagem cinematográfica já que, anteriormente, não identificamos na Semec nenhuma proposta formativa utilizando a linguagem cinematográfica. Percebemos que o cinema apresenta uma miríade de possibilidades que podem ser exploradas por meio da arte cinematográfica na

sala de aula, como forma de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem na formação do educando e também como componente formativo do professor.

Portanto, percebemos ainda que se faz necessário ampliar as oportunidades e as possibilidades de formação para novas tecnologias na educação do século XXI. E, apesar de o cinema não ser recente, sua abordagem é muito importante para a formação dos professores e a configuração da educação deste novo século.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. **Tecnologias é Currículo: Trajetórias Convergentes ou Divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.
- ANDRÉ, Marli. **Formação de professores: a constituição de um campo de estudos.** Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174 -181, set./dez. 2010.
- ARROYO, M. G. Condição docente, trabalho e formação. In: SOUZA, J. V. A. (Org.). **Formação de professores para educação básica: dez anos de LDB.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p.191-209.
- AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins; GHEDIN, Evandro; SILVA-FORSBERG, Maria Clara; GONZAGA, Amarildo Menezes. Formação inicial de professores da educação básica no Brasil: trajetória e perspectivas. In: **Revista Diálogo Educacional.** Curitiba, v. 12, n. 37, p. 997-1026, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.pos.uea.edu.br/data/area/publicacoes/download/4-4.PDF>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- BARBOUR, Rosalline. **Grupos Focais.** Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARBOSA, Marinalva Vieira. **O discurso emotivo nas interações em sala de aula.** São Paulo: Amablume, 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC-ANNABLUME, 8. ed., 1997.
- BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-Educação: a mediação escolar indispensável para a cidadania.** Congresso Internacional de Educação Pública, 2000, Rio de Janeiro, 2000.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia Clássico do Cinema Brasileiro: metodologia e pedagogia.** São Paulo: Annablume, 2. ed., 2008.
- BILHARINHO, Guido. **Cem anos de cinema.** Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Uberaba: dois séculos de histórias (dos antecedentes a 1929).** Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, VI. 1, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Uberaba: dois séculos de histórias (de dezembro de 1930 a dezembro de 2007).** Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, VI. 2, 2009.
- BOING, Luiz Alberto. **Os sentidos do trabalho de professores itinerantes.** Doutorado em Educação. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 3. ed., Brasília: DF, 2001.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – **LDB.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 08 abr. 2015.



\_\_\_\_\_. Lei nº 13006 de 26 de junho de 2014, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **Mídia na Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **TV Escola**. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/about?clearBreadCrumb=tru>> Acesso em: 05 jan. 2015.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, Educação midiática e o lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.35, n. 03, p. 37-58, set/dez, 2010. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 20 set. 2015.

BRUZZO, Cristina. **O cinema na Escola: o professor, um espectador**. 1995. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – SP, Campinas, 1995.

CARMO, Leonardo. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. **Revista Ibero Americana**, n. 32, maio-agosto de 2003. Disponível em: <[www.rioei.org/rie32a04.htm](http://www.rioei.org/rie32a04.htm)>. Acesso em: 31 maio 2014.

CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema Novo Brasileiro. In: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. (Coleção Campo Imagético). Campinas, SP: Papyrus, 2006.

CEATTO, Adriano. O ensino da utilização de imagens pelos professores de história. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364339529\\_ARQUIVO\\_A\\_utilizacao\\_de\\_imagens\\_pelos\\_professores\\_de\\_Historia02.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364339529_ARQUIVO_A_utilizacao_de_imagens_pelos_professores_de_Historia02.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2015.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008. Disponível em: <[www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero30.pdf](http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero30.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2014.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, Araxá, v.7, n. 7,p. 251 - 266, 2011. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/pesquisa\\_social.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf)> Acesso em: 22 nov. 2015.

CONTI, Davi Faria. Moocs: Alternativa ao Capitalismo rápido ao seu subproduto? In: ROJO, Roxane. (Org.). **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: Arte, Técnica e Linguagem**. (Profissionais – Curso Técnico de formação para os funcionários da Educação). Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

COSTA, Ana Paula Bossler. **A ciência pode ser divertida: a emoção na mediação do conhecimento científico**. 2009. 236 f. **Tese (Doutorado em Educação)** - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2009.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. (Coleção Campo Imagético). Campinas, SP:Papyrus, 2006

DA-RIN, Sílvio. Dez anos de políticas públicas para o audiovisual brasileiro. In: **Revista Observatório Itaú Cultural/OIC**, n. 10, set/dez, São Paulo: SP, Itaú Cultural, 2010.

DIAS, Claudia Augusto. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas.** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330/252>>. Acesso em: 20 set. 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Relações entre Cinema e Educação na esfera pública brasileira. In: **Escritos de Alfabetização Audiovisual.** (Org.) Maria Carmem Silveira Barbosa e Maria Angélica dos Santos. Porto Alegre: Libretos, 2014.

EARP, Fábio Sá. SROULEVICH, Helena. **O mercado de cinema no Brasil.** Disponível em: <<https://politicasculturais.files.wordpress.com/2010/03/earp-o-mercado-de-cinema-no-br-2009.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

ESTEVINHO, Telmo Antonio Dinelli. (Re) Atando Políticas de Cinema no Brasil. In: **VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro de 22 a 24 de abr. 2015. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT7-Estevinho.pdf>>. Acesso em: 28/03/2016.

FANTIN, Monica. **Criança, Cinema e Mídia-Educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália.** 2006. 399 f. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: **Escritos de Alfabetização Audiovisual.** (Org.) Maria Carmem Silveira Barbosa e Maria Angélica dos Santos. Porto Alegre: Libretos, 2014.

FERREIRA, Marcos Ramon Gomes. **Projeto Cinema e Filosofia na Escola.** Disponível em: <<http://blogdocolun.blogspot.com/2008/08/projeto-cinema-e-filosofia-na-escola.html>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FERREIRA, Claudemir. **O cinema e a sala: apreciação e leitura fílmica.** Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69352>. Acesso em 28 dez. 2014.

FERNÁNDEZ CRUZ, Manuel. **Conceptualización del desarrollo profesional docente.** In: Desarrollo profesional docente. España: Grupo Editorial Universitario, 2006, p. 9-30.

FRANCO. Marília. A educação e o cinema que corre nas veias. In: **Escritos de Alfabetização Audiovisual.** (Org.) Maria Carmem Silveira Barbosa e Maria Angélica dos Santos. Porto Alegre: Libretos, 2014.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>>. Acesso em: 08 mar. 2014.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Estrutura conceitual da formação de professores.** In: Formação de professores para uma mudança educativa. Lisboa: Porto Editora, 1991, p. 18-68.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. Valorização da docência e avaliação do trabalho docente: o papel da avaliação participativa em um contexto institucional. In: GATTI, B. A. **O trabalho docente: avaliação, valorização, controvérsia.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.p.153-176.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens – Estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GREGIO, Gustavo Batista. A produção cinemanovista brasileira como manifestação crítica ao Governo Militar (1960). **XIV Encontro Regional de História 1964-2014: 50 anos do Golpe Militar no Brasil** na Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/368.pdf>> Acesso em: 21 dez. de 2015.

GOMES, Maria Elasis. BARBOSA, Eduardo. *A técnica de Grupos Focais para obtenção de dados qualitativos*. Disponível em: <[http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco\\_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D\\_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf](http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf)> Acesso em 25 set. 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos e Fundamentais**. Disponível em: <<file:///C:/Users/maria.pereira/Downloads/38200-76053-1-PB.pdf>> Acesso em: 22 nov. 2015.

GUIDO, Lucia de Fátima. BRUZZO, Cristina. Apontamentos sobre o Cinema Ambiental: a invenção de um gênero e Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação**. Disponível: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT7-Estevinho.pdf> - Acesso em: 28/03/2016

GHIZZONI JUNIOR, Wagner. A história do Cinema passa por Uberaba. **Jornal Revelação**. Disponível em: <<http://www.revelecaoonline.uniube.br/a2002/cultura/setimaarte.html>>. Acesso em: 31 mar. 2015

\_\_\_\_\_. A cidade tem histórias para contar. **Jornal Revelação**. Disponível em: <<http://www.revelecaoonline.uniube.br/a2002/cultura/setimaarte5.html>>. Acesso em 31 mar. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 6ª Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. Codificação/Decodificação. In: **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. P.365-381.

HYPÓLITO, A. M. Trabalho docente na educação básica no Brasil: as condições de trabalho. In: OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, L. F. **Trabalho na Educação Básica: a condição docente em sete estados brasileiros**. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2012. p.211-22

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Formação Docente Profissional: formar-se para mudanças e incerteza**. Trad. Silvana Cobucci Leite. 9ª Ed.. São Paulo: Cortez, 2011.

JUVELE, Adelina Laporta. **Histórias cruzadas: um pouco da história da professora e autora**. Disponível em: <[www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/adelina.html](http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/adelina.html)> Acesso em 03 set. 2014.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v.8, nº12, p.97-115, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.artcultura.ppghis.inhis.ufu.br/viewarticle.php?id=130>>. Acesso em 04 jan 2013.

LEITE, Lucimeire Vergilio. A visão e o olhar: A janela da Alma e a apresentação da subjetividade. **Revista Fronteiras –estudos midiáticos**. Vol. X, Nº 1 jan/abr 2008. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5372>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

LIMA, Ana Márcia. Kinoplex Inaugura Cinema em Uberaba. **Jornal do Triângulo**. Uberaba. 06 de agos. 2015. InCultura. Disponível em: <<http://jornaldotriangulo.com.br/2015/08/5604/kinoplex-inaugura-cinema-em-uberaba>> Acesso em: 02 out. 2015.

NABUT, Jorge Alberto. **Coisas que me contara Crônicas que escrevi**. Uberaba: Editora Vitória, 1978.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4 Ed., São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2007.

MARTÍN-BARBERO. Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

MATTA, Helena Cunha. Passaporte para em Encrenca. **Jornal do Triângulo**. Uberaba. 25 agos. 2010. In: Cultura. Disponível em: <<http://jornaldotriangulo.com.br/category/cultura/page/13>> Acesso em: 07 out. 2015.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. **Reflexões de um tempo e diligências para metodologias de estudo de imagens em educação**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/6689/4002%C3%82>> Acesso em: 15 out. 2015.

PESCADOR, Cristina. Tecnologias digitais e ações de aprendizagens dos Nativos Digitais. V **Congresso Internacional de Filosofia e Educação**. Caxias do Sul, Maio 2010. Disponível em: [http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo\\_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf). Acesso em: 04/04/2015.

OLIVEIRA. Bernardo Jefferson. **Cinema e Imaginário Científico**. Outubro de 2006, p.133-150 Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/08.pdf>> Acesso em:17 abr. de 2015.

*RANCIÈRE. Jacques. As distâncias do cinema*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro:Contraponto, 2012 – a.

\_\_\_\_\_. **O destino das imagens**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro:Contraponto, 2012-b.

\_\_\_\_\_. **O espectador Emancipado**. Tradução: Ivone C. Benedetti . São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012-c.

RIZZO JÚNIOR, Sergio Alberto. **Educação Audiovisual: uma proposta para a formação de professores de Ensino Fundamental e de Ensino Médio no Brasil**. 2011. 189 f. Tese (Doutorado de Comunicações e Artes) Programa de Pós-Graduação de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP São Paulo: 2011.

SANTOS JUNIOR, Inácio Alaiola Nogueira;GOMES, Carlos Adriano. Cinema Brasileiro: Um Estudo Comparativo entre a Captação de Recursos Mediante Mecanismos de Incentivo Público versus a Arrecadação nas Bilheterias Nacionais. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 9, n.3,

set/dez 2014. Disponível em: <<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/ufrj/article/viewFile/2433/2100>> Acesso em: 21 dez. 2015.

SIQUEIRA. Alexandra Bujokas. Educação para a mídia como política pública: experiência inglesa e proposta brasileira. In: **Interfaces Científicas. Educação Aracaju**. V01. N 01. p. 9-20. out. 2012. Disponível em: <<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/01ART04%20Alexandra.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

SOUZA. Albano Goes; LINHARES. Ronaldo Nunes, MENDONÇA. Edson Victor Limea. **Luz, Câmera Educação: a pedagogia do cinema na formação de professores**. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/108/82>> - Acesso em: 11 dez. 2015.

SOARES, Mariza de Carvalho. Cinema e história ou cinema na escola. **Revista Primeiros Escritos**. Nº 01 – julho-agosto/1994. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/4061083/Cinema-e-Historia-ou-cinema-na-escola#scribd>>. Acesso em: 02 out. 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

TARDIF, Maurice, LESSARD. Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução: João Batista Kreuch. 9º Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

TOSTA, Cíntia Gomide. **Cine Theatro São Luiz e os Primórdios da Dramaturgia em Uberaba**. Disponível em: <<http://www.revista2.uepg.br/index.php/rhr/articles/viewFile/4630/3518>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

UBERABA, Secretaria Municipal de Educação, **Série Cadernos da Escola Cidadã**, Documentário, Estado de Minas Gerais, Uberaba (MG), Setembro, 2000

\_\_\_\_\_, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, **Plano de Gestão de Educação do Município: 2013-2016**. Estado de Minas Gerais, Uberaba (MG), 2014.

\_\_\_\_\_, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, **Projeto A Casa do Educador/Qualificação Profissional**. Estado de Minas Gerais, Uberaba (MG), 2013.

\_\_\_\_\_, **Lei Complementar nº 449/2011**, Dispões sobre o Plano de carreira e Remuneração dos profissionais do magistério da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Uberaba. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/administracao/arquivos/LEI%20COMP%20449.pdf>, /Acesso em: 08/05/2015.

\_\_\_\_\_, **Lei Complementar nº 501/2015**, Dispões sobre o Plano de carreira, cargos e salários dos profissionais dos profissionais do magistério da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Uberaba. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br:8080/portal/acervo/portavoz/arquivos/2015/1328%20-%2011-09-2015.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

\_\_\_\_\_, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, **Plano Decenal Municipal de Educação de Uberaba 2006-2015** Estado de Minas Gerais, Uberaba (MG), Disponível em: <[http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/educacao/arquivos/plano\\_decenal.pdf](http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/educacao/arquivos/plano_decenal.pdf)>. Acesso em 20 nov. 2015

VANOYE. Francis, LETÈ, Anne Goliot. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução Mariana Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1994

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política Educacional em tempos de Transição: 1985-1995**. Brasília: Plano, 2000.

WILSON. Carolyn (org.). **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

### SITES/IMAGEM EM MOVIMENTO

A ESPREITA. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2011. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Videoarte.html>> Acesso em: 06 jul. 2015.

DESASSOMBRO. Direção: Mário Luiz Assunção. Brasil: Uberaba, 2015.

EFEMERIDADE. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2011. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Videoarte.html>> Acesso em: 06 jul. 2015.

ENTIDADE. Direção: Fábio Ramalho. Brasil: Uberaba, 2008. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Cinema.html> > Acesso em: 06 jul. 2015

ENCANTADA. Direção: Guilherme Tensol. Brasil: Uberaba, 2012.

JANELA. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2011.

LÁGRIMAS DA PIETÁ. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2011. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Cinema.html> > Acesso em: 06 jul. 2015

LE VOYER PARIS HOTEL. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2013.

MAGIC MIRROR ON THE WEB. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2015.

NAFTALINA. Direção: Aldo Pedrosa e Ricardo Tilim. Brasil: Uberaba, 2007. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Cinema.html> > Acesso em: 06 jul. 2015

ONDA DE CHOQUE. Direção: Guilherme Tensol. Brasil: Uberaba, 2010.

OLHO MÁGICO. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2013. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Videoarte.html>> Acesso em: 06 jul. 2015

VENDE-SE. Direção: Aldo Pedrosa e Ricardo Tilim. Brasil: Uberaba, 2007. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Cinema.html> > Acesso em: 06 jul. 2015

RESISTÊNCIA. Direção: Ana Paula Neves; Pituca Ferreira; Diego Aragão. Brasil: Campo Florido, 2013.

SAUDADE FINITUDE. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2014.

SUBEMPREGO. Direção: Adriano Elias. Brasil: Uberaba, 2008. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Cinema.html> > Acesso em: 06 jul. 2015

SUPERNOVA. Direção: Guilherme Tensol; Filipo Maluf Carotenuto . (em fase de produção).Brasil.

TELESCÓPIO. Direção: Aldo Pedrosa. Brasil: Uberaba, 2013. Disponível em:<  
<http://aldopedrosa.com/portfolio/Videoarte.html>> Acesso em: 06 jul. 2015

**APÊNDICE A-** Questionário aplicado aos cursistas para ter um perfil do grupo.

## INSTRUMENTO DE PESQUISA POR MEIO DE QUESTIONÁRIO

### IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Sexo: Masc  Fem  Idade: \_\_\_\_\_

2 – Estado Civil \_\_\_\_\_ Possui filhos  sim  não Quantos: \_\_\_\_\_

3- Escolaridade: \_\_\_\_\_ Pós: \_\_\_\_\_

3 – Tempo de sala de aula: \_\_\_\_\_

4- Quantas aulas você ministra por semana? \_\_\_\_\_

5- Trabalha em quantos turnos:  matutino  vespertino  noturno

Em quantas e quais escolas leciona? \_\_\_\_\_

### PERFIL DO ENTREVISTADO

1 – No processo de formação inicial, o que não foi satisfatório?

Estágio  Currículo  Falta de professores qualificados

Outros: \_\_\_\_\_

2- Em sua formação inicial, a aprendizagem por meio de recursos multimídias e audiovisual foram utilizados pelos seus formadores?

Sim  Não

Como: \_\_\_\_\_

3- Qual metodologia/estratégia facilita sua aprendizagem?

\_\_\_\_\_

3.1 - Qual metodologia/estratégia dificulta sua aprendizagem?

\_\_\_\_\_

4 – Consegue ter uma boa gestão da disciplina em sala de aula?  Sim  Não

Por quê?: \_\_\_\_\_

5- O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

\_\_\_\_\_

6- Em sua escola há laboratórios ou salas multimídias para projeção?

Sim  Não

- Em caso afirmativo, você utiliza esses espaços com que frequência?

\_ Frequência:  uma vez na semana  duas vezes na semana  três ou mais vezes na semana ,

Outros: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7- Você gosta e tem costume de ir ao cinema:

Sim  Não

- Qual os três últimos filmes, a que você assistiu no cinema? \_\_\_\_\_

7.1- Qual o seu filme preferido?

\_\_\_\_\_

7.2- Qual o pior filme, a que você assistiu. Por quê?

\_\_\_\_\_

8- Para você, qual a importância de se utilizar filmes, curtas e outras mídias na sala de aula?

\_\_\_\_\_

9- Caso você trabalhe com filmes, na sua prática no cotidiano escolar, o aluno/a apresenta alguma resistência quando você anuncia que vai exibir um filme/documentários e outros?

Sim  Não

Qual/is: \_\_\_\_\_

10- A coordenação pedagógica de sua escola incentiva a utilização de multimídia como uma ferramenta didática?

Sim  Não

Como: \_\_\_\_\_

11- Quais os filmes que você utilizou na sala de aula?

\_\_\_\_\_

12- Quais suas expectativas em relação ao curso?

\_\_\_\_\_



**APÊNDICE B** – Texto e as questões que foram utilizadas na dinâmica grupo focal nas discussões: como base para montagem da apresentação.

### **Lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014**

Art. 1º O art. 26 da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º:

“A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.”

### **NOVO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO – (HIPOTÉTICO)**

Informamos, que o Ministério de Educação e Cultura – MEC vem propondo uma revolução para a educação nacional, com novas diretrizes para o ensino apoiado na implantação do audiovisual na escola por meio do cinema, com a ampliação da Lei 13006/2014, com a exibição de filmes nacionais como proposta pedagógica da escola.

Uma das principais mudanças é que todas as aulas sejam ministradas e tenham o cinema como recurso didático-pedagógico a ser utilizado por todos os professores, podendo ser filmes, curtas ou documentários. Outra orientação é que toda escola tenha um espaço adequado para projeção cinematográfica, que pode ser utilizada pelos professores, alunos e aberto à comunidade escolar. Segundo o novo Ministro da Educação, este será o início de uma revolução do ensino no século XXI.

Com esta apresentação inicial, começamos a dinâmica de grupo entregando as questões as participantes e dando um tempo de 20 minutos para eles lerem e fazerem relação entre prática e realidade escolar. As seguintes questões foram entregues ao grupo:

### **IMPACTO DESTES CENÁRIO PARA A ESCOLA**

Com este novo cenário para a educação nacional, analise os prós e os contras dessa nova normativa nas suas aulas e na realidade escolar na qual está inserido.

- 1- Como esta decisão vai se configurar na sua prática de ensino e seu cotidiano escolar?
- 2- Como os alunos verão esta mudança?
- 3- De que forma você acha que esta nova norma vai facilitar o ensino?
- 4- Quais serão as dificuldades para desenvolver esta proposta na escola?
- 5- O que vai favorecer a aprendizagem?
- 6- Qual a visão que os pais terão sobre esta nova forma de ensino-aprendizagem. O que dirão os pais que apreciam e que dirão os pais que não apreciam?

7- Que tipo de filme deve predominar neste novo contexto? Por quê?

8- O cinema como linguagem vai ser melhor compreendido pelo cidadão comum? De que maneira?

9- Para você, quais os desdobramentos em nível local, regional e nacional desta nova norma? E a curto, médio e longo prazo?

## APÊNDICE C – Transcrição do Grupo Focal (tema: “Cinema e Educação”)

Bolsista – Tem como você ficar mais próximo dela lá, (Ah sim- Selma), se não for atrapalhar muito, vou deixar isto aqui (gravadores de áudio), dá para gravar.

Ministrante (M.) – Isto é para gravar o áudio.

Bolsista – Tudo que vocês estão conversando, depois ela transcreve tudo.

Ministrante – Depois ele vai me dar trabalho (risos)

### Introdução

Ministrante- Boa noite a todas cursistas e as convidadas e convidado, da nossa quinta aula do curso de Cinema e Educação, hoje a gente tem uma proposição diferente, literalmente eu falo com um tema, a gente fala de um tema específico. E hoje a gente quer saber, a gente vai trabalhar com uma técnica, uma dinâmica de grupo chamada Grupo Focal – GF, (né), o eu este GF.

GF é uma discussão que nós fazemos em grupo –né, para gente discutir, melhor determinado tema né, como um processo de troca de informação e interação entre a gente. Porque uma coisa e as vezes eu só eu ficar falando e a gente ficar naquele feedback né, outra coisa e a gente saber de tudo isto como realmente no cotidiano de vocês, como vocês pensam e como vocês fazem isto, como uma prática de ensino.

É geralmente o GF, ele tem um tema gerador, um tema específico para esta discussão, então se discute de tudo um pouco – né.

O tema específico que se vai se falar,né, e o nosso tema específico e a questão do Cinema na escola né, a linguagem cinematográfica, como este recurso né, como este recurso é, e pode ser utilizado ai no contexto escolar como uma prática de ensino.

### Apresentação do Grupo

Para que não se lembra meu nome é M., sou Analista de Serviços, né, e Mestranda da UFTM, eu vou estar né, ajudando coordenando o grupo, mas a minha fala vai ser o mínimo possível, porque a gente quer ouvir um pouco de vocês.

Nós convidamos outras pessoas, porque é interessante ter pessoas né, de outros contextos no grupo. Está discussão no grupo não pode ser um grupo muito grande né, e nem um grupo muito pequeno, então para aplicar está técnica tem que ser entre 4 a 12 pessoas, então o grupo que a gente tem aqui dá, está tranquilo dá, mas achei interessante chamar outras pessoas, convidar para a gente né, ampliar mais o nosso leque de rendimento.

Então eu vou soltar uma situação propositiva, e antes como alguns aqui se conhecem e outros não que a gente convidou, ai as meninas para estarem com a gente né, elas são formadoras da Casa, elas vão estar falando, eu gostaria que cada uma fala-se seu nome, se apresenta-se né, e a gente se apresenta-se, e a gente começa ai a nossa atividade, podemos fazer sequencial, (podemos)

-Boa noite eu sou a professora 1, trabalho aqui na Casa do Educador né, como professora formadora e também fiz o meu mestrado em formação de professores.

-Boa noite, meu nome é 2 trabalho como educadora no Cemei, com a C. e a proposta do curso está sendo valiosa porque a partir daí nós podemos, nossa troca de experiência em sala de aula, proporcionando uma melhoria né, no que a gente pode transmitir para as crianças em questão dos filminhos, é isto.

-Boa noite, sou a professora 3, trabalho com Educação Física, nas escolinhas J. M., municipal e Escola Municipal, eu agora estou trabalhando somente com a Educação Infantil.

-Meu nome é 4, trabalho no J., prefeitura tem 24 anos, que eu trabalho lá (risos)

Tempinho bom (M.)

-Me chamo 5 sou educadora na Creche.

-Meu nome é 6, sou coordenadora da Creche.

-Boa noite, meu nome é 7 também trabalho aqui na Casa do Educador como professora formadora, é pesquiso isto a questão de linguagem, então a linguagem cinematográfica, este convite eu acho que é uma oportunidade, porque é uma outra forma de linguagem né, é muito interessante, então estou aqui também para poder aprender e poder (risos) e podermos dividir né, este momento este espaço.

M. – Muito bem para a gente iniciar a nossa (uma cursista interrompe: “é ele, Bolsista?”)

Ele, é este moço (Bolsista), fala quem é você.

Meu nome é L., me formei em biologia agora pela UFTM, só que durante toda a graduação, acabei trabalhando com cinema, ciências e publicação, mesmo estando na área de biologia, então eu ensinava ciências usando e estudando cinema e ensinando tudo é agora estou no Núcleo Experimental de Cinema, lá da UFTM, é a professora.

M. – É aí eu, falei assim, L. como assim eu entendo mais de linguagem, você e o rapaz do equipamento, você vai com sua contribuição né, então eu vou ficar focada na discussão com vocês. E os objetivos do GF, e a gente ter tema provocador, então eu vou ver se consigo provocar vocês, está bom, vamos lá. Espera aí que ele pensa (Notebook com Datashow demora na projeção de slides), ela é como a gente, ele pensa um pouquinho.

Nós vamos falar um pouco da situação atual e remeter um pouco para o futuro, né, uma questão futurística, para a gente se posicionar do nosso cotidiano de hoje, tendo como carro chefe a questão da linguagem cinematográfica, tranquilo (“tranquilo”, as cursistas respondem).

A linguagem cinematográfica na escola, a exibição de filmes de produção nacional constituirá um componente curricular complementar integrado a proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória de no mínimo 2 (duas) horas mensais.

Este texto e o texto que está na lei, eu acho que tinha comentado com vocês uma aula anterior 13006 promulgada 26 de junho de 2014 do ano passado então isto é uma questão de hoje, hoje que eu falo do ano passado, que é uma proposta de lei que incentiva a questão do filme das produções nacionais serem temas né, de discussão na sala de aula certo (Certo, responde as cursistas)

Então isto não é invenção (isto/barulho de carro).

A produção nacional se apresenta aí de forma diversificada, é lembrando aí o contexto da história do cinema brasileiro ele teve muitas idas e vindas, porque o cinema é uma produção cara é tal, precisa de muito investimento é a gente percebe, que há Boon de produções quando existe um investimento estatal, então está/este motivo né, de leis federais estatais retomou-se a partir da década de 1990, que aí a gente teve um grande crescimento de produções nacionais né apresentei algumas delas Tainá foi uma delas, Tapete Vermelho, Saneamento Básico o Filme, Gonzaga.

O filme Carlota Joaquina- Princesa do Brasil e o Quatrilho, são filmes que marca esta retomada da produção nacional, tanto que o Quatrilho foi escolhido como melhor filme estrangeiro né, onde ele foi exibido.

Agora um cenário hipotético, né, “Informamos que o Ministério de Educação, vem propondo uma revolução pra a educação nacional, com novas diretrizes para o ensino apoiado na implantação de audiovisual na escola, por meio do cinema. Com a ampliação da lei 13006 de 2014, com a exibição de filmes nacionais, como uma proposta pedagógica da escola.

Imaginou se esta lei, fosse ampliada num nível em uma escala muito maior né, é isto que nós estamos conversando.

Então que bom seria se os espaços né, a questão cinema 3D, a questão de adequar, até mesmo o espaço escolar, para ter aí no lugar específico para estas exibições

Uma das principais mudanças é que todas as aulas, pense nisso, todas as aulas seja ministrado e tenha o cinema como recurso didático e pedagógico a ser utilizado por todos os professores podendo ser filmes, curtas ou documentários.

Outra orientação é que toda escola tenha um espaço adequado para a projeção cinematográfica, que pode ser utilizado pelos professores pelos alunos, e também aberto para a comunidade.

Então vamos conjecturar, como seria estes espaços né, como seria esta participação desta comunidade escolar, como os professores se envolveriam né, realmente na ampliação desta linguagem, não apenas como recurso, mas aí faria parte de todo metie né, do cotidiano escolar.

Então como seria este impacto né, deste cenário para a escola.

Com este novo cenário para a Educação Nacional analise os prós e contra desta nova normativas nas suas aulas e na realidade escolar ao qual esta inserido.

E então isto que nós vamos pensar e conjecturar um pouquinho em grupo, é lógico que a gente não vai pensar do nada eu trouxe umas questões, para a gente pensar coo isto pode ser feito, como vocês analisam, isto com a realidade que vocês tem da escola da vivência de vocês né, a gente vai dar um tempinho para vocês estarem pensando nestes questões, quem quiser anotar ali tem folha.

-Me dá um folha de caderno (cursista 1)

M.-Aqui tem folha branca.

- Tem (cursista)

M. – Aqui duas (folhas) se você quiser anotar , tem caneta?

1 – Tenho.

Cursista – É para responder.

M. – E para vocês irem pensando e a gente todos juntos a gente vai discutir esta questões. Se precisar podem pedir (folha, caneta).

Lá atrás tem água, cafezinho se vocês quiserem podem ficar a vontade pegar, tá.

Pode ser uns 5 minutinhos vocês pensam nas questões e a gente abre, uns 10 minutos.

Cursistas – Pode (Barulho de folha)

M. – Quer caneta Glória?

1 – Está folha branca vai usar só quando a gente fechar o trabalho aqui ou posso rascunhar alguma coisa aqui.

M. – Pode rascunhar a vontade.

M. – Podemos (iniciar)

Cursistas – Espera aí.

M. – Não precisa responder todas não, isto é só para a gente saber (vocês) o que a gente vai perguntando. Querem mais uns minutinhos.

M.- Então diante da proposta da normativa que já existe né, se ela foi criada num contexto muito maior né, é lógico que isto vai acarretar mudança né, é na nossa prática também né, então como ficaria a primeira pergunta.

## Questões

1- Como esta decisão vai se configurar na sua prática de ensino e seu cotidiano escolar?

M. – É interessante em cada questão a gente ouvir né, cada um.

6– No começo assim, eu acho que será difícil até uma forma de adaptação, para começar, como as salas, né, próprias né, e trabalhar em cima de projetos, materiais cinematográficos adequados, é filme nacional e em que idade e sendo a onde trabalhar, tipo assim a gente lá trabalha de 2 a 5 anos, como o filme nacional é, tem uma duração de uma hora, uma hora e meia pouquinho, assim na faixa etária de 2 a 3 anos até 4 anos por ser muito longo não.

M. – Não é adequado.

6 – Eles não focam, não foca, assim ao meu ver, para começar, é este vai abranger toda área do conhecimento.

M. – Sim.

6 – Então vai ter lousa, vai ter só vai ter só projeção.

M.– Não a projeção seria só um tipo um ponta pé né, mas ai a gente abriria de outras formas, estaria inserido em sua prática, você não dispensaria tudo aquilo que você tem.

6 – Sim, e como se fosse assim cada um, no seu computador.

M. – Isto.

6 – Entendi.

1– Acredito que é inserir aquilo que vocês já fazem né, utilizar desta linguagem cinematográfica naquilo que vocês já fazem muito bem. Agora requer planejamento né.

6- Então igual eu falei, projetos adequar projetos para linguagem dos meninos menores, que lá e de 2 a 5 anos. Agora quando e 6 já no ensino fundamental para cima eles devem focar mais. Então que ter alguma coisa né, um curta, um desenho, alguma coisa assim que possa prender a atenção deles.

M. – Meninas, estamos na primeira questão.

2- Eu coloquei assim, a estrutura, apesar do Cemei a nossa realidade, não tem esta estrutura adequada para atender né, este de início está mudança, eu coloquei também o que se foca muito é a questão de horário, a gente tem horário para tudo, então seria também outra dificuldade seria de encaixar, igual as meninas comentaram dentro do projeto aquele tempo, assim mais específico, para se trabalhar esta parte do cinema com os alunos, porque nossa proposta assim em sala de aula, já tem são minutos para linguagem oral e escrita, para natureza e sociedade, a gente já recebe aquele cronograma já no início já pronto, então seria mesmo como encaixar dentro dos projetos para poder se trabalhar, porque assim em questão de tempo e adequação nosso não é bem, para Cemei a nossa realidade ela é bem.

6 – Para a educação infantil ela é bem complicada.

3 – No meu modo de ver eu acho tendo, a escola tendo uma estrutura né, o espaço, e tudo direitinho, e a estrutura tiver a escola tiver como passar este filme, o telão tudo, não sei se toda escola tem. Nas duas escolas que eu trabalho tem, são duas escolas municipais eu acho que tendo tudo isto, é e uma escola municipais de Educação Infantil, eu acho que tem como encaixar sim, porque as vezes tem horário para o parquinho, tem um horário livre, tem a hora do brinquedo, tem tanta coisa que eu acho que daria para estar encaixando sim né, mesmo que tira-se alguma outra coisinha, tirar um parquinho e colocar um cinema.

2 – As vezes da equipe dirigente ali, tirar coisa e tentar encaixar.

3 – Eu acho que dá para adequar, agora se tiver assim, como passar filmes mais curtos né, para porque a atenção deles é uma atenção pequena pelo fato de serem crianças né, menores a concentração pequena.

2 – Isto

3 – Se for filmes mais curtinhos, desenhos este tipo de coisa eu acho que daria sim, para gente, porque eles pedem tanto para a gente estar trabalhando a questão, é do desenvolvimento crítico da criança, a reflexão da criança, e as crianças hoje tão muito, muito além né, as vezes as crianças falam umas coisas, fala gente parece que é um adulto que esta conversando né, a cabecinha deles estão bem desenvolvidas, eu acho que dá para tirar muita coisa interessante, eu acho, acho eu dá para aprender muita coisa também com o filme né, levando em consideração, a é o que o filme vai passar né, alguma coisa ambiental, sobre isto que está acontecendo agora, é para gente está puxando é estar ajudando também no ensino né, não só ficar falando, falando, falando em sala de aula só, eu acho que mostrando as imagens, eu acho que vai também mais motivador, também mas prazeroso para o aluno, eu acho eu acho que dá certo sim.

6 – Explicando e mostrando, explicando e mostrando, se colocar lá para eles e não falar nada, dispersa rapidinho, dois segundo e já era. (risos)

3 – É isto, motiva mais eu acho que é válido.

M. – 4

4 – No meu caso eu trabalho no berçário, a gente coloca uma vez por semana filminho como o da Galinha Pintadinha, sabe eles adoram você vê que tem uns que chega a bater palminhas, os menorzinhos e eles cantam sabe cada semana a gente coloca um, mas quando é a Galinha Pintadinha minha filha eu vou te contar, eles ficam loucos, nossa eles ficam loucos.

2-Eles gostam mesmo

M. – Eles gostam da música, envolve.

3 – É bem educativo também, isto ajuda muito

7 – Eu acho que além desta questão estrutural que vocês, colocaram e está adequação que realmente é necessária a faixa etária da criança, que entra na zona de interesse da criança, é eu fico pensando também que um grande desafio para a gente pensar, porque a gente trabalha com a linguagem oral, com a linguagem cinematográfica e mais uma forma de linguagem importante a ser trabalhada, mas eu acho que nosso grande desafio eu fico aqui pensando né, é e exatamente e isto e trabalhar esta intencionalidade porque a linguagem cinematográfica tem uma intensão, tem um significado, tem um sentido, eu acho que o grande desafio para gente é exatamente trabalhar com a criança isto, porque não é só colocar um desenho, um filme ou seja o que for para a criança assistir, porque isto ela já faz em casa, mas é e estrutural uma metodologia ou formas de ações que possam realmente é e desenvolver sabe está questão da observação, a questão do que está por trás daquilo que a criança está vendo sabe dos significados e sentidos que estão ali, é embutidos na linguagem cinematográfica, eu penso que isto é um desafio para gente.

3 – E ai é porque isto é meio complicado deles conseguirem em casa, não tem como, né.

7- É, não é, eles veem né.

3 – O que acontece muito, que eu vejo os alunos falar, eles falavam muito novinhos assistindo filmes assim e uns filmes para adultos mesmo sabe, eu acho que não é tão legal para eles isto né, eles não estão maduros ainda para estarem assistindo, é são uns filmes muito bem, bem para adultos mesmos,

tipo “Mortos-vivos” é umas coisa assim que as vezes os alunos chega falando a eu assisti “Residente vil...(inaudível), eu não sei o que mais uma criança com 4 anos.

7– Pois é

3 – É complicado né, para estar assistindo este tipo de coisa, eu acho, né .

7 – Você já pensou

3 - Então eu penso que os pais poderiam tanto estar passando um desenho, uma coisa que tenha um sentido alguma.

7 – Que tenha haver.

3 – Que tenha uma coisa bonita, para ser mostrada é tudo que tenha haver mais, é fora as outras coisas que a gente fica sabendo que o aluno que assisti, eu já tive aluno quando eu trabalhava no ensino fundamental, estar assistindo filme para adulto mesmo, com cenas muitos pesadas e chegando e comentando com os coleguinhas.

7 – Cenas de violência, cenas de sexo

3 – Então, exatamente isto

7- Então isto é muito importante, esta questão da adequação mesmo.

3 – É e isto atrapalha muito a cabecinha da criança, nossa. E eu acho que a escola estaria mais preparada para tá né, fazendo este trabalho e estar instruindo os pais também no caso né.

M. – Eu vejo assim dois reversos né, é passando aís eu acho que tem que ter uma personalidade, um objetivo né, trabalhar uma obra cinematográfica por trabalhar né, e o mais importante né, o aluno vê naquilo algo que realmente ele vai se formar, ele vai aprender, então é algo né.

7 – Pois é para fazer esta ponte, o professor precisa né, estar né neste neste processo formativo.

3 – A é com certeza

1 – É só uma observação eu me lembro quando eu estava na escola, geralmente era muito comum na sexta-feira, um grupo de dois, três professores, então vamos supor cada semana um era responsável, ia lá pegava um filme, passava na biblioteca e colocava duas ou três turmas lá para assistir, geralmente na sexta, só que aí a nossa pedagoga começou a observar que aquilo acontecia, aí ela colocou falou olha gente todas as vezes que vocês agendarem a biblioteca, vocês vão colocar o filme e qual o objetivo de vocês. A aí ela começou a pedir o objetivo, porque, porque ela percebeu que era uma forma de na sexta-feira eu estou cansada então vou levar todos os meninos para assistir, assistir por assistir, então foi algo que ela fez, todas as vezes tinha que ter um objetivo.

Outra coisa que eu acho importante, que eu falei do planejamento, como o professor vai passar um filme, ele tem que ter, como ela disse né, ele tem que ter um objetivo. Qual que é o objetivo. Se o filme é muito longo é não prende a atenção do aluno, ele pode pegar na internet no you tube um trecho do filme, mas neste trecho o que eu vou trabalhar né, e trabalhar como eu disse as entrelinhas, o que ele quis disser nesta cena ele disse isto.

Trabalhar isto com os alunos que eu estou trabalhando a linguagem oral, eu estou trabalhando a organização do pensamento que vai ajudar na especificidade vai ajudar na produção textual deste aluno, que vai ser um texto com coesão, com coerência com começo meio e fim. Então tem uma série de coisas que nós podemos trabalhar, mais aí o professor precisa de assistir o filme em casa, assistir ao filme né, em casa tem que planejar as atividades, o que ele vai fazer, para que ele vai fazer né, o que eu vou fazer para que metodologicamente como que eu vou trabalhar qual o meu objetivo, desta forma



eu acho que torna-se um cunho educativo, diferente de casa que quem está em casa o pai e a mãe não tem a formação pedagógica que nós temos, só que requer do professor este tempo dele assistir em casa antes e planejar, que se então ele chega e passa por passar, e o mesmo que eu pegar um livro lá na biblioteca agora e ler a história para os meninos, eu nunca li o livro, qual que vai ser o proposto educativo né, a gente tem que pensar nisso.

Então requer tempo e planejamento do professor, personalidade, não só objetivo, mas o que, como e para que fazer, que é o planejamento, e a minha opinião.

3 – Porque senão fica uma coisa sem nexos, sem sentido né, e como se ele tivesse vindo em casa mesmo, não tem muito sentido não realmente, fica assim uma coisa como se fosse uma aula livre né.

1 – É

3 – Igual tem aquele momento livre, o momento do brinquedo agora é importantíssimo sim a interação do aluno e tudo, o momento dele extravasar um pouco ou descansar um pouco, usar a criatividade também ele usa muito a criatividade interage com os outros, mas né..

7- E quando ele consegue estabelecer a relação como aquilo que está sendo trabalhado sendo desenvolvido no momento é até coloquei aqui um momento cultural porque eu acho que deveria ser este o foco.

3 – E deveria sim

7- E ele consegue estabelecer relação com a vida dele, com com é outras atividades aí tem sentido, aí tem significado para ele, porque senão é igual você disse é aquilo que ele já faz em casa.

3 – E fica um momento livre, sem sentido.

7- E sem sentido.

M.- Edneia quer falar alguma coisa referente esta primeira questão.

5 – Não

M. – Por enquanto não. Então vamos para a segunda questão podemos  
Cursistas – vamos

## **2- Como os alunos verão esta mudança?**

Os alunos que vocês têm contato né, com estas mudanças, que eles vão perceber que os professores estão utilizando como vocês acham que eles vão ver né.

7- Só uma pergunta, vocês são todas da Educação Infantil.

Cursistas – Nós somos (risos)

7 – tem que pensar para este público, é que e a realidade de vocês

Cursistas – Crianças de 0 a 5 anos; os meus já é de 3 a 5 anos (3) no caso uma escola de Educação Infantil.

3 – Já pode falar, a questão 2, vou parar um pouco de escrever, eu acho que de início assim, se a gente vou falar oh, a gente vai estar trabalhando filmes e tudo, filmes brasileiros, e tal eu acho que de início eles vão achar o máximo porque quem não gosta de assistir um filme, criança gosta, adulto gosta é um momento prazeroso né, só que aí, eles, só que eles vão estar percebendo a diferença entre assistir um

filme e um desenho em casa e assistir um filme e um desenho no caso na escola, eu acho que eles vão estar entendendo o sentido porque ai vai ter um objetivo, vai ter um sentido, eles vão estar percebendo que não vai ser só aquele momento livre de descansar a cabecinha não, vai ser um momento também para eles refletirem, mesmo sendo crianças bem pequenas, é eles tem condição de estar fazendo.

M.– Fazendo esta percepção.

3 - É fazendo esta percepção, e mostrando porque eu acho tudo que se trabalha a regente de turma, trabalha em sala de aula, e as vezes quando eu estou trabalhando na educação física, termina a aula e a gente faz aquele alongamento e relaxamento e sobre um tempinho eles ficam comentando, que as vezes tem as gravuras o que pode e o que não pode fazer, o que a gente pode fazer e o que não pode fazer, eles sempre ficam comentando isto não pode né, porque tem as gravuras mostrando não pode bater no coleguinha, como a gente deve agir e como a gente não deve, então eles já tem bastante noção e eles sabem expor isto, e no caso por exemplo quando eu vou começar no início do ano mesmo a gente faz no planejamento tem as regra né, os combinados com os alunos como a gente deve agir é, durante as aulas né, uma aula mais harmoniosa produtiva é, eu faço as minhas as minhas regrinhas e eu peço os alunos para ajudar a acrescentar mais, ai eles falam “a falar um de cada vez”, “não pode bater no coleguinha,” então eu acrescento com os alunos, eles tem condição de estar ajudando neste planejamento né, a estar melhorando o planejamento, colocando as ideias deles é eu acho que no caso do filme né, um filme que tenha uma intenção, uma mensagem legal importante para eles, eu acho que eles vão dar um ótimo retorno, vai fazer a criança no caso da educação infantil ele não vai estar escrevendo né, sobre o filme mas eles pode estar demonstrando em forma de desenho, ele pode estar desenhando e mostrando e o que ele achou de mais importante a mensagem, depois do professor estar falando sobre o assunto a importância igual ela falou o que está nas entrelinhas, o está querendo dizer com aquele desenho com aquele filme né, qual é a mensagem que está passando, eu acho que ele tem condição de estar passando isto em forma de desenho né, mostrando para gente em forma de desenho qual que foi a mensagem e estar discutindo e questionando passando qual foi a informação, o que ele aprendeu o que ele achou interessante né, sobre este filme e estar discutindo com os coleguinhos também junto.

1 – Eu acho e tava pensando aqui, o cuidado que o professor precisa ter e ou a equipe responsável e não deixar isto virar uma rotina no seguinte sentido eu me lembro que nas aulas de laboratórios para mim era maravilhoso ir para o laboratório e fazer as experiências mas toda final de aula tinha que fazer um relatório escrito e sempre do mesmo jeito então você ia tinha aquele momento prazeroso e ai caía na rotina, escrever o relatório tinha um caderninho é ai tal dia entregava e o professor olhava e listava e ficava por isto mesmo era uma forma de registrar.

Outra coisa também, os clássicos quantas vezes nós na escola no fundamental no Ensino médio, tinha que ler o Cortiço e tantas obras ai, Machado de Assis né, vários aí, aquele período da literatura romantismo etc., só que depois o que a gente fazia, tinha um fichamento referente ao livro, as vezes a discussão que poderia ser prazerosa e metodologia, metodologias diferenciadas para desenvolver o gosto e o prazer por aquilo torna-se algo entendeu rotineiro então, eu acho que precisa sim cada filme tem que pensar em uma metodologia prazerosa para aguçar mais o interesse do aluno para não cair nesta rotina porque, senão o aluno já assiste e ele já sabe o que vem em seguida agora eu tenho que desenhar ou então agora eu tenho que fazer isto, agora tenho que fazer isto sabe, mudar estas formas de registro deste feedback do aluno para não cair na rotina, porque se nós adultos não gostamos, imagine as crianças.

Cursistas – Concordam com a fala

3 – É verdade.

1 - É não subestimar a capacidade, por achar pro ser crianças só desenhar, existe várias formas de registrar está aprendizagem né, por meio das artes plásticas, a linguagem oral das várias linguagem.

7 – A representação (sugestão)

3 – Na minha área seria interessante da Educação Física né, para gente estar fazendo tipo um teatrinho, demonstrando em forma de teatro eu acho que ficaria bem interessante, principalmente, porque é muito trabalhado, nas duas escolas que eu estou, as professoras regentes de turmas trabalha muito isto e fazem toda professora de sala de aula regente de turma fazem apresentação das turmas delas, e fica cada apresentação a coisa mais linda.

Então já esta trabalhando muito está expressividade né, aquele negocio de perder o medo né, medo de se apresentar, e tudo acho que daria certo sim.

M. – Trabalhando todas as habilidades né.

7 – E é uma grande oportunidade que a criança tem para trabalhar o que é a atividade principal dela nesta faixa etária dos 4 aos 5 anos, que é a atividade em que ela desempenha um papel, que ela tem a necessidade de vamos dizer assim de entrar no mundo do adulto, porque com 4 a 5 anos ela já percebe as relações entre as pessoas, é ai ela que ser a professora, quer ser a mãe, quer ser sabe.

3 – Assim a gente percebe

7 – Assim assistindo um filme ela vai poder colocar isto em ação.

3 – Pode sim.

7- É uma excelente oportunidade.

M. – Meninas.

2 – Eu lembro de uma vez em quando eu trabalharia com uma turminha eu falei que hoje nós vamos assistir um filem de uma forma diferente não é na televisão não, não vamos assistir um filme de uma forma diferente não é na televisão não, não vamos assistir televisão não, a tia como que vai ser então tia cadê a televisão, tian-tian-tian, vai chegar a televisão, ai eu montei de sucata, lembra na época quanto a gente fazia.

Cursistas – á que legal.

2 – Eu montei de sucata aquele que tinha o rolinho (os meninos“Ah tia a televisão é antiga), é a televisão é antiga – os meninos perguntaram onde que liga, aqui coloquei um botãozinho de roupa, aqueles de roupa vamos ligar a televisão, o canudinho e duas anteninhas, então hoje nos vamos assistir o filme né, de forma diferente então eu acho que dá para usar também formas variadas ai, e as crianças gostaram muito da historinha, isto do Gibis dos livrinhos.

3 – o grupo gostando imagine as crianças né.

7 – Ai o desenho que ele fez tem significado, porque pode também ser (inaudível), cada um desenha uma cena, ele pode construir eu posso ser o ator eu posso ser o produtor, ser o diretor.

3 – Isto fica interessante.

6 – Convidar as mães, reunir os meninos, todo ano a gente faz apresentação, escolhe uma música faz um teatro, a gente sempre faz uma coisa diferente que a gente nunca fez. Então muita gente, faz assim numa sexta-feira, pega as meninas fala assim hoje tem contação de história, pegar todo mundo de surpresa, umas já estão lá de fora, já pega o microfone, e elas já correm pra sala e pega tudo na hora, e saem as histórias assim, os meninos ficam encantados, e ai agora eu vou a gente vai fazer, e tem sexta-feira que a gente faz gincana né, aí tem aqueles brinquedos, talvez a gente fez uma gincana com os meninos. E esta gincana com os meninos, a gente vai fazer sexta-feira agora com os pais e as mães, só que elas não sabem elas pensam vão achar que vão ver uma apresentação e cada sala vai fazer três atividade de gincana com os pais envolvendo cada sala, então pega cinco de cada sala e a

gente vai trabalhar isto é uma gincana para as mães como se fosse com os meninos ai como os meninos que são pequenos principalmente de 2 , 3 anos que chora muito quando vê a mãe então vai ter brincadeira que eles vão participar junto com a mãe, então a gente vai fazer assim este ano. Eu ai fazer um café da manhã com as mães, ia passar alguma coisa para elas mas tudo que a gente vai fazer com os meninos a gente vai fazer com as mães, ai as meninas gostou vamos ver se vais ser tranquilo.

2 – E vai ser bom, vai ser uma experiência diferente.

6 – E vamos brincar, vamos correr, vamos dançar.

7 – Vamos inverter os papeis.

6 – Isto

3 – As vezes eu coloco, as vezes eu vejo tem alguns alunos que são tão eufóricos para ajudar né, que são e as vezes eles não consegue ficar muito esperando a hora de estar participando de uma atividade de uma coisa sim né, ai eu já pego estes que são, que são mais assim saidinhos, ai hoje eu coloquei eu falei assim agora que vocês vão ser os professores né, a tia Marisley, está trabalhando matemática hoje, com o jogo de boliche né, vocês vão estar jogando o boliche, acertou as garrafinhas, vocês vão ter o tempo que vocês precisarem quantas vezes vocês quiserem jogar a bola vocês podem estar jogando até acetar todas as garrafas, eu vou estar pegando duas garrafinhas, você vai ter que falar qual o número que está na garrafinha e depois somar  $2+2$ ;  $2+3$ ;  $4+2$ ; o número que tiver lá, em uma garrafa e na outra, aí vocês vão somar, vão estar trabalhando matemática. Só que os professores hoje, ai eu falei o nome dos dois alunos serão eles, um vai estar organizando as garrafinhas colocando elas em pé e o outro vai estar pegando a bola e entregando a bola, e assim foi e eu fiquei sentada, e é muito interessante né, as vezes a forma que a gente conversa com o aluno né, oh vão ficar bonitinho se você ficar levantando fazendo bagunça, você não vai jogar agora não, vai ficar mas no final para jogar eu não vou deixar você brincar né, eles falam do mesmo jeito é super interessante né, eles agem como professores mesmo, eles repetem muito o que o professor fala tanto o regente de turma, como no meu caso da Educação Física, né professor de Educação Física. E muito interessante está troca de papeis sabe, as vezes eu chamo também, eu dou eu fico no centro ministrando a aula, e eu chamo um ajudante, ai eu falo agora vocês tem que observar o seguinte, este meu ajudante vai ser um professor junto comigo, então vamos comportar bem, fazer tudo certinho, tudo então dos combinados, porque se meu professor ajudante falar que vai ficar sem atividade eu não posso passar por cima da autoridade dele eu vou ter que deixar sem atividade, se ele achar que não está merecendo, não tá participando, porque não está seguindo os combinados que a gente conversou e tudo, ai eu dou esta coisa.

7 – Ai ele assume esta responsabilidade do papel que ele está assumindo.

3 – Ele assume a responsabilidade você precisa de ver, exatamente

7 – Por isto que eu te disse que esta atividade é principal, porque a criança se comporta e age, de acordo com está norma social que esta papel exige dela.

3 – Exatamente.

7 – Então ela consegue vamos dizer assim, controlar o seu comportamento, (3 –consegue), consegue controlar sua tensão naquilo ali, porque tem que prestar atenção nas outras crianças no que está fazendo, isto é muito bom.

3 – Eles percebem assim, como que fica difícil para o professor no momento que está tendo uma bagunça ou alguma coisa que esta atrapalhando, uma indisciplina, ai eles consegue ver o que o professor sente neste momento né, eles também sentem e nossa e agora o que que eu faço, então ajuda muito aquele aluno que tem problema de disciplina a gente estar chamando ele, para ele ver como e estar no papel do professor como é difícil né, eu acho que ajuda bastante e eu já coloquei muito assim,

para estar me ajudando a ensinar igual a pular corda, pular corda coletiva para alunos de 4 anos é complicado no início né, então meu aluno tava ensinando, então falei você vai ficar de frente para ele eu vou estar segurando a corda de cá e ele segurando a corda de cá e ele vai estar de lá você que vai pular vai ficar de frente para ele, porque é ele que vai te ensinar, primeiro eu faço (ensino) né, explico primeiro para a turma, ensino um dos alunos depois os outros eu já peço para virar para ele, que é ele que vai corrigir o movimento e ensinar ai ele parava, e falava espera ai oh, deixa eu te falar, olha aqui que eu vou te mostrar como é que é, pula desse jeito com os dois pezinhos ao mesmo tempo, ai o coleguinha dele pula, ai ele fala não você tem que pular mais alto, porque você está pulando muito baixo, olha só como é que é, e ensina de novo, sabe, ele ensinou a turma inteira demonstrando, eu achei super interessante, porque era um aluno que mas ficava na supervisão, na sala da supervisão né, que não que seja a função da supervisora mas tem algumas escolas que colocam né, oh, você vai ficar com a disciplina e a questão pedagógica né, tem gente que divide que no caso seria a Vice-Diretora né, mas tem algumas escolas que delegam para a supervisora estar dando este apoio na disciplina, então ficava mais com a supervisora.

M. – Do que na sala de aula.

3 – Do que dentro da sala de aula, ai eu fui levando a importância deste aluno, este aluno é super inteligente, muito mesmo, então eu estou .

M. – Só atividades que atinge o aluno o interesse dele, o interesse do aluno.

3- Então utilizando ele, de uma forma de estar motivando, ele vendo a importância dele dentro daquela aula, como é importante ele estar na aula para estar ajudando, então a professora fala eu observei que ele realmente faz a atividade muito rápido, é ai ela começa a bagunçar, pois é mais ai o que que faz, então põe ele para estar ajudando os outros ou dá uma atividade extra ou no caso o auxílio acho que seria interessante, igual eu coloquei ele para estar me auxiliando é e um aluno que tenta escapar de tudo o que forma, deixa eu ir no banheiro, deixa eu beber água e toda hora ele quer dar uma escapada. Eu falo eu colocando ele para dar a aula para me ajudar, auxiliar dando a aula ele não vai ter como ele dar está escapada né, então eu expliquei tomar água todos aqui vão tomar, assim que terminar a aula, só que eu vou te deixar agora, porque você sabe que o combinado é terminar a aula, ai todo mundo vai tomar água, tia Marisley deixa dois de cada vez ir no bebedouro e voltar, e eu vou deixar você ir primeiro, você não precisa se preocupar, você não vai sentir muita sede, quando chegar na sala de aula eu vou liberar você, principalmente porque você e o professor auxiliar né, professor auxiliar pode estar indo na frente, depois liberamos os outros alunos, então foi super interessante, uma aula muito boa, eu acho que abra também é a observação dos outros professores né, analisar e pensar é mesmo né, eu posso estar usando este aluno para coisas, não só (Maria – com certeza); tudo manda para diretoria, manda para supervisora, vai ficando muito cansativo para o aluno isto, eu acho assim eu acho assim tem que mandar sim no caso para a supervisão, as um caso assim bateu no colega machucou, deixou uma marca uma coisa sim mas seria né, para estar conversando, você o aluno a supervisora vamos conversar e agora como a gente vai agir, vou estar passando um bilhete na agenda tudo para estar resolvendo aquilo ali junto.

7 – Mas não a todo momento senão né.

3 – Mas não a todo momento, porque toda aula, toda aula que eu estava na escola, este aluno tava lá, toda aula este aluno tava lá.

M. – Em relação ao aluno é interessante pensar em propostas que realmente até mesmo a linguagem cinematográfica né, questões que atinge o aluno, o interesse dele, a Gloria e a Edineia querem falar alguma coisa referente a questão dois.

4 – Já falaram tudo o que tinha que falar. (Risos)

5 – Eu lembrei lá na creche, a gente, outro dia eu coloquei os meninos tudo num círculo, tava no chão e coloquei vários livros, lá dá um livro para cada criança contar a história do jeito dele, eu li o título da história ai a criança ia passando a folha, eles iam vendo os personagens eles vai contando a história.

2 – Olha que legal.

5 – E eles contam direitinho, ai os meninos fica assim, mas tia os meninos não faz como (inaudível), como contar a história, é isto acontece com a gente, vocês estão contando a história e vocês não querem ouvir.

3 – Isto ajuda bastante na disciplina.

5 – Eles contam e sai cada história.

3 – Estar no lugar do outro né, é muito importante.

7 – De assumir o papel social do adulto.

3 – Exatamente.

M. – A terceira questão ai está perguntando assim:

### **3- De que forma, você acha que esta nova norma vai facilitar o ensino?**

A questão do cinema na escola da linguagem cinematográfica, que mudança realmente vai propor ai vai ocorrer no ensino.

1 – Na minha opinião, se for planejado, pensar em todos aqueles itens que eu já mencionei vai atingir de uma forma bem satisfatória, como você disse né, todos gostam de filmes.

3 – Pois é.

1 – Nós gostamos né, das imagens, dos efeitos, da música, de tudo, tudo é envolvente, então mas requer né, o planejamento, planejamento do que nós vamos fazer.

3 – Exatamente é isto que está precisando.

1 – É elencar aquilo com aquilo que você está trabalhando o dia-a-dia para ele perceber a importância a relevância daquilo né, ele as vezes não vai ter, por exemplo na educação infantil não tem esta maturidade mas ele vai perceber a importância daquilo, que nós tenhamos em mente qual a importância disso na formação do meu aluno né, pensar na formação dele, isto tem que estar bem claro para o educador, do professor responsável né, pelo desenvolvimento das atividades ali.

3 – O importante que a gente percebe muito é igual as atividades que eu trabalho na questão da Educação Física, a atividade que eu trabalho as vezes as mães falam oh, aquelas atividades à que você estava ensinando rolamento para frente, ponde ah, ginastica Olímpica, ah ele faz tudo o que ele faz na sua aula ele passa e ele quer que eu faça junto com ele, ele me ensina, me explica é tem muitas mães assim que chega e pergunta o que você fez na aula, e na aula de Educação Física, e na aula com a professora de sala de aula sabe, a mãe que conversa com ele é importante e ele passa direitinho o que foi ensinado né, é tudo. Eu acho que nesta questão de estar trabalhando o filme e tudo eu acho que ele vai estar passando esta importância para os pais, e eu acho que vai estar ajudando nesta questão dos pais estarem repensando também, o filme que vai estar passando em casa e caso né, este filme é interessante é relevante tem alguma coisa que vai estar ajudando para não estar passando tanto filme de adultos, tanta coisa de violência, eu acho é o que a gente vê muito no recreio aluno lutando é muita luta e coisa, se você vai trabalhar por exemplo, coordenação motora fina, tonicidade, com com os

brinquedinhos com as pecinhas do lego, o que que a maioria quer fazer, arma-arma só sai arma. Aí o que você vê disso, na escola a gente não estimula né, não passa nada, não tem nenhum filme algum filme ligado a violência, desenho, desenho a gente procura estar observando, desenhos que seja mais educativos né, que trabalho os numerais as letrinhas o analfabeto, tudo coisa mais educativa e o que a gente está trabalhando na escola, quando chegar a passar alguma coisa educativa né, tem acontece sim de passar alguma coisa que não está planejado né, as vezes os alunos traz um DVD de casa e passou, as eu acho que tem que tomar cuidado com isto também, porque tem que ser uma coisa que o professor trouxe, como igual você falou tem que estar planejado e tem que ter um objetivo, porque o aluno trazer aí tá normalmente quando você pede para o aluno estar trazendo é, as professoras fala traz um filminho que ai, no finalzinho a gente passa, e ai ele leva normalmente e estes filmes, estes filminhos “A tartaruga Ninja” e coisa mais e luta, luta e luta e isto vai estar estimulando o aluno a lutar a brigar isto não é interessante, eu acho que a gente estar passando um desenho um filme com objetivo, a gente está estimulando o raciocínio, passando para o aluno o que é importante qual a mensagem ele vai estar conversando com a mãe com o Pai com o pessoal da família eles vão estar pensando mas nossa pera ai, o que a escola está passando, está trazendo uma mensagem tão interessante que eu estou ouvindo aqui, e o que eu estou mostrando para ela, para meu filho aqui em casa né, eu acho que ajuda e nas reuniões de pais eu acho importante destacar.

M. – Estar destacando.

3 – Estar destacando com os pais oh, com a família, olha a gente está trabalhando, isto, isto e isto e trazendo mensagem a este, e este respeito, que é importante é tudo para estar levando os pais a pensar e estar pedindo os pais também para eles estar passando alguma coisa assim mas infantil né, e que tenha uma mensagem interessante que vai acrescentar alguma coisa para a criança fique mais agitada, mas violenta né, é não é isto que a gente este precisando nas escolar né, um palavriado grosseiro né que as vezes, ou viu no filme de adulto né, as vezes o aluno está falando.

6 – Mas não é só de adulto não, os desenhos infantil está tendo muito.

2 – Muita violência

3 – Também é verdade.

6 – Não está tendo muito escolha assim.

3 – Tem que observar o desenho que vai passar sim,

2 – O professor tem que selecionar.

3 – Tem muito desenho que estimula a violência a questão do Pica-Pau né, que você estava falando né, (aula sobre “Elementos para análise de desenho animado – 4º aula do curso), a questão ambiental dos primeiros filmes nossa.

6 – Mostra filmes destruindo regiões inteiras, aquilo como se fosse uma coisa natural né, de comportamento.

3 – Isto não é interessante para o aluno, você vê, que a gente planta, plantou várias árvores né agora, quase nenhuma foi para frente, porque quando a criança via que a árvore, a árvore tava criando uma certa altura ai, eles iam lá dependurava e destruía a árvore. Então é a questão né, o que é que está fazendo isto acontecer, Pica-Pau é um desenho que a meninada ama de paixão, né.

2 – para eles é dez de luta.

6 – Agora este desenho da Pepa né, ela chama o pai de bobão, eu acho aquele desenho tão  
Cursistas – Ele (desenho da Pepa), tá muito famoso.

7 – Pois é.

4 – Ele é muito famoso.

2– È camiseta da Peppa, é bichinho da Peppa, é tudo da Peppa e joguinho né.

M. – É aquela questão que nós falamos ne, só consumismo.

Cursistas – pois é.

1 – Eu acho, que acho a gente, eu estava pensando aqui, da mesma forma que este momento formativo é importante para nós, até ter este olhar diferenciado quem está na escola e não está participando deste momento por exemplo no curso, não está tendo esta formação, não está tendo esta oportunidade de mudar esta visão esta concepção né, de ver a importância da linguagem cinematográfica, de repente criar na escola mesmo que comece com um grupo menor de pais né, em um determinado dia, quem sabe passar um filme também né, numa reunião de pais, pelo menos um clipe alguma coisa e começar a desenvolver esta cultura.

3 – Seria interessante.

7- Desenvolver este olhar né.

1 – É mudar ver com a comunidade com os pais, porque muitas vezes a gente quer e espera algo deles que eles não têm o que oferecer, dá mesma forma que nós as vezes não temos este conhecimento.

3 – Exatamente.

1 – Tão aprofundado os pais também, então se a gente não oferecer esta oportunidade para eles lá em casa, eles poderão as vezes ajudar né, não deixar o filho assistir isto colaborar no que der.

6 – Em toda reunião de pais eu sempre peço para ter muito cuidado com que o filho está assistindo, que as vezes eles estão tão cansados que deixa eles tão a vontade na televisão e o computador que vai fazer uma janta, vai lavar um roupa é quando o filho está quieto em frente dá televisão para eles está bom, mas eles tem que policiar o que os filhos estão vendo e muitas vezes é e tá a gente as vezes no caso está fazendo as coisas e a hora que você vê e, igual eu peguei meu menino, meu menino de 7 anos, tá o pai dele pois um joguinho, para ele e educativo de palavras cruzadas de pergunta está coisas assim né, ai ele sai do dele, que ele tem sete o irmão meu filho mais velho tem 20, ai ele entrou lá só que o jogo dele é diferente, jogo para ele de 20 anos né, ele entrou lá no jogo dele e tava jogando ai, eu passei assim olhei vi que não estava no jogo dele olhei assim reparei a animação dele e ele estava xingando o cara mandando ele lá para aquele lugar, eu não acredito, eu não ensinei isto para você, ai eu chamei o Pai dele, pois de computador assim eu não entendo muito não, mas o pai dele como é programador e não adianta ele esconder porque ele acha ai ele tirou tirou ele cortou fez uma pasta porque ele estava xingando os caras que tava matando ele, falei meu filho você nem conhece quem você está xigando as vezes é uma menina (risos), a gente mesmo, a gente fica meio relapsa neste sentido de policiar direito ai o computador fica lá assim entre a sala e a cozinha, ai eu passo para lá e vejo, passo para lá vejo então é uma forma de a gente ver, O mais velho também, eu falo para ele você pode ver suas coisas depois que seu irmão dormir ai ele chega da faculdade meia noite, ai ele fica no computador, então antes disso ele não tem direito, eu falo para ele que você não tem direito, porque quando você era pequeno você não tinha este direito né, de ver quando começava uma coisa assim na televisão uma cena ou um tipo de conversa, o pai dele já estava com o controle na mão, ai ele começava a tirar. Mas agora este mais novo ele é muito esperto este menino a diferença (inaudível) dele é a época, a época deste meninos de 20 poucos anos é diferente dos meninos de hoje, conforme você acha que está indo ele está ensinando coisas.

M. – eles aprendem muito rápido estás questões da tecnologia.



3 – Nossa eles dominam o computador muito mas bem além que os adultos muito além.

6 - Estou pensando assim esta adequação aqui do cinema direto para a sala de aula eu acho que a gente primeiro tem que ter assim mais curso, mas formação porque as vezes tem pessoas que não, não sabe lidar com o computador né, é difícil para ela agora, para ela se ambientar dentro do cinema e trabalhar isto, eu acho que vai ter mais curso e ou alguma outra coisa, um evento alguma coisa para a gente estar absorvendo isto, para estar passando e os professores estar fazendo também este tipo de curso para a gente estar assim atualizando aprendendo que só falar não adianta a gente, tem que aprender, aprender para a gente estar passando e elas também que aprender né, passar porque também não sou exper em computador não, apanho bastante, assim na área de cinema a gente tem que aprender primeiro, em cursos em relatos em congressos, sabe bem tipo assim eles fazem o planejamento lá na prefeitura manda a gente trabalhar em cima, muitas vezes a gente faz isto, né, dentro das matrizes curriculares, tem um pouco disso também, se está dentro da lei aqui, pus a lei aqui estou sem óculos 13..

M. – Lei 13006

6 – Então ela tem que estar inserido dentro do planejamento curricular e as matrizes curriculares, para a gente estar desenvolvendo em cima de cada área do conhecimento falta muito ainda para gente, eu acho que vai demorar um pouquinho para gente e..

2 – Estruturar

6 – Estruturar, estruturar salas estruturar professores, estruturar a gente mesmo primeiro, para estar passando, eu acho que falta muito não só..

2 – Porque dar, formação continuada para os pais, porque parecer que na Escola São Judas, parece que deu um ponta pé inicial ai, na Formação Continuada para os pais que nesta formação, poderia ser citado também não só sobre e questão do cinema mas outras questões do nosso dia-a-dia, não? Outros pontos relevantes disciplina por exemplo.

6 – Nossa, nem fala.

2 – Do cinema da disciplina, outros pontos, questão de responsabilidade.

6 – Mas isto para os pais a gente dá, bate na tecla, eu falo educação a gente dá, o respeito e..  
Cursistas – Educação de base né.

6 – É a básica vem de casa eu sempre falo né Edinéia, o básico vem do berço, educação lê e escrever, ensinar a criança ter respeito, valorizar as coisas que ela tem isto a gente auxilia os pais, mas muita coisa eles deixam levantam, e deixa o menino dormindo lá na creche ai sai 17hs da tarde, ai chega em casa eles não querem muito comprometimento muito com a criança. Eles acham que a gente não é professor, a gente não é diretor, eles eu acho assim, que eles veem muito o lado da gente, para os pais se deixar tratar os professores como babá dos filhos dele babá, não e professor é babá. Se deixar eles multam em cima estou mentindo.

7 – É cobrança, né.

6 – É cobrança eles os que mais cobram e os que menos fazem, para lidar.

7- Eu acho que uma coisa importante da gente acrescentar, que elas já disseram, é que eu vejo assim, que a essencialidade a importância desta proposta, eu acho que está no fato assim, que ela possibilita uma ampliação né, uma ampliação nossa, porque as vezes nós não temos este subsidio não só de manusear o equipamento o computador, mas uma ampliação assim e, e de âmbito cultural mesmo, porque as vezes a gente costuma dizer que criança só gosta de desenho, só gosta desenho porque ela

não tem acesso a outras formas de cultura por exemplo um musical e vocês as crianças adoram musicais.

Cursista – Frozen

7- Sabe que é uma coisa assim diferenciada, as vezes nem nós professores temos acesso a outras formas.

M. - De Linguagem

7- Outras formas elaboradas nós não temos e a gente precisa buscar, a gente precisa ter, e as crianças também precisam, porque costuma dizer que a criança só gosta de desenho só gosta de Funk porque ela não tem acesso a outro tipo de música.

3 – Exatamente.

7 – Ela só gosta de desenho porque e só isto que ela vê, então se eu tiver a possibilidade de levar ela - a amplitude a gama cultural -, que ela que nós temos, eu acredito que que nós temos condições de desenvolver muitas coisas, mas são coisas que as vezes até a gente realmente precisa, aí quando você fala da questão dos professores precisam ser preparados eu acredito que seja também nesta questão de ter acesso.

6 – Acesso.

M. – Acesso de forma mais fácil, né.

6 – Acesso a esta diversidade cultural, e que o cinema que é uma linguagem cinematográfica pode possibilitar.

M. – Meninas querem falar mais alguma coisa sobre a questão três.  
Então, a gente está avançando na hora,

Cursistas – A hora está em cima né.

M. – É então vamos tentar, a 4 a gente de certa forma nós falamos.

4 – Nós falamos

M. – **Mas vocês querem falar mais alguma coisa sobre a questão 4 – “Quais serão as dificuldades para desenvolver esta proposta na escola?”**

Eu acho que já colocou, né.

6 – Eu acho que a 3 a 4 e a 5, eu acho que nós já abordamos.

M. – Já abordou né, esta parte, então vamos para a **6 – “Qual a visão que os pais teriam sobre esta nova forma de ensino aprendizagem. O que dirão os pais que apreciam e que dirão os pais que não apreciam?”**

Porque tem pais que já é envolvido nesta dinâmica né, já tem uma boa formação cultural né.

6 – A maioria.

4 – Mas igual ela falou aqui tem muitos pais que não tem cultura se falar que está passando filmes para as crianças na escola, vai falar assim que está perdendo tempo da criança, a criança vai para estudar num é tem pai que não aceita, as tem uns que são mais envolvidos é bom para o desenvolvimento da criança, mas tem muito que não aceita.

7- Mas ela colocou uma coisa que eu acho importante a criança ela leva para casa aquilo que ela vivencia na escola, então é uma oportunidade dela levar para casa algo diferente, algo que ela viu e que gostou e talvez o Pai e a família não tenha conhecimento, ai via pensar poxa né, ele viu isto na escola, então quer dizer, eu acho

6 – Eu acho que os pais tipo assim, se a gente tiver a formação, tiver a ferramenta né, tiver tudo né passar a trabalhar o cinematográfico, igual assim, tipo assim, é em reunião as vezes que eu faço como pais né, as vezes eu passo um Slide, do que os meninos está produzindo na creche na sala de aula tem cadeiras, trabalhinho né, a gente passa lá eles ficam extasiados de ver o filho fazendo aquilo né, então eu acho que que eles a gente trazendo eles para o nosso lado e mostrando tipo assim, numa reunião uma coisa assim do gênero, uma data comemorativa eu eu acho que teria uma boa aceitação mesmo aqueles que não tenha é uma cultura que tem vários pais lá na creche que eu sei que eles avó que cuida da criança que analfabeto né, mesmo assim eu acho vendo eles tem que vê, para poder eu acho para os olhos encher né, para poder eu acho que sim.

7 – Não é que uma cultura é superior a outra.

M. – Os pais têm que ter aceitação, né, os pais também de certa forma também tem que esta sendo, envolvido na dinâmica né.

6 – Assim eu sempre faço um slide alguma coisa com os meninos, porque muitos pais vão de van, as vezes você nem conhece eles, as vezes em uma reunião quando vai, então eles ficam empolgados, né.

3 – Não sei se tem muito a ver mas, a questão de conversar com os pais trazer os pais, eu queria falar uma coisa que eu acho que acontece muito, eu vejo acontecer o que distância muitos pais da escola e, e você chegar par ao pai ou para mãe, e falar Oh, o seu filho está com problema de disciplina, esta deste e deste jeito, não está obedecendo tá-tá-tá, tem que ser feito sim chegar estar passando né, mas eu acho passando assim ôh, vamos falar da parte positiva primeiro né, é um menino super inteligente né, estar assim deste jeito, ele é inteligente, ele desenvolve rápido as coisas, só que na questão de obedecer de aceitar regras, está muito complicado e eu preciso de sua ajuda em casa e que faz distanciar, não é você chegar e pedir ajuda dos pais não e você toda vez que você chamar os pais e só não criticar, e só para falar que o aluno está assim que o aluno está assado, porque ele faz bagunça demais, porque ele só sabe bater nos coleguinhas sabe, isto, eu já vi uma mãe falando eu não vou mais na escola quando me chama lá, porque eu sei que sempre, sempre que eu fui lá, e para falar que ele está assim que ele está difícil, que ele está não sei o que nunca foi chamado para estar elogiando. Porque chamar porque está com problema de disciplina deve ser chamado né, realça o ponto positivo o que está interessante o que né, a parte positiva o que ele está desenvolvendo tudo direitinho passa para os pais e depois você faz a critica, ôh, neste ponto ele está precisando ele não está concentrando ele está muito agitado né, o que você pode estar me ajudando se o pai não caso a mão não, falar eu não estou achando solução eu não sei mas o que eu faço, tenta conversar e dar uma dica. Porque eu como professora de educação física, falei ôh, o seu filho é muito inteligente, parte motora questão cognitiva não tem o que reclamar, agora eu estou notando que ele, que ele começa fazer uma tarefinha de repente ele já quer passar para outra, não consegue concentrar muito tempo ele está muito agitado, não consegue esperar a vez para fazer alguma coisa é atividade e porque eu tirei este aluno de sala de aula, dois alunos de sala de aula no momento para fazer uma atividade extra, para estar observando dois alunos, todos os dois muito inteligente não conseguia esperar a vez, desobedecendo demais da conta e eu percebi que eles não finalizaram a tarefa, ele começava a fazer um exercício aqui, ali ele passava para o de baixo, ai ele parava no meio do caminho e já passava para o outro, ai eu falei para a mãe, eu acho se você já tem alguma atividade extra para estar trabalhando está concentração, este relaxamento, para que ele fique mais calmo, mais tranquilo, ah, eu estava levando ele na natação, é estava ótimo, mas só que agora por questão financeira, não está tendo jeito mas de estar pagando a natação para ele, então eu acho que ele está mas agitado, está mas assim, ele está mas.

7 – A partir do momento que a gente conseguir fazer com que a nossa escola seja um espaço interessante um espaço que a criança veja o sentido, veja o significado e tenha o prazer em estar eu

acho que a gene consegue mudar muitas destas questões que imagina você por uma criança de cinco anos sentada copiando alguma coisa, que não tenha sentido que não tenha significado para ela e querer que ela se concentre, que ela se interesse, então é meio, meio complicado é meio difícil, então assim é por isto que eu vejo aqui uma grande oportunidade, uma grande proposta bem significativa para nos ajudar nestas questões é entendeu.

3 – Ai eu pensei e eu falei assim ôh, você não pode estar pagando uma natação, faz um passeio, alguma coisa né, faz uma caminhada, vai passear na pracinha, ai a mãe, a mãe chegou depois de alguns dias e falou e agora, eu vou te falar que notei melhora nele demais e eu quero saber o que a Sra. Fez com ele em casa, porque ele não estar tão agitado mas, ele não está tão agitado mas, ele está mais concentrado está obedecendo muito mas e o que você me diz, ai ela falou assim, eu usei um negocio que deu muito certo, e um quadro, um quadro de pontos, eu tenho quadro de pontos tudo que eu cheguei na escola, a professora falou hoje está bom, está obediente está fazendo as tarefas direitinhos né, ai chega em casa ai falou então você ganhou tantos pontos né, é tudo obedecendo em casa, ela o pai tudo, ai vai ganhar ponto, quando chega um número X de pontos ele ganha um passeio, olha hoje nós vamos passear, vamos no shopping ou na pracinha né, hoje nos estamos indo em tal lugar porque você está agindo é de forma correta né, está fazendo as coisas certinhas, está obedecendo o papai a mamãe, está cumprindo sim obrigações direitinho na escola, então por isto nos vamos fazendo este passeio, então ela está fazendo esta troca.

7 – Uma recompensa.

3 – É a recompensa, então o eu falei é o seguinte, muito professor só reclama, depois quando o aluno melhora ela esquece de chamar ou conversar tem alguns pais que, busca na escola, mas a maioria vai de (inaudível), isto complica um pouco, mas os pais que buscam tem mais facilidade para gente, hora que o pai e a mãe chega, para você dar aquela conversadinha rápida né, eu acho importante não só chamar para falar ôh, tá difícil me ajuda mas ai quando melhora mostrar os pontos positivos.

7 – Mostrar os positivos.

3 – agora melhorou né, então passar se melhorou né, passar para mãe ôh foi muito boa sua ajuda vamos continuar assim, uma ajudando a outra né, e neste caso deste aluno eu também tava conversando com a mãe, a respeito do lanche, ela tava mandando o lanche, e o filho dela não estava comendo o lanche, nem o da escola, nem a fruta que a escola oferece, eu falei assim ôh, ele está ficando um espaço de tempo muito grande sem comer ele comeu o pão que você mandou um pedacinho deste tamanhinho, não comeu o lanche da escola, ele não come o lanche da escola, nem fruta nem nada. A mas ele toma muito leite em casa, ele faz um lanche bem reforçado, mas mesmo assim, ele pode estar adquirindo uma hipoglicemia né, e várias outras coisas né, uns problemas de saúde, pelo fato de ele ficar tanto tempo sem comer.

6 – Isto aconteceu com um aluno lá na creche, nós estávamos achando que o menino estava com problema cardíaco, ele estava tendo crise de hipoglicemia porque ele não comia em casa e lá creche só beliscava, aí quando fazia uma atividade física.

M. – Só fechando a questão, só fechando a questão, só voltar para a seis para a gente tentar fechar a seis, para gente ir para as outras. Então quem não falou e quiser falar agora, realmente o que os pais achariam desta proposta de ensino-aprendizagem do cinema na escola de forma mais intensiva dos pais que apreciam e dos pais que não apreciam. Tem pai que já é envolvido nesta dinâmica assiste filmes junto com os filhos, então, o que vocês achariam que os pais, deste contato que vocês têm com os pais, o que eles achariam desta proposta, podemos fechar esta questão.

3 – Eu acho se tiver uma conversa com os pais antes uma reunião passar sobre está mudança, que vai ter na escola tudo direitinho, se mostrar o objetivo, a importância deste trabalho para os pais, eu acho que vai ser muito bem recebido, agora se simplesmente lançar assim, eu acho que eles vão achar assim que vai ser um momento só para descansar, extravasar um pouquinho, é o mesmo que acontece

as vezes, que coloca para a criança descansar um pouco um momento prazeroso mas que não vai ter tanta, eu acho que eles não vão estar observando a importância daquilo né, como parte pedagógica mesmo. Para ter uma aceitação interessante, uma boa aceitação, eu acho que teria estar conversando com os pais primeiro.

M.– Estar expondo esta nova proposta pedagógica.

3 – Ai eu acho que ai sim.

M. – Garotas querem fazer mas algum comentário.

1 – Na minha opinião eu gosto de vivenciar, eu acho que além de falar, para desenvolver a sensibilidade no outro, o outro precisa vivenciar perceber a importância daquilo só é significativo para mim quando eu vivencio, eu vivencio aquela experiência, a experiência ela é muito comum a gente falar que socializar com o outro, na minha opinião e pelas leituras a experiência e algo único, eu vivi está experiência assistindo este filme, o outro vai viver outra experiência que vai ser única assistindo este mesmo filme. Eu acho que a gente precisa criar na escola, segundo a lei, a gente precisa ampliar isto não vai ficar restrito ali, se o objetivo é ampliar então cabe a escola, nos que somos educadores que temos está formação está visão pelo menos estamos caminhando cada dia para aprimorar mais desenvolver este lado, esta sensibilidade, criar momentos na escola para que eles também possam vivenciar isto, a partir do momento que eu amplio isto, eu estou ampliando a visão né, cultural, como ela disse muito bem, não tem menos ou mais as vezes é a falta de experiência a falta de vivência.

6 – de oportunidades.

1 – De oportunidade, da mesma forma em que as vezes alguém fala, comenta por exemplo hoje, descobri recentemente meu menino tem um PS3, quando conecta lá no you tube eu assisto filme lá, sentada no meu sofá e só vai clicando, a eu quero este filme e assisto, então sábado, domingo e feriado eu assisto vários, vários filmes não precisa locar, não tenho gasto nenhum e na minha casa com internet, you tube eu assisto pela TV, então quer dizer as vezes o Pai tem o equipamento em casa, então a gente pode criar alguma alternativa na Escola pelo menos uma vez por mês né, começar por um grupo menor para desenvolver criar momentos e para ele ter esta oportunidades desta vivência né, se a gente quer ampliar isto, quer estender para os lares, porque a criança vai falar, mas quando a gente vivência torna-se mais significativo, marcante né.

M. – Ele vai valorizar porque vivenciou né, 5, 2, querem falar alguma coisa em relação a isto, não.

### **Então a 7 – “Que tipo de filme deve predominar neste novo contexto? Por que?”**

Porque vocês acham que tipo de filme deve predominar neste contexto escolar.

7– A maior diversidade de gêneros culturais possíveis né, eu acho que científico, literário, musical, documentários, teatral, imagina as vezes tem criança que nunca viu e assistiu uma ópera, então eu imagino que a gente tem que levar uma maior diversidade que a gente puder, porque talvez seja ali naquele momento que ele vai ter o primeiro contato, que vai ser oportunizado este contato inicial.

1 – E na aprendizagem que a gente vai oportunizar que a gente sabe que tem alunos que são visuais, tem alunos que são auditivos e sinestésicos né, e o filme possibilita atender toda está diversidade ai né, e outras habilidades ai né, que os autores destacam, eu acredito que nós vamos colaborar muito.

M. – Garotas para vocês que tipo de filme poderia predominar neste contexto, que tipo que gênero.

1 – Eu acho que tem que ter uma diversidade, comédia, drama, épico.

6 – Tem que ter as oportunidades, quer dizer a gente começa a trabalhar a partir do momento que a gente começa a trabalhar, a gente vai vivenciando aquilo a gente vai vendo o gosto da criança também.

2 – A partir também pode descobrir outras possibilidades que ela oferece né, mais perceptivo opa de repente ele, ele tem mais uma visão pelo lado, pela questão artística, outra mais musical, a partir dali você pode descobrir outras potencialidades que ele oferece.

6 – trabalhar bem a linguagem que um todo (inaudíveis vozes sobrepostas).

2 – De uma variedade pode-se tirar né, o potencial dele, que as vezes a gente não tem este olhar assim né, pela correria mas de repente opa, naquele momento, ele tem mais percepção para, ali eu descobrir que ele tem uma certo potencial dele para música, para as artes, um teatro uma coisa mais.

7 – Por isso ele precisa ter acesso, a diversas obras.

3 – Realmente.

M. – Mais algum comentário meninas referente a questão 7, meninas não. Podemos ir para questão 8 - “O cinema como linguagem vai ser melhor compreendido pelo cidadão comum de que maneira?

Extrapolando, ai como vocês acham que está linguagem vai atingir o cidadão comum a gente utilizando está metodologia, procurando envolver a comunidade escolar, como vocês falaram os pais aí, né.

6 – Assim a gente tem que trabalhar e vivenciar, igual ela falou, tipo assim um dia, num mês marcar um filme com os pais né, com a comunidade em volta da instituição que a gente trabalha, para a gente vivenciar.

M. – Ter espaços adequados né, para exibição e para está discussão também né, não apenas, assistir por assistir, mas propiciar momento de troca ali.

6 – Igual comigo, a gente é encontros que as pessoas fazem para discutir livros né, então vamos discutir o cinema.

1 – Poderia ter um local para a gente atingir um público maior, com todo equipamento né, local para sentar ar condicionado (risos).

Cursistas – Vamos sonhar (risos)

6 – Quem sabe um dia vai ser.

1 – Igual aquelas imagem que nós vimos ali né, 3D, (as luzes do cinema apagar-risos)

6 – Eu tenho assim, um sobrinho né, que eles moravam em Portugal, com este recessão brava que teve lá, eles vieram embora para cá, ai lá eles não usam cadernos né, eles já usa o computador eles já entra na escola e já ganha e cada um tem o seu Notebook, cada um tem o seu material, lá eles não usa lápis, caderno, lá eles não tem isto. Então quando eles venho para cá foi um choque cultural muito grande ai, eles foram dois né, porque o outro já estava assim com dois anos, para os mais velhos para eles foi um choque cultural muito grande, sair de um país, né, como diz eles falava francês, não conhecia nada de português, e perdeu tudo que tinha, porque até lojas eles tinham e veio para cá, para estudar no município, eles estavam perdidos até se adaptarem, a língua a tudo agora que eles estão indo, mais é um choque né, muito grande a gente não vê tanto porque a gente conseguiu chegar neles ainda, mas um dia quem sabe, nos vamos bater viela né, quem sabe.

M. – A gente vai visualizar este cenário né, querem posicionar meninas.

1 – É podia ter né, é na quarta-feira que é mais barato né, podia ser um dia da semana gratuito né, ninguém pagava nada né, uma parceria da prefeitura.

M. – Os espaços que tinha a cidade de cinema né, espaços grandes como São Luís né, Metrópole.

6 – Mas acho assim no Cine Vera Cruz, de vez em quando passou filme né.

M. – Tinha um projeto.

6 – Tinha um projeto, que levava as crianças para assistir filme lá.

M. – A questão hoje e vocês pensarem e o seguinte, vamos pensar em uma dimensão porque, se você tem um ensino, uma formação específica né, que vai caminhando também com este indivíduo quando ele atingir uma idade adulta ele vai ter uma formação cultural melhor.

1 – É verdade é?

M. – É entendeu é a compreensão do cidadão, depois aí da sua formação.

6 – Isto é muito bom.

M. – Isto vai estar inserido num contexto dele, porque ele passou por este processo formativo, não só formativo mas de acesso né, a está questão cultural.

6 – Passa a gostar né, igual eu tenho uma funcionária lá que ela foi minha aluna quando ela era pequena, que é a K., ela foi minha aluna, está lá junto comigo, aí quando ela venho assim, eu falei sabe quando você fica meio assim, porque são poucas que vem para este lado do magistério da pedagogia né, e a gente fica assim muito feliz (inaudível), passou uma menina a B., aí eu perguntei da mãe dela, aí ela venho me falar ela deve ter assim uns 16 anos agora, aí ela falou a minha mãe foi para roça, mas eu estou aqui com minha irmã uai, mas você está sozinha, aí ela falou assim estou, aí eu perguntei da avó dela, como se fosse vó dela mas não é vó dela não, aí ela falou assim não ela mora numa casa e assim e eu moro mais para abaixo eu e minha irmã, aí eu perguntei o que você está fazendo? Ai, ela falou trabalhando, eu trabalho na feira levanto as 5 horas da manhã, aí eu falei nossa mas você não parou de estudar não, não tia não parei de estudar não; e vou estudar eu vou ser professora; aí eu falei que bom quando você quiser você pode vir aqui.

M. – Isto mesmo, porque foi um reflexo que ficou né, interessante, mas alguma proposição da questão 8.

Cursistas – Não.

M. – Podemos ir para a última “Para você quais os desdobramentos em nível local, regional e nacional desta nova norma e também de curto, médio e longo prazo?”

Porque isto vai ter uma mudança em cadeia né, então o que seria né, em nível local, regional e nacional e de médio, longo e curto prazo, quais as mudanças que vocês acham que ocorreriam.

6 – Eu acho assim não, eu penso assim é como é uma lei e eles colocaram isto então eu acho que é de cima para baixo, eles soltaram a lei e as condições né, aí tem que vir né, eles estão com isto como um projeto como que vai ser inserido no currículo das crianças tem que ter ferramenta, então eu acho que tem que ter toda uma, abranger o currículo né, as matrizes, não sei se eles vão formular ela ou não, porque me parece que eu li, parece que não está inserido né, está não né, eu li todas de 0 a 5 anos, até de 0 a 5 anos eu creio que está lei, não entrou em vigor agora nestas matrizes, que este ano mudou as matrizes. Agora no ensino fundamental, não sei se está inserido o cinema, aí já não é da minha alçada, assim porque do ensino fundamental eu já não sei falar. Eu acho assim, se é local, a gente começa e trabalhar igual a gente está falando aqui né, se é a médio e longo prazo e só o tempo que a gente vai

atingir, mas eu acho como sé e lei e uma normativa ainda, então ela tem que ser inserido nas matrizes curriculares e dá ferramentas né gente, dar ferramentas, salas tem que estruturar né, eu não sei agora se as próximas creches, escolas que eles vão fazer, já vão vir com estas adequações né, do espaço físico para estar atendendo a demanda do local.

Cursistas – Provavelmente né.

M. – Os espaços estão sendo adequados mas assim (risos), não posso falar se não eu não fecho.

1 – Que possa ser uma política que dê continuidade né, porque de repente muda o prefeito, muda os políticos e as vezes alguma coisa para né, fica só no papel, que possa os próximos governantes ai responsáveis pelas políticas públicas, possa dar continuidade condições para isto.

M. – Meninas, gostaria de ouvir vocês.

2 – A questão do envolvimento dos professores né, acho que falta ainda um envolvimento que o grupo assim abriu com tantas vagas né, poucas pessoas infelizmente tiveram está visão de vir participar é está dentro nosso contexto, porque por exemplo passar o filme do Pica-Pau, na nossa realidade da educação infantil não é correto e quantas vezes já foram passados, até eu já passei o Pica-Pau quando, ela (ministrante do curso), colocou isto aqui né, para nós aqui é uma realidade que está fora, para analisar, porque a gente não para analisar né, o personagem Pica-Pau né, e quando ela colocou e mesmo né, traz toda está coisa né, o porque não colocar não é mesmo, errar podemos errar mas assim está questão de ter esta visão que o, curso proporciona para gente é interessante.

6 – A gente pode até tipo assim, igual estávamos discutindo sobre os valores do menino, a agressividade dos meninos e em relação a sala de aula pode até pegar o filme do Pica-Pau e trabalhar em cima dele né, o comportamento do Pica-Pau.

M. – Os aspectos positivos, negativos.

6 – Perguntar se eles acham corretos.

2 – Levantar um questionamento uma reflexão a partir daí.

6 – Com as crianças vendo e a gente fazendo comentários né, eu acho.

3 – Fazendo uma crítica aí.

6 – Para ver se eles enxergam se isto aqui para eles é natural ou não, que tem certas crianças que aquilo lá para ele é natural, por causa da violência que acontece dentro de casa, então muitas vezes ele trata aquilo como natural ai eu falo né, mas não é o correto acontece isto uma criança que eu sei que o pai é violento com a mãe, a gente conversa muito com a criança, que aquilo não é o correto, e o que ele faz ele bate nos meninos né, (inaudível) a gente e conversa muito e explica e mostra que não é o correto, que o papai está fazendo com a mamãe é errada, porque não pode fazer aquilo né, ai eu falo com os meninos, ai quando o pai for bater fala, não papai, não ai aconteceu vários casos da mãe falar que quando os meninos pede, pede para o papai não fazer, porque não é certo, uns três casos assim que eu sei deu certo né, o pai parece estava assim a criança pediu, ai ele ficou refletindo né, ai parece que estava mudando (inaudível), fala pede o papai, fala por favor conversa com ele, pede segredo, coisa assim ai, ele interage com o Pai, as vezes também, (inaudível), acontece em casa.

M.– Mas alguma questão em relação a nove.

1 – Eu acho que na educação tudo acontece de uma forma lenta né, gradual eu acho que agente precisa de investir né, de cobrar de persistir né, porque é muito importante até mesmo assim este momento para gente quando a D., estava comentado pensar na cultura que nós estamos né, construindo é como



que este sujeito, este individuo este cidadão né, qual e a visão dele futuramente, qual e a nossa contribuição como educador na formação dele e futuramente como nós vamos contribuir trabalhando com está linguagem né, então olha a importância é para a nossa formação e o tamanho da responsabilidade que a gente precisa né, dos equipamentos da formação do espaço né, entre é minha coisa que a gente precisa, que não seja um momento de modismo, mas que seja um momento de iniciar e que a gente possa ter está continuidade ai para que possa realmente contribuir na formação desses cidadãos ai, que a gente possa fazer história e lembrar futuramente que eu contribui que neste ano eu estava trabalhando é contribuir na formação e ver o frutos disso por meio dos nossos netos, por meio dos nossos alunos né, como você disse interessante né, até ampliou minha visão quando você disse né, pensar a curto, médio e longo prazo, porque nós por exemplo não tivemos está oportunidade eu por exemplo não tive, hoje eu tenho a oportunidade de assistir e ir pela vivência né, pelo gosto, porque as vezes se for por exemplo uma apresentação musical dependo do valor muitas vezes eu tenho o dinheiro para ir né, mas se as gente criar estes espaços, estas oportunidades, favorece até para nós também né, para a comunidade interessante.

3 – Isto mesmo, as vezes o eu vejo que o professor fica muito envolvido com papel, escrever, planejar importantíssimo tem que ir planejada a aula, toda aula escrita, então eu acho que é muito serviço, principalmente para o regente de turma né, toda data comemorativa aquele tanto de coisa, aquele tanto de serviço para casa, eu acho que fica complicado, serviço da escola tem que dar atenção a família e ainda tem que sobrar tempo para estar observando está questão né, assistir um teatro um momento musical, alguma coisa assim fora é principalmente a questão financeira né, que não ajuda mesmo, além da questão financeira, mesmo que a gente estive ganhando muito bem, eu acho que o tempo também seria um obstáculo, porque está exigindo muito papel escrito, e muita, questão de muito planejamento, o planejamento, você vê passo duas pastas de RAP, fica parecendo duas vidas é muito serviço de escrever, e as vezes tem pouca prática e muito escrito, então as vezes é muito e o tempo que você está ali escrevendo tanta coisa, e as vezes não tem tanto sentido as vezes né, e eu acho que a gente poderia estar privilegiando assim é dar aquele Feedback por uma coisa, assim realmente interessante, uma coisa que marcou o desenvolvimento a dificuldade o que desenvolver, quem teve dificuldade fica uma coisa muito assim ah, só por obrigação, vamos, vamos escrever colorir é muito serviço para casa, é muito tempo que o professor fica envolvido com aquilo e não sobra tempo para mais nada. Eu acho que tinha que estar revendo a está questão do papel uma coisa que você joga no sistema, a mesma nota tudo a avaliação que você fez tem que estar jogando no sistema você tem, tem que passar na tem que colocar tudo o que você trabalhou os objetivos e todas as atividades que você trabalhou o primeiro bimestre todinho, alunos com dificuldade, fica uma coisa muito repetitiva, eu não estou falando, que não deve ser feito o planejamento, e nem estou dizendo que não deve ser colocado, e a dificuldade do aluno, o que você tirou daquela aula, qual o aluno que desenvolveu bem, qual aluno está com dificuldade, o aluno que é muito retraído né, tudo tem que ser colocado mas este negocio, lança a nota ali repete tudo na folha é, perfil inicial tem que ser amenizado como é o caso da educação física, equilíbrio, coordenação noção de espaço, esquema corporal, muita coisa coordenação motora fina tudo do aluno como ele entrou, como ele saiu e muita ficha e muita coisa para você né, acho que poderia falar oh, junta tudo e faz uma coisa só ou joga tudo no sistema né, mesmo que for aumentar mais as coisas que a gente for colocando lá, joga tudo no sistema, faz uma coisa única, junta tudo num lugar só em vez de ficar um tanto de ficha para uma coisa mas, um tanto de ficha para outra coisa e também lançar no sistema fica repetindo, repetindo muito as coisas, uma coisa que está aqui na ficha, repetiu novamente numa outra ficha, e repetiu novamente lá no sistema, a gente né, o sistema que gente tem o que lançar as notas, então fica e acho que toma muito tempo e quem é regente de turma ai, além de ter tudo isto, ainda tem mais atividade, quando são datas comemorativas elas ficam madrugadas, fiquei duas, três horas da manhã, a gente escuta elas conversando com a supervisora né para estar acabando de colar estar fazendo estas lembrancinhas por causa da data comemorativa e tudo eu acho que é muito serviço e muito cansativo.

M. – Vocês acham que a curto, médio e longo prazo deve ser pensar também nesta estrutura de organização do serviço pedagógico.

3 – Isto, para sobrar mais tempo para o professor estar, igual se não tiver dinheiro, entra numa internet tá olhando outras atividades, estudando mais a respeito mas tempo para estar estudando, mas tempo para estar vendo coisas novas diferenciada para estar trabalhando na escola, mas tempo para estar fazendo curso né, porque a cabeça vai estar mais tranquila mais descansada né, eu acho que a questão financeira não é tal assim aquela coisa é lógico que ajudaria, mas eu acho que o que mais está pegando e a questão do tempo e da eu acho se for estruturado de uma forma mais tranquila, vai ser feito o planejamento do mesmo jeito, fazendo o feedback do mesmo jeito, vai estar mostrando os alunos com dificuldade os que estão e os que não estão, vai ser feito tudo do mesmo jeito, só de uma forma mais enxuta, vai sobra muito mais tempo para tudo

M. – Só vou esperar a gente fechar está questão, depois eu quero lançar uma questão que não está aqui, para a gente fechar quem não falou quer estar expondo: 5, 4, 2, vou dar um prazo, 7 a gente está na última questão.

7 – Eu acho que toda proposta ela se constitui assim como um processo né, você inicia e fica difícil fazer uma previsão porque é algo processual, que dizer depende da maneira como que vai efetivar como vai concretizar levando em consideração tudo aquilo que a gente expos aqui, as nossas limitações e as nossas, é mais que se constitui como uma proposta inovadora com um grande potencial de trazer assim realmente enriquecimento para a, nossa prática, trazer um novo formato uma nova forma de atuação além das que nós já fazemos né, eu acho que com certeza, com certeza.

M. – Meninas, gostaria muito de agradecer a todas vocês por participarem desta técnica, algo que a gente pode estar trabalhando também com outros temas né que vocês podem trabalhar na escola. Eu gostaria que vocês falassem, com uma palavra como que foi o momento de hoje como uma forma de avaliação, depois eu quero fazer uma pergunta que não tem muito haver com isto aqui, que pelo que a 3 falou me atçou e a 2 me atçou a perguntar. Então com uma palavra o que vocês acham que foi este momento se foi positivo se não foi, se foi valido.

6 – Foi válido.

4 – Eu gostei, ainda mais com as falas das duas (1 e 7), parece que abriu mais para a gente trabalhar com criança na sala de aula, foi bom eu gostei muito, eu gostei bastante.

7- Então seria novas perspectivas.

3 – Eu acho que foi importante esta troca de experiência né, para mim eu vim no curso só, no curso passado este é o segundo dia, a gente fica um pouco perdido né, eu acho né, foi muito importante para estar ouvindo cada um e eu acho, e eu acho que aumenta um pouco assim, o campo de visão né, a gente começa a olhar por outros olhos, a gente pensa só na questão do filme, você já falou na questão musical, o teatro né, quer dizer foi abrindo mais né, o leque.

7 – Porque a tem aquele contexto de filme limitado né, filme é, só isto.

3 – Exatmete.

6 – Igual assim, num primeiro momento é pensando em menino pequeno, assusta num primeiro momento assusta, mas a gente conversando e abrindo né, eu acho que dá para trabalhar.

7 – E depois seria muito bom que vocês nos contassem, como que foi está experiência com as crianças que aqui tem várias idades, várias faixa etárias, seria muito bom né M.

M. – Com certeza ter este feedback . 2.

2- Trocamos experiência, assim o grupo abriu né, as possibilidades que a gente né, tem dentro da sala de aula que a gente pode oferecer para eles, os recursos que as vezes se tem e a televisão e o próprios

DVD selecionando aquele material que a gente queira passar eu acho que, a partir daí as novas e o nosso trabalho a partir de agora vai crescer e criar uma nova estrutura e eu acho que foi bem produtivo.

M. – Ai que bom, Edineia, sua avaliação deste momento, agora eu quero te ouvir (risos), falar,

5- Eu não só muito de falar, o que eu falei né , um conhecimento a mais né, até as amizades né, conhecer diferentes (inaudível) eu gostei bastante foi muito prazeroso estar aqui no grupo.

1 – Para mim, foi muito significativo é ampliou também a minha visão, eu gostaria de mais de momento assim, inclusive com oficinas para a gente assistir, para a gente pensar, planejar a atividade ir lá por em prática, trazer legal.

6 – Ter mais oficinas para a gente estar desenvolvendo.

M. – Com certeza né.

3 – Para a gente estaria colocando em prática e fazendo sempre um feedback, exatamente para gente.

M. – Como o curso transformou de forma, modular né, porque antes era um curso de 40 horas, então dava para você fazer muitas coisas, então você tem que ter pincelar um pouco né, para vocês conseguirem ter uma visão do todo né, e como o grupo começou um pouco picadinho, também isto deu uma dificultada. Mas a pergunta que eu quero encerrar que eu falei na sua fala 3, a questão da sobrecarga dos professores né, e a gente vê que tem poucos professores inscritos, não só neste curso mas em vários outros.

3 – Provavelmente, por causa desta sobrecarga.

M. – Então vocês acham que está sobrecarga dificulta né, a participação mais incisiva destes professores.

3 – Eu acho, o cansaço está falando mais alto.

4 – Ainda mais para quem trabalha em dois cargos de manhã e a tarde.

6 – O outro curso, que eu gostaria de fazer que eu dei uma olhada, parece que só tem de manhã e a tarde que é o de música, muita gente queira fazer este curso se fosse e a noite.

M. – Aí fica estas questões.

7 – Qual seria a sugestão de vocês, então diante desta problemática.

6 – Vocês conseguirem colocar este curso a noite para nós.

7 – É uma sugestão.

M. – Ter mais opções variadas de cursos no período da noite.

7 – Eu gostaria de fazer este curso de música.

3 – Eu me escrevi, só porque eu não dou aula na sexta de manhã, porque eu sou da Educação Física, se fosse uma regente de sala, já não poderia fazer. Normalmente regente de turma trabalha os dois turnos, porque não tem como sobreviver com o turno só, é impossível, totalmente impossível sobreviver trabalhando um turno só,

7- Além deste de musicalização parece que vocês se interessaram bem, que outras temáticas vocês acham que seria interessante.

6 – Olha eu acho que abordar mais os temas da Educação Infantil.

7- Mas assim que tipo de sugestão dentro da Educação Infantil vocês acham importante.

6 – Música, valores né, que a gente precisa trabalhar e, como muito tempo tirou está (inaudível), que tem que inserir ele dentro da área do conhecimento para as meninas (inaudível). Agora eu acho, que precisa né, uma aula de valores, que abrange todas as religiões porque a gente fala eu religião não é só uma religião são todas tipo assim uma prática, para a gente estar desenvolvendo isto dentro de sala de aula também, porque no nosso tempo tinha né.

Cursistas – O ensino religioso né.

Cursistas – Moral e cívica.

6 – eu vejo assim, quanto mais o tempo passa, menos as crianças e os pais das crianças, elas não estão tendo religião, uma formação evangélica, cristã parece assim que não tem religião mas os pais estas era de pais novos que eu falo que agora tem pais muito novos né, e eles não tem está preocupação, e eu acho que isto é, deixa as crianças também assim, desorientadas porque elas não tem aquele porque o pai e de igual para igual com o filho, de igual para igual, briga com o pai bate na avó, então parece que a mãe fica assim receosa de corrigir seu filho, eu vejo muito isto eles vem para nós e fala assim, eu não sei o que eu faço com ele.

M. – É complicado.

6 – É muito complicado, ai eu falo né, a Sra. dá conta sim, você não pode falar isto perto do seu filho, que você não dá conta dele, se você fala que é a mãe dele a progenitora dele, que não dá conta dele é ai como que a gente faz, a Sra. dá conta dele sim, eu falo assim dá conta sim.

7 – Tem que dar.

6 – Tem que dar.

7- Mas é na proposta de formação temas dentro do núcleo comum, a Filosofia da Rede e quando nós dizeres que trabalhamos uma educação humanizadora voltada exatamente para esta humanização da criança, como individuo, como um ser social. Então, dentro desta própria filosofia de certa forma nós estamos trabalhando a esta questão de valores alguém aqui já fez o Núcleo comum.

Cursistas – Ainda não.

7 – Então vocês vão ter a oportunidade de estar vendo, de estar discutindo um pouquinho desta questão de uma educação humanizadora, pois, está dentro da filosofia da Rede Municipal. Mas você vai dentro do núcleo comum da filosofia da Rede, perpassa todo este processo de ressignificação né, do papel do professor né, a gente vai estar vendo.

3 – Na F.C.S. a gente está vendo muito a respeito falando bem, somente em cima disso tudo está focando em cima do trabalho de professores em cima de valores.

6- Porque as vezes a gente se preocupa tanto com o cognitivo que esquece da essência que o humano né, ai trabalha a questão da criança e da sua humanização, porque nos não nascemos humano, nós nos tornamos humanos, né.

3 – Por exemplo, que passamos usar o conto né, o conto infantil possamos trabalhar valores, do conto infantil e daquele conto infantil você trabalhar os valores, inseridos lá.

6 – Exatamente.

3 – Eu acho super interessante.

M. – Gostaria de uma forma muito especial agradecer, agradecer a 1 a 2, a 3 a 4 a 5, a 6 a 7 por nos proporcionar né, este momento, eu acho eu foi muito gratificante, para mim como ministrante do curso, espero que para você sido. Então é uma dinâmica diferenciada com outros temas também né, a gente percebe né, que o cinema, a gente percebe que está chegando devagar mas está chegando, eu percebo assim, e eu espero né, ter outros momentos formativos também, não só com este tema mas também com outros, fico muito feliz por ter vocês como cursistas ter vocês como companheiras de trabalho e ter aceitado estar com a gente este momento né, então eu fico assim muito gratificada mesmo, agradecer ao Leandro que teve toda uma disponibilidade, de estar vindo de estar com a gente né, neste momento agradecer a minha orientador A., que ajudou a pensar também toda está proposta. Então a proposta do grupo focal é uma técnica que foi desenvolvido mais pelo pessoal de Marketing e propaganda porque quando começou ter muitas das propostas né, de divulgação do Rádio de Televisão e tal, eles queriam começar a saber como que as pessoas pensavam sobre tudo aquilo que elas eram expostas, então quando a gente quer saber algo não só, porque uma coisa é eu aplicar um questionário individual e o que eu apliquei sei o perfil de vocês, vocês responderam, agora é importante a gente fazer este confronto de ideias né, a gente colocaram ai, nossos pensamentos sobre o tema. Então eu gostaria de agradecer muito a cada uma de vocês. Parabéns para nós. (palmas).

**ANEXOS**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG Comitê de Ética em Pesquisa- CEP Rua Madre Maria José, 122 - 2º. Andar - Bairro Nossa Senhora da Abadia CEP: 38025-100 – Uberaba(MG) Telefone: (0\*\*34) 3318-5776 - E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE IDADE

**Título do Projeto:** As possibilidades de aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica, na formação continuada de professores em Uberaba - MG

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo de pesquisa: “As possibilidades de aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica, na formação de professores em Uberaba-MG”, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação da UFTM, por ser professor/a da Rede Pública Municipal de Uberaba. Para o avanço na área da educação é imprescindível a participação e apoio dos professores que estão atuando, para socialização de conhecimentos e experiências, que ocorrem por meio de estudo como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é analisar e apresentar a linguagem cinematográfica, como um elemento de informação e conhecimento, num processo de formação continuada de professores e as possibilidades de aprendizagem por meio desta linguagem, e caso você participe, você fará parte de um grupo de estudo que participaram de um curso de formação continuada a ser realizado em parceria com o Departamento de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida, pois, o projeto de pesquisa não oferece nenhum tipo de risco ao participante.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou propostas a serem desenvolvidas no curso de formação ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do referido estudo. Eu concordo em participar do estudo/projeto.

Uberaba, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de Identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

**Prof. Dra. Ana Paula Bossler**

Professora Adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.  
Telefone: . Email: [paula.bossler@gmail.com](mailto:paula.bossler@gmail.com)

**Maria dos Anjos Pereira Rodrigues**

Aluna do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro UFTM.  
Telefone: (34) 9194-6922 - Email: [del.anjos@bol.com.br](mailto:del.anjos@bol.com.br)  
ou [mar.anjos@uberabadigiral.com.br](mailto:mar.anjos@uberabadigiral.com.br)

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone: 3318-5776.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG Comitê de Ética em Pesquisa- CEP Rua Madre Maria José, 122 - 2º. Andar - Bairro Nossa Senhora da Abadia CEP: 38025-100 – Uberaba(MG) Telefone: (0\*\*34) 3318-5776 - E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE IDADE PARA O USO DA IMAGEM

**Título do Projeto:** As possibilidades de aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica, na formação continuada de professores em Uberaba - MG

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo de pesquisa: “As possibilidades de aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica, na formação de professores em Uberaba-MG”, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação da UFTM, por ser professor/a da Rede Pública Municipal de Uberaba. Para o avanço na área da educação é imprescindível a participação e apoio dos professores que estão atuando, para socialização de conhecimentos e experiências, que ocorrem por meio de estudo como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é analisar e apresentar a linguagem cinematográfica, como um elemento de informação e conhecimento, num processo de formação continuada de professores e as possibilidades de aprendizagem por meio desta linguagem, e caso você participe, você fará parte de um grupo de estudo que participaram de um curso de formação continuada a ser realizado em parceria com o Departamento de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, caso você participe, será necessário fotografá-lo e/ou filmá-lo. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida, pois, o projeto de pesquisa não oferece nenhum tipo de risco ao participante.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou propostas a serem desenvolvidas no curso de formação ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do referido estudo. Eu concordo em participar do estudo/projeto.

Uberaba, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de Identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

**Prof. Dra. Ana Paula Bossler**

Professora Adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.  
Telefone: . Email: [paula.bossler@gmail.com](mailto:paula.bossler@gmail.com)

**Maria dos Anjos Pereira Rodrigues**

Aluna do curso de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro UFTM.  
Telefone: (34) 9194-6922 - Email: [del.anjos@bol.com.br](mailto:del.anjos@bol.com.br)  
ou [mar.anjos@uberabadigital.com.br](mailto:mar.anjos@uberabadigital.com.br)

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone: 3318-5776.